



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**INSTITUTO DE LETRAS**  
**DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO**  
**LICENCIATURA EM LÍNGUA E LITERATURA JAPONESA**

**DÉBORA HABIB VIEIRA DA SILVA**

**A AFETIVIDADE E O DISTANCIAMENTO NO RELACIONAMENTO ÍDOLO-FÃ:**  
**Um Estudo de Caso Realizado com**  
**Ex-fãs da *Johnny's & Associates***

BRASÍLIA  
2015



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO  
LICENCIATURA EM LÍNGUA E LITERATURA JAPONESA**

**DÉBORA HABIB VIEIRA DA SILVA**

**A AFETIVIDADE E O DISTANCIAMENTO NO RELACIONAMENTO ÍDOLO-FÃ:  
Um Estudo de Caso Realizado com  
Ex-fãs da *Johnny's & Associates***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília (UnB), como requisito para obtenção do diploma de graduado em Língua e Literatura Japonesa.

Orientador: Prof. Dr. Ronan Alves Pereira

**BRASÍLIA  
2015**



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

DÉBORA HABIB VIEIRA DA SILVA

**A AFETIVIDADE E O DISTANCIAMENTO NO RELACIONAMENTO ÍDOLO-FÃ:  
Um Estudo de Caso Realizado com Ex-fãs da Johnny's & Associates**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília (UnB), como requisito para obtenção do diploma de graduado em Língua e Literatura Japonesa.

Aprovado com “Louvor e Distinção” em 19 de junho de 15.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Ronan Pereira Alves (Orientador)

---

Profa. Dra. Tae Suzuki

---

Prof. Lic. Gabriel de Oliveira Fernandes

BRASÍLIA- DF  
2015

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom de minha vida e por me capacitar com a faculdade da inteligência e a perseverança para escrever minha própria história.

Em segundo lugar, gostaria de agradecer a meu pai Belmiro e minha mãe Ivone, por me educarem e por terem me dado a oportunidade de receber um ensino de qualidade, sem o qual esta graduação jamais se faria possível.

A meus amigos e familiares pelo apoio e compreensão ao longo do semestre, em especial ao meu melhor amigo e namorado, que abriu mão de noites de sono para me ajudar na elaboração do trabalho.

A todos os Doutores, Mestres e Professores da Área de Japonês da Universidade de Brasília, por me inspirarem e motivarem ao longo do período de minha graduação, em especial ao professor Ronan Alves Pereira por sua orientação e incentivo ao tema de pesquisa desta monografia e à professora Tae Suzuki por suas palavras de inspiração nos momentos de dúvida quanto à continuidade do trabalho.

Aos participantes deste Estudo de Caso, que cederam algumas horas de seu tempo para responder à entrevista proposta, se colocando à disposição para quaisquer adendos que precisassem ser feitos ao longo da análise realizada.

A todos aqueles que se interessaram pelo meu tema de pesquisa e ajudaram na conclusão deste trabalho através de debates e comentários.

## RESUMO

Esta monografia visa analisar, por meio de um Estudo de Caso realizado com duas pessoas que foram fãs da *Johnny's & Associates* (empresa promotora de ídolos masculinos japonesa), de que maneira se estabelece o vínculo virtual entre fãs e celebridades, a possível existência do fator afetividade neste relacionamento e os motivos pelos quais ocorre a ruptura do vínculo. São explorados os cinco aspectos da intimidade segundo Thomas Kasuli e sua presença ou ausência no vínculo ídolo-fã conforme a memória e crítica dos participantes do estudo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cultura pop japonesa; *Johnny's & Associates*; Ídolos pop; Fãs; Afetividade; Memória.

## ABSTRACT

This monograph intends to analyze, through a Case Study with two people who have been fans of *Johnny's & Associates* (Japanese company which promotes male pop idols), the way the fan-idol bond is established, the possible existence of affection in this relationship and the reasons for the rupture of this bond. The five aspects of Intimacy proposed by Thomas Kasulis are used in order to detect their presence or absence in the idol-fan relationship, according to the memories and criticism of the informants.

**PALAVRAS-CHAVE:** Japanese pop culture; *Johnny's & Associates*; Pop idols; Fans; Affection; Memory.

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>8</b>
<b>1. Cultura Pop e suas Esferas.....</b>	<b>10</b>
1.1. Cultura Pop no Japão.....	10
1.2. Cultura Pop e os <i>Idols</i> .....	12
1.3. Cultura Pop e os Fãs.....	17
1.4. A Popularidade no Ocidente.....	18
<b>2. Questões Teóricas.....</b>	<b>21</b>
2.1. Memória.....	21
2.2. Relacionamentos Interpessoais.....	24
2.3. O Relacionamento Ídolo-Fã.....	28
<b>3. Estudos de Caso.....</b>	<b>34</b>
3.1. Critérios de Escolha.....	34
3.2. Primeiro Caso: Cristina e KAT-TUN.....	35
3.2.1. Identidade como Fã.....	37
3.2.2. Visão dos <i>Idol</i> .....	41
3.2.3. O Vínculo Afetivo.....	43
3.2.4. O Afastamento.....	53
3.3. Segundo Caso: Mariana e NEWS.....	57
3.3.1. Identidade como Fã.....	58
3.3.2. Visão dos <i>Idol</i> .....	61
3.3.3. O Vínculo Afetivo.....	64
3.3.4. O Afastamento.....	75
<b>4. Considerações Finais.....</b>	<b>79</b>
<b>5. Referências Bibliográficas.....</b>	<b>82</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>83</b>
ANEXO A – Questionário Estruturado.....	83
ANEXO B – Entrevista realizada com Cristina.....	89
ANEXO C – Entrevista realizada com Mariana.....	101

## Introdução

As imagens mais tradicionais ligadas ao Japão podem trazer as ideias de costumes arcaicos e exóticos, considerados muito diferentes para aqueles que vivem no Ocidente. Craig (2000, p.04) diz que durante a maior parte do século passado, o país apresentou duas faces para o exterior: a do Oriente exótico, uma terra de samurais, das gueixas de quimono, da cerimônia do chá, de diversos aspectos geográficos, temporais e culturais. O outro lado era o de um Japão poderoso, primeiro militarmente e depois economicamente. A área da cultura pop ainda não havia se expandido e nem todos tinham conhecimento desta face japonesa.

Atualmente, porém, essa cultura – que abarca música (J-pop, J-rock), mangá, animê, *games*, entre outros – já é bastante divulgada. Embora não muito a fundo – salvo por aqueles que possuem um fascínio especial pelo país –, a geração dos jovens de hoje conhece o Japão também pela sua tecnologia e diversos componentes da cultura pop japonesa.

Dentro deste universo, encontra-se o tema deste trabalho: os *idols* japoneses e o estabelecimento de vínculos destes com o público brasileiro.

O fenômeno dos *idols* é típico da cultura pop japonesa, englobando em si todos os aspectos desta cultura e apresentando características que se moldam à sociedade daquele país.

O movimento dos *idols* é relativamente recente no mercado asiático. Mesmo que os primeiros grupos deste tipo de artista tenham surgido nos anos 60, o modelo atual de *idols* como artistas multi-talentosos e em massiva evidência na mídia surgiu na década de noventa com o grupo *SMAP*, promovido pela empresa *Johnny's & Associates*. É, portanto, um tema atual e de relevância para os estudos relacionados ao Japão ainda pouco explorado.

Neste trabalho, buscamos entender como este fenômeno atinge o público no Brasil e, mais especificamente, como se dá o estabelecimento do fator afetividade entre os fãs brasileiros e seus ídolos, bem como determinar o motivo de seu afastamento. Para isto, será realizado um estudo de caso com duas ex-fãs brasileiras da *Johnny's &*

*Associates*, hoje adultas na faixa dos vinte cinco anos, que foram fãs por aproximadamente quatro anos. Serão coletados dados por meio de um questionário estruturado e por entrevista oral.

No primeiro capítulo, serão apresentadas as características gerais da cultura pop japonesa, de que maneira os idols se enquadram nesta esfera e, também, quais são as qualidades que diferenciam um fã de um consumidor comum dos produtos ofertados pela cultura de massa.

O segundo capítulo apresenta questões teóricas que foram utilizadas como base para a interpretação das entrevistas realizadas neste estudo de caso: a memória como um acervo pessoal de identidade, as relações interpessoais como tendência humana e o relacionamento ídolo-fã segundo os cinco aspectos da intimidade propostos por Kasulis (1990).

No terceiro capítulo, serão explorados dois casos distintos de ex-fãs brasileiros da empresa *Johnny's & Associates*, buscando identificar de que forma foi estabelecido o vínculo entre os fãs e seus ídolos durante os anos em que foram fãs, a presença ou ausência do fator intimidade e as circunstâncias nas quais se deu o rompimento do vínculo estabelecido.

Desta forma, será possível traçar uma linha de raciocínio coesa, percorrendo a trajetória entre o ídolo e o fã, desde o aspecto mais abrangente – a cultura pop japonesa como um todo – até o mais pontual – os fãs –, facilitando o estudo e situando o leitor na exploração do tema ao longo desta monografia.

# 1. Cultura Pop e suas Esferas

## 1.1 Cultura Pop no Japão

As características atrativas principais para que a cultura pop japonesa tenha sido tão bem divulgada e aceita, tanto no Japão quanto no resto do mundo, talvez estejam na criatividade e na qualidade da ideia bem como do material. Não é por acaso que se tenha tanto zelo por estes aspectos, uma vez que as origens da cultura pop japonesa residem basicamente na cultura “burguesa” que remonta ao Período Edo (1603 – 1867).

Os contos de aventura e erotismo produzidos durante esse período por escritores como Ihara Saikaku eram cheios das alegrias da vida, expressando “um gosto desenfreado por tudo que era prazeroso, divertido, extravagante, sensacional”. Na atuação, os teatros *bunraku* e *kabuki* assumiram lugar ao lado do antigo e aristocrático *nô*. (...) Esse também foi o período em que Bashô popularizou o *haiku* (...). Além disso, outra forma de arte que emergiu da cultura de massa do Período Edo foi o *ukiyo-e*. (CRAIG, 2000, p.07).

É notável que, desde essa época até os dias de hoje, os altos padrões de qualidade e confecção das ideias e produtos japoneses são incontestáveis. O zelo pelos detalhes é mantido na produção de praticamente todos os materiais. “Para dar vida a esta habilidade, soma-se aos elementos a criatividade e inovação do japonês. É possível vê-las claramente nas áreas onde não há tanto o peso da tradição, como na comédia, na música pop e nos videogames. Esta é a marca da cultura japonesa: a junção do antigo com o novo, do nativo com o estrangeiro, de um gênero e outro” (CRAIG, 2000, p.08), de maneira adaptativa sem que precise haver a substituição de nenhuma das partes.

Do ponto de vista do conteúdo, é interessante notar as particularidades das características, temas, mensagens e valores inseridos nos elementos da cultura pop japonesa. É claro que o conteúdo é bastante abrangente e envolve os mais diversos elementos, mas alguns temas são proeminentes e serão estes os citados nos parágrafos a seguir: as dimensões do conteúdo, o idealismo, a proximidade com a vida cotidiana e, dentro destes três aspectos, as relações humanas, o trabalho e o

crescimento pessoal.

Em primeiro lugar, quando mencionamos a **dimensão do conteúdo**, temos que a cultura pop japonesa retrata a vida em todos os seus aspectos, englobando as experiências positivas e negativas presentes nela. Este traço é herdado principalmente do Xintoísmo, religião marcada pela sua neutralidade ao se tratar do ser humano e dos contextos que o circundam: nada é somente ruim sem que haja algum lado bom, nem tão bom sem que haja algo de ruim. Da mesma forma, a vida também é um processo dinâmico, não linear, marcado por momentos positivos e negativos. Graças a esta mentalidade, é possível retratar diferentes situações sem que haja a necessidade de uma censura ou um apelo ao politicamente correto – o caráter dos personagens não é colocado em cheque em decorrência de uma ou outra ação que tenha cometido, mas sim entendido como uma atitude tomada em um momento pontual em sua história. Esta mentalidade permite, também, que o assunto “vida” seja tratado com mais leveza e liberdade, sem amarras que o prendam a algum aspecto ético ou moral já estabelecido.

Outro tema constantemente presente na cultura pop japonesa é o idealismo, a inocência e o romance. Diferentemente da retratação nos países ocidentais, onde podemos vislumbrar personagens cheios de atitude e que às vezes podem diminuir as outras pessoas, no Japão vemos personagens inocentes, muitas vezes ingênuos, rodeados de amigos e que fazem suas conquistas sem desejar o mal ao próximo. As histórias representadas nos mangás e animês costumam girar em torno de aventuras, da realização de sonhos e do desejo por alguma conquista significativa. Embora este aspecto pareça estar em contradição com o parágrafo anterior, é necessário salientar que os temas que circundam o idealismo são, também, características presentes na vida e, portanto, estão em conformidade com a **dimensão do conteúdo**.

A cultura pop japonesa se aproxima da vida cotidiana na medida em que busca retratar os personagens como imperfeitos, seres multifacetados com pontos positivos e negativos em relação a sua personalidade. Em histórias em quadrinhos ocidentais costumamos ver super-humanos que vivem uma supervida e realizam superfeitos. No Japão temos uma abordagem mais modesta em relação aos personagens e é justamente esta modéstia que evoca um sentimento de identificação, em vez de um

olhar à distância.

Por último, há a constante presença das relações humanas, do trabalho e do crescimento pessoal ao longo da trajetória dos personagens.

Os dois primeiros aspectos, principalmente, nos remetem à mentalidade japonesa no que diz respeito ao dinâmica da sociedade, onde há a valorização da harmonia nas relações interpessoais e a dissolução de conflitos de maneira pacífica, e um direcionamento em relação ao trabalho. Estes temas não só aparecem nas histórias como são retratados de maneira verossímil, rica e conflituosa como de fato o são. CRAIG aponta que o trabalho é representado como mais que um ofício para ganhar dinheiro:

O trabalho dá sentido à vida e se tornar um bom sushiman, arquiteto, professor, (...), jogador de *shôgi* (xadrez japonês), vendedor de sapatos, esteticista, salva-vidas ou comediante é um desafio que o protagonista aceita com devoção. Equilibrar carreira e família é outro tema relacionado a trabalho que tem se tornado comum nos últimos anos, refletindo o enfraquecimento dos papéis tradicionais de gênero, econômicos e familiares no Japão de hoje. (CRAIG, 2000, p.14)

O terceiro aspecto é o crescimento pessoal dos personagens nas tramas. São personagens que passam por constantes provações ao longo das histórias e que aprendem e ganham experiência por meio delas. O crescimento pessoal é mais predominantemente demonstrado no campo espiritual, na conquista de um amadurecimento mental, seja se tornando mais paciente, mais determinado ou mais sincero. É também mais comum vermos personagens que, por meio da dedicação, do treinamento árduo, se torne mais forte ou mais competente para realizar determinada tarefa do que personagens inatamente capacitados.

## **1.2. Cultura Pop e os *Idols***

Até aqui foi levantado um pequeno panorama da cultura pop no Japão, com suas principais características e temas. Mas, como estão inseridos os *idols* neste cenário? Por que podemos afirmar que eles fazem parte desta construção cultural? E ainda, por que os ídolos pop japoneses adquiriram imagens tão singulares e foram tão bem

aceitos e moldados à sociedade do país? Mesmo não tendo talento muito acima da média, sendo considerados por muitas pessoas como “artistas amadores”, o mercado de entretenimento japonês está impregnado de produtos *idol*: como ilustrado pelos modelos fabricados de artistas cujo objetivo principal é o entretenimento do público.

Em primeiro lugar, é conveniente delinear o uso dos termos que estarão presentes ao longo do trabalho. Começemos por “ídolo” e *idol*, que aqui adquirirão sentidos diferentes.

De acordo com o dicionário Michaelis, as possíveis definições para ídolo são duas:

**“ídolo (í.do.lo) sm (lat *idolu*) 1** Estátua, figura ou imagem que representa uma divindade e que é objeto de adoração. **2** Objeto de grande amor, ou de extraordinário respeito.”

Um ídolo é, de maneira sucinta, aquele que é venerado. Nesta monografia, este termo será utilizado de maneira genérica para se referir a uma celebridade que é adorada por seus fãs, podendo ela ser um cantor ou cantora, um ator ou atriz, enfim, qualquer pessoa que assuma uma posição de veneração aos olhos de seus seguidores.

*Idol*, em inglês e itálico, será utilizado para se referir aos アイドル *aidoru* – celebridades multitalentosas japonesas, treinadas e mediadas por agências especializadas em promover jovens para o mercado. Em alguns casos, será utilizado o termo “ídolos pop” para evitar a repetição do termo *idol* e manter a diferenciação com “ídolo”.

Um terceiro termo, que não será utilizado no trabalho, mas que se faz importante distinguir é タレント *tarento* (do inglês, *talent*). *Tarento* é o termo utilizado para artistas multi-talentosos presentes na mídia japonesa: todo *aidoru* é um *tarento*, mas nem todo *tarento* é um *aidoru*. Isto porque, para ser considerado como *idol*, é necessário que a pessoa tenha sido treinada desde uma tenra idade com o objetivo de ser lançada no mercado – além disso, costumam se apresentar em grupos ou, ao menos, em duplas. Em contrapartida, um *tarento* pode ter sido descoberto e promovido já como adulto e pode atuar sozinho. Esclarecida esta questão, podemos prosseguir.

Os primeiros *idols* apareceram no mercado musical a partir do início da década de sessenta e dos anos setenta. Apresentavam uma proposta inovadora em comparação com seus predecessores: a música, até então direcionada aos adultos, com letras e conteúdo mais profundo e maduro, mudou de público alvo, focando agora a cultura dos adolescentes.

Sua aceitação pelo público mais velho não foi positiva e o movimento recebeu muitas críticas por ser representado basicamente por artistas com talentos que não chamavam atenção e técnicas vocais medíocres. Porém, devido à aprovação dos jovens, finalmente contemplados pela música popular, logo se expandiu pelo país sendo alvo de diversas áreas da mídia. Foram lançadas inúmeras tendências direcionadas aos jovens, desde produtos baseados nos que os ídolos usavam até a maneira de se vestir. Os artistas inspiravam os fãs e logo todos desejavam ser como eles: a pessoa comum que estaria tendo a oportunidade de ser famosa.

A popularização dos *idols*, dando origem ao fenômeno conhecido como *idol boom* no fim dos anos sessenta não foi ao acaso. Ele coincide com o período pós-guerra japonês conhecido como “milagre econômico”:

Foi um tempo em que anos de crescimento econômico, e o trabalho duro e sacrifício que produziram esse crescimento, estavam dando a luz a uma nova cultura de consumismo alimentada pelos salários crescentes e apreciada pela tentativa de uma nova geração em se diferenciar dos mais velhos não apenas pelo trabalho duro, mas também pelo apreço aos frutos desse esforço. Esse também foi um período de rápidas mudanças sociais, com várias pessoas se mudando do interior para as cidades em busca de empregos e movimentação, e uma tradição de três gerações sob o mesmo teto sendo substituída pela família nuclear. Somando isso com o stress e o rápido ritmo que acompanha uma vida moderna e industrializada, você terá um período de adaptação não muito diferente dos anos de crescimento na adolescência. Muitos japoneses, e não apenas adolescentes, foram forçados a fazer uma transição de antigos limites sociais e maneiras de vida já estabelecidos para um mundo de crescente dinamismo e complexidade que era a vida urbana contemporânea. Os ídolos pop, eles mesmos também lutando para encontrar o seu degrau na escada do show business, serviam como “anjos guias” para uma população passando por uma jornada parecida com as suas. (AOYAGI, 2000, p. 317)

Inspirados por todo esse dinamismo e desejo de se diferenciar dos mais velhos, milhares de jovens se inscreveram nos diversos concursos promovidos na época,

organizados com o objetivo de buscar novos *pop stars*. Além dos concursos locais, surgiram também programas de TV exibidos nacionalmente para selecionar os próximos artistas de sucesso.

Neste contexto, começaram a emergir agências gerenciadoras de talentos, que tinham o papel de pré-selecionar e treinar jovens que desejassem participar dos concursos. Com o tempo, as próprias agências treinavam e lançavam seus artistas no mercado.

Nos países ocidentais, os artistas se destacam por terem um talento obviamente notável, como uma voz poderosa capaz de atingir diversas escalas musicais, ou características físicas e habilidades consideradas incríveis em relação ao padrão. Eles passam uma imagem de confiança e individualidade, e são admirados por seus fãs justamente por essas qualidades. No Japão, pelo contrário, o “todo” é valorizado em detrimento do indivíduo: culturalmente, o pensamento singular é desencorajado e as opiniões pessoais devem ser diminuídas para que todos possam se adequar ao grupo a que pertencem.

Dessa maneira, é possível traçar uma série de fatores que contribuem para inserir o modelo *idol* japonês nessa sociedade onde reina a filosofia de que o conjunto deve ser valorizado acima do indivíduo. Seguindo esta lógica, nem mesmo os artistas deveriam divergir completamente do povo. Os *idols* se encaixam perfeitamente na mentalidade japonesa: são considerados “suficientemente normais”. A imagem passada por eles é de que “qualquer pessoa comum pode atingir o sucesso se se esforçar o suficiente”. Por mais que tenham algum talento ou uma beleza acima do padrão, não se destacam de uma maneira exagerada nem ofendem ou chocam o público alvo e, pelo contrário, cativam os fãs.

Essa característica é conhecida como 等身大 *tôshindai*, ou *life-sized*; como o nome diz, significa que os artistas não estão muito distantes daquilo que é considerado como uma “vida normal”. Eles não vivem em um mundo completamente distante da audiência e justamente por isso criam uma impressão de proximidade e identidade pessoal.

Ser *life-sized* é confirmar publicamente que os *idols* não estão vivendo neste mundo sozinhos, mas estão juntos com pessoas que estão aqui para apoiá-los e que esperam receber o mesmo apoio deles. Estas pessoas são seus clientes, os membros do *staff*, produtores... adultos e crianças... e todos os que estiverem interessados. As relações humanas são o que mantêm os ídolos em seu lugar e permitem o mundo dos negócios de ídolos funcionar. Mesmo que os *idols* devam se tornar um modelo a ser seguido de alguma forma, e devam, de certa maneira, representar o público, esse papel não pode ser atingido se não estiverem em harmonia com as pessoas ao seu redor (...) (AOYAGI, 2000, p. 311).

A identificação gerada por esse fenômeno além aos *idols* a imagem de alguém próximo ao público, recebendo assim o nome de 疑似的仲間 *gijiteki-nakama* (*quasi-companions* ou “pseudocolegas”). Existe aí uma sensação fictícia de proximidade que, embora seja fantasiosa, exerce um considerável efeito psicológico nos fãs e pode se tornar mais forte do que uma amizade real. Isto porque, em uma idealização de relacionamento, não há conflitos ou risco de decepção por nenhuma das partes. *Idols* passam a imagem de estarem sempre alegres e nunca desapontarem seus fãs. Existem diversas estratégias que contribuem para a manutenção dessa proximidade artista-fã que serão citadas mais adiante.

Outra característica imprescindível para um *idol* é o que os japoneses chamam de かわいいスタイル *kawaii style* ou “estilo bonitinho”, englobando “boa aparência, expressões verbais adoráveis, caligrafia desajeitada, e cantar, dançar, agir e falar de forma ‘meiga’” (AOYAGI, 2000, p.312). Enquanto as *idols* femininas agem de maneira que tange muitas vezes o infantil, os *idols* masculinos costumam parecer カッコイイ *kakkoi* ou “estilosos”. “Fãs mulheres normalmente concordam que tentar parecer estilosos é o que faz dos *idols* homens *kawaii*” (AOYAGI, 2000, p.312).

Por meio destas três características dos *idols* (*tôshindai*, *gijiteki-nakama* e *kawaii style*), podemos ver claramente sua localização nos temas presentes na cultura pop japonesa. São especialmente proeminentes o **idealismo**, quando cativam seus fãs a perseverarem junto a eles; **a proximidade com a vida cotidiana**, ao se tornarem acessíveis aos fãs, demonstrando que são pessoas de carne e osso assim como eles; **e as relações humanas, o trabalho e o crescimento pessoal** – presentes em toda a trajetória de um *idol*.

A participação da divulgação e do papel da mídia para a popularização dos ídolos pop e sua trajetória nas diferentes esferas da sociedade é outro aspecto notável. Querendo ou não, o contato com esse tipo de artista é inevitável, pois sua música está presente nas rádios, nas estações de metrô e até mesmo em supermercados; seus rostos estão estampados em diversos pôsteres de propaganda espalhados pela cidade; estão sempre atuando, seja como personagens principais, seja como secundários em séries, filmes, etc. Enfim: estão constantemente em evidência nos meios de comunicação e suas mensagens continuam sendo propagadas entre o público com facilidade.

Pode ser que os ídolos japoneses não sejam os cantores e atores mais talentosos do mundo, mas enquanto continuarem a refletir as preocupações e sonhos de sua audiência, e a oferecer modelos de novos estilos de vida e amizade cruzando culturas, sua presença será forte e lucrativa no mundo da cultura pop. (AOYAGI, 2000, p. 325)

Os sociólogos Eric Barnouw e Catherine Kirkland (1992, p.50) argumentam que as personalidades da cultura pop e suas performances “não servem apenas para o entretenimento e para ganhar dinheiro, mas também para desenvolver e oferecer um repertório de temas, perspectivas (...) que podem ser usadas pelo público para o entendimento do mundo”. Nesse aspecto, o *idol* japonês se adéqua perfeitamente à sua função na cultura popular.

### **1.3. Cultura Pop e os Fãs**

“A perspectiva dos fãs pode ser encontrada não apenas nos estudos sobre o Japão, mas dentro de uma área acadêmica mais ampla voltada para o consumo e a cultura de massa que abrange várias disciplinas, desde Antropologia e Sociologia até História, Literatura, Comunicação e Estudos Midiáticos.” (KELLY, 2011, p. 4). Esta área, conhecida como Estudos Culturais, mostra que os consumidores tendem a atribuir significados aos produtos que adquirem. O público das produções populares procura não apenas compreender semanticamente e literalmente o que consome, mas também dar sentido a elas de uma maneira que condiga com sua própria vida pessoal, experiências

e anseios.

Esta qualidade está presente não só nos fãs, mas também no consumidor em geral, o que ao mesmo tempo contribui e dificulta o entendimento do que é um fã. A distinção entre os dois tipos de público se torna evidente quando analisamos o comportamento de um verdadeiro e dedicado fã. Este apresenta um vigor muito maior em relação a vários aspectos como o foco, o tempo investido e principalmente a intensidade do significado e intimidade que constroem com seus objetos de adoração. De igual importância a seu excesso de dedicação aos objetos que consomem são os “*fandoms*”, comunidades de prática onde os fãs podem validar e intensificar suas ações.

Neste sentido, KELLY aponta seis proposições que ajudam a identificar “o fã como participantes de um processo cultural e os *fandoms* como comunidades produtoras de significado”. (KELLY, 2011, p.7). São elas:

**1) Fãs são os consumidores mais ativos da produção artística e os produtores mais eloquentes.** Assistir, escutar, ler e comprar pode sempre requerer algum nível de compreensão e interpretação do material. Fãs, contudo, levam este conceito a um outro nível. Por meio de suas significações, seja produzindo materiais ou conteúdos, se tornam uma fonte de informação para outros fãs ou o público em geral;

**2) Fãs sabem mais tanto quanto se importam mais.** Não é a quantidade de conhecimento que um fã tem que o diferencia de um consumidor comum, mas também o comprometimento e o sentimento atrelado à informação. É importante frisar, porém, que mesmo dentre os fãs, a fronteira entre o conhecimento e a interpretação afetiva atribuída é algo nebuloso. Alguns indivíduos sentirão mais afetividade do que outros, pois cada um é diferente em sua maneira de significar a informação, o que não necessariamente implica em ser “mais” ou “menos” fã.

**3) O fandom é levado a sério, por estar relacionado com a identidade de uma pessoa, não apenas com seu lazer.** É comum vermos alguns torcedores que vão ver seu time jogar no estádio, porém a pessoa que acompanha todos os jogos do ano é uma raridade. Assim como há uma diferença entre pessoas que vão ao cinema por lazer e outras que acompanham todos os lançamentos. O fã se enquadra no segundo

caso. Ele se identifica com algo que se transforma em sua fonte de divertimento e lazer. Alguns casos podem se tornar extremos quando alguns fãs atribuem ao ídolo todo sentido da sua vida.

**4) O fã busca intimidade com seu objeto de atenção, seja ele um programa, um gênero (seja musical, literário ou teatral), um time ou uma celebridade.** Fãs não se satisfazem apenas com o fato de frequentarem um show de seu ídolo, eles sentem a necessidade de saberem mais, estarem mais perto, terem um encontro pessoal com o artista. Fãs de futebol não estão satisfeitos com apenas assistir aos jogos, eles precisam “possuir” seus ídolos, por exemplo, colecionando seus autógrafos. Fãs de música não se contentam com escutar os CDs, eles precisam ver suas celebridades preferidas, estar em contato com elas. “Intimidade pode ser intrínseca à corporalidade de um aperto de mão e na materialidade de um vinil e no trêmulo singular de uma voz, mas também no efêmero e virtual.” (KELLY, 2011, p. 9) É possível sentir conexão com uma *persona* e não com a pessoa em si.

**5) Ser fã pode tanto ser uma jornada solitária e pessoal quanto uma prática coletiva.** O relacionamento entre o fã e seu ídolo pode ser característico de um para um, mas também de um grupo para o ídolo. Fãs usualmente produzem e mantêm comunidades com práticas comuns. Este hábito de se reunirem em grupos, porém, nem sempre acontece. Os fãs podem ter práticas mais solitárias de consumo. Isso se deve ao fato de que eles, muitas vezes, têm um forte senso de competitividade, impedindo-os de querer compartilhar seus conhecimentos, objetos, enfim, sua gama de representações do ídolo com outras pessoas.

**6) Os fãs testam limites entre o excessivo e o obsessivo.** Fãs, muitas vezes, tecem uma tênue linha entre a fantasia e o fanatismo. Quando e onde o conceito de intimidade se torna idolatria? Onde está a separação entre um fã e um fanático? Esta é uma problemática muito difícil de se definir, pois “os meios oficiais da sociedade, a população em geral e os próprios fãs podem ter padrões incomensuráveis de normalidade e morais” (KELLY, 2011, p. 12). Este, portanto, não será um ponto explorado ao longo deste trabalho.

Levando em conta estes pontos, foram escolhidas para esta monografia pessoas que já foram fãs de *Idols* e hoje em dia já não estão mais envolvidas nesta prática. Esta é uma questão relevante para a condução do estudo, pois, com a quebra do vínculo, serão capazes de fornecer uma visão crítica sobre suas ações e significações dentro do *fandom*.

#### **1.4. A Popularidade no Ocidente**

Craig (2000, p.16) argumenta que, enquanto a aceitação da cultura pop japonesa nos países asiáticos se dá por meio da similaridade dos costumes, dos temas e do cotidiano entre o Japão e estes países, a aceitação pelo público ocidental se dá justamente pela diversificação e pelo contraste. A cultura pop japonesa atua de maneira a complementar as características e temas presentes na cultura pop no Ocidente.

Na medida em que os elementos que são abundantes na cultura pop japonesa – histórias complexas e o desenvolvimento dos personagens; retratações francas da natureza humana; sonhos e otimismo romântico; perspectivas das crianças; foco nas relações humanas, trabalho e força mental – são mais escassos na cultura pop ocidental, os consumidores do ocidente acham que o Japão pop enriquece suas dietas de cultura pop, fornecendo a eles uma gama mais completa de formas, temas e pontos de vista para apreciar e, talvez, se deixar influenciar por eles. (CRAIG, 2000, p.17).

Dentro desta realidade, esta monografia visa identificar de que maneira os fãs brasileiros recebem, percebem e dão sentido aos ídolos pop japoneses por meio de um estudo de caso realizado com duas pessoas. Busca investigar de maneira crítica através da memória de ex-fãs experiências relacionadas à intimidade construída com os *idols* (especificamente, aqueles produzidos e lançados pela empresa *Johnny's & Associates*) e determinar o motivo de seu afastamento, apontando as particularidades deste relacionamento assimétrico em um contexto diferente do japonês.

## 2. Questões Teóricas

### 2.1 Memória

Para verificar de que maneira os fãs brasileiros se relacionam com os ídolos pop japoneses e determinar o motivo de seu afastamento, será realizado um estudo de caso com base em entrevistas em que as pessoas exporão suas lembranças de vivências neste sentido. Sendo assim, o objeto a ser analisado é a própria memória que esses ex-fãs têm de seus relacionamentos com seus ídolos. Mas, o que é, afinal, a memória? Como se dá o seu funcionamento?

Todos os dias, utilizamos esta palavra para transmitir várias ideias diferentes. Dizemos que temos boa memória, que temos uma memória melhor para rostos do que para nomes, que nossa memória está falhando e tantos outros exemplos. Estas afirmações evocam a ideia de que a memória seria um objeto definido, uma capacidade que nos pertence e que faz parte de nossa estrutura, como se a memória dissesse respeito a uma área do nosso cérebro assim como nossos membros fazem parte do nosso corpo.

A memória, porém, não é um objeto em si, mas um conjunto de atividades cerebrais que envolve a aquisição, a formação, a conservação e a evocação de informações. “A aquisição é também chamada de aprendizagem: só se ‘grava’ aquilo que foi aprendido. A evocação é também chamada de recordação, lembrança, recuperação. Só lembramos aquilo que gravamos, aquilo que foi aprendido.” (IZQUIERDO, 2002, p. 9)

Estamos constantemente passando por novas experiências e fazendo novas descobertas que, julgadas importantes, são armazenadas em nossos cérebros. Quando desejamos retomar informações, acessamos estas lembranças e recuperamos a memória correspondente a elas.

As memórias dos humanos e dos animais provêm das experiências. Por isso, é mais sensato falar em “memórias” e não em “Memória”, já que há tantas memórias possíveis quanto forem as experiências possíveis. (IZQUIERDO, 2002, p. 16).

IZQUIERDO (2002, p. 9) nos traz a ideia de que “somos aquilo que recordamos”. Evidentemente, não é possível realizarmos feitos ou nos recordarmos de informações que nunca aprendemos. O indivíduo que somos hoje é o conjunto de todas as nossas experiências e aprendizados. Não seria possível nos comunicarmos por meio da linguagem ou projetarmos planos para o futuro com base em memórias que nunca tivemos. O conjunto de experiências e memórias adquiridas é o que define nossa personalidade e torna cada pessoa um **indivíduo** distinto de todos os outros seres humanos, com suas particularidades e interpretações de mundo próprias.

O complemento dessa ideia de Izquierdo é que “também somos o que resolvemos esquecer”. De fato, não é possível nos lembrarmos de absolutamente todas as experiências pelas quais passamos ao longo da vida. Ao escrevermos uma autobiografia, por exemplo, somos capazes de elencar os pontos altos de nossas vivências e expô-las em algumas centenas de páginas, encadernarmo-las e produzirmos um livro autobiográfico. Se pedíssemos a um médico, a um professor ou a um biólogo que nos dissesse tudo o que aprenderam ao longo de sua carreira, provavelmente o fariam em poucas horas.

Ora, se é possível que resumamos anos de vivência e aprendizado em horas ou em algumas páginas, fica evidente que aquilo que recordamos faz parte de uma pequena fração dessas experiências – aquelas que por algum motivo nos marcaram de tal forma que foram armazenadas – ao passo de que outras tantas memórias foram descartadas.

São muitos os fatores que levam ao esquecimento e não se faz aqui de considerada relevância que os listemos. Para os propósitos desta monografia, o que é imprescindível levantar é que, se somos o que lembramos, é de suma importância a coleta das memórias de ex-fãs como uma base de dados para que possamos remontar suas histórias e compreender melhor quem são como indivíduos, podendo assim analisar sua vivência com os *idols* de maneira mais eficaz.

Notadamente, existem tipos diferentes de memória. A memória do primeiro beijo não é a mesma memória que construímos ao aprender que devemos afastar a mão da

tomada para não levarmos um choque. Lembranças referentes às habilidades que somos capazes de realizar não são iguais às lembranças que dizem respeito a conteúdos específicos de medicina, biologia ou gramática.

A memória pode ser classificada de três maneiras diferentes: de acordo com a sua função, com o tempo que duram e com o seu conteúdo. Para os fins deste trabalho, não se faz relevante explorar em detalhes cada uma destas classificações. Seria interessante, porém, discorrer sobre os tipos de memória segundo o conteúdo: as memórias declarativas.

Memórias que dizem respeito a eventos, experiências, fatos ocorridos ou conhecimento são denominadas declarativas. O nome provém do fato de que é possível que, por meio da linguagem, declaremos sua existência e possamos relatar como as adquirimos. Dentre as memórias declarativas, temos as episódicas e as semânticas. Aquelas memórias relativas a eventos que vivenciamos são episódicas. São memórias relacionadas ao nosso primeiro namoro, nossa formatura ou o natal do ano anterior. Como constituem fatos que dizem respeito a nós mesmos, são memórias autobiográficas. Por sua vez, conhecimentos como regras gramaticais e o modo de se resolver cálculos fazem parte das memórias semânticas e são gerais. As memórias dessas classificações – episódicas e semânticas – podem ser evocadas simultaneamente: é possível que recorramos à experiência da nossa primeira aula de português para que nos lembremos dos conhecimentos de soletração, por exemplo.

É importante lembrar que embora existam diversas classificações teóricas para o comportamento das memórias, na prática, constantemente, temos uma mistura de memórias ao evocarmos uma lembrança. Quando buscamos recuperar determinada experiência, fazemos uso da memória de trabalho para procurar em nossos “arquivos” de memória por fragmentos que tenham relação com aquele tema, recordando automaticamente de diversas outras vivências até nos fixarmos naquela em específico. É lógico que este processo se dá praticamente de maneira instantânea, uma vez que as sinapses entre os neurônios ocorrem de maneira muito rápida e eficaz.

Por causa disso, e principalmente pelo fator do esquecimento que é característica inseparável da memória, nossos “arquivos” de memória constituem

verdadeiros emaranhados de experiências construídas sobre outras experiências. Temos a chamada memória acima da memória.

Nosso cérebro possui milhões de memórias e fragmentos de memórias. O segundo está em maioria e é sobre essa base que formamos ou evocamos outras memórias. Nosso acervo não constitui em uma organização linear de informações, mas se assemelha a cidades não planejadas, onde uma construção se junta à outra. As reproduções de vivências, de lembranças, são evocadas a partir de fragmentos de outras memórias e, por isso, constituem em uma história própria, mediada pela nossa consciência. Tal fato não significa, porém, que as experiências relatadas não compartilhem verossimilhança com o acontecimento real: a própria existência dessas memórias afirma uma vivência verdadeira que constitui a história do sujeito.

## **2.2. Relacionamentos Interpessoais**

O ser humano é, por natureza, aberto aos relacionamentos. Desde a pré-história temos nos organizado em comunidades para a caça, o plantio e melhores condições de sobrevivência às adversidades da natureza. Podemos aprender com a própria existência da sociedade a tendência ao coletivismo a que nossa espécie está submetida.

Sendo propensos a relações sociais, temos a tendência a formar vínculos. Desde os primeiros meses de vida, mesmo que motivados inicialmente por fatores biológicos como a necessidade de alimentação, buscamos interagir uns com os outros.

Foi com isto em mente que Bowlby (1907–1990) formulou a Teoria do Apego, uma das mais bem aceitas teorias que visa explicar nossas relações interpessoais na infância. Esta teoria constata que a formação de um vínculo – o apego – nos primeiros meses de vida com um cuidador, seja ele a mãe, o pai, ou um adulto qualquer, é imprescindível para o bom desenvolvimento psicológico e afetivo daquele indivíduo ao longo de sua trajetória.

Bowlby se baseia no fator “sensação de segurança” para construir um vínculo saudável com o cuidador (HINDE, 1997, p. 386). É por meio do provimento desta que o bebê será capaz de explorar o ambiente, experimentar e retornar à sua base segura –

que são as pessoas com quem desenvolveu um laço afetivo. Se os pais forem capazes de suficientemente prover os bebês com este fator, então o estabelecimento de um vínculo seguro foi estabelecido. O tipo de vínculo assegurado com o cuidador irá determinar se as estruturas afetivas serão desenvolvidas de maneira saudável e satisfatória ou não. Além do apego seguro, existem outros três tipos de apego, melhor visualizados na tabela a seguir:

**Padrão de comportamento da criança e do cuidador antes dos 18 meses de idade (WIKIPEDIA,s.d.)**

<b>Padrão de apego</b>	<b>Criança</b>	<b>Cuidador</b>
<b>Seguro</b>	Usa o cuidador como uma base segura para exploração. Protesta contra a partida do cuidador e busca proximidade, e é confortada na volta, retornando à exploração. Pode ser confortada por estranhos, mas mostra clara preferência pelo cuidador.	Reage de forma apropriada, rápida e consistente às necessidades. O cuidador formou, com sucesso, um vínculo paternal seguro com a criança.
<b>Ansioso</b>	Pegajoso, incapaz de lidar com a ausência do cuidador. Procura garantias constantemente.	Excessivamente protetor da criança, e não pode permitir a tomada de riscos, e dá passo rumo à independência.
<b>Ambivalente/ Resistente</b>	Incapaz de usar o cuidador como uma base segura, busca proximidade antes que a separação ocorra. Irrita-se com a separação com ambivalência, raiva, relutância a aconchegar-se ao cuidador e voltar a brincar em seguida. Preocupa-se com a disponibilidade do cuidador, buscando contato, mas resistindo furiosamente quando é alcançado. Não é acalmada facilmente por estranhos. Neste relacionamento, a criança sempre se sente ansiosa porque a disponibilidade do cuidador nunca é consistente.	Inconsistente entre respostas apropriadas e negligentes. Geralmente, irá reagir apenas depois do aumento do comportamento de apego do recém-nascido.
<b>Evitativo</b>	Pouca partilha afetiva em jogo. Pouca ou nenhuma irritação com a partida, resposta pequena ou não visível ao retorno, ignorando ou afastando-se sem qualquer esforço para manter	Pequena ou nenhuma resposta à irritação da criança. Desencoraja o choro e encoraja a independência.

<b>Desorganizado</b>	contato, se segurada. Trata o estranho semelhantemente ao cuidador. A criança sente que não há apego; portanto, a criança é rebelde e tem baixa auto-imagem e auto-estima.	
	<u>Estereótipos</u> como se sentisse frio ou balançasse ao retorno. Falta de estratégia de apego coerente demonstrada por comportamentos contraditórios e/ou desorientados, como aproximar-se, mas com o rosto virado.	Comportamento assustado ou assustador, intrusão, afastamento, negatividade, confusão de papéis, erros de comunicação afetiva e maus-tratos. Muito frequentemente associado a muitas formas de abuso contra a criança.

A partir deste vínculo estabelecido, o bebê é capaz de diferenciar o seu papel e o papel do cuidador no relacionamento, bem como diferenciar o papel do cuidador do papel de outro adulto qualquer que não seja aquele provedor do seu bem estar. A esta estrutura de interação, onde cada papel é bem definido e percebido pelo bebê, damos o nome de “modelo interno de funcionamento” e é sobre ela que iremos projetar os futuros papéis de relacionamento a que estaremos submetidos ao longo da vida (BRETHERTON, 1990).

O que são esses papéis? Se pararmos para analisar as diferentes situações a que estamos submetidos no curso de nossa vivência, veremos que somos capazes de adaptar nossas maneiras de pensar, de agir e de reagir conforme o contexto (HINDER, 1997, p.5). Uma pessoa assume diferentes papéis ao longo de seu dia, ou às vezes de um minuto para o outro. Quando estamos em nossos lares, assumimos o papel de filhos, pais, mães, esposos, esposas ou irmãos. Em nosso ambiente de trabalho, assumimos o papel de professores, floristas, vendedores, psicólogos, ou seja, qual for a função na qual estamos atuando. Em um mesmo momento do dia, ao interagir com seu filho na mesa de jantar, o papel assumido é de pai ou mãe, mas ao se dirigir ao seu marido ou esposa, o papel assumido será de cônjuge.

Todos nós, seres humanos, assumimos uma infinidade de papéis. São incontáveis as situações a que estamos submetidos ao longo da vida. Eles variam, também, conforme o nível de intimidade entre as pessoas em um relacionamento.

Quando não conhecemos muito bem alguém, vestimos uma espécie de máscara, pensamos melhor na maneira de agir e analisamos mais minuciosamente a reação da outra pessoa antes de interagirmos novamente com ela. Uma série de cuidados é tomada para que se mantenha a harmonia nesta relação. Em contrapartida, quando temos intimidade o suficiente com outra pessoa, assumimos um papel mais próximo da nossa real personalidade, sem muitas amarras em relação a como agir ou o que dizer.

Esta constatação evidencia que as relações humanas fazem parte do nosso cotidiano influenciando praticamente todos os aspectos de nossa vivência. Nosso próprio sistema de percepção pessoal está submetido à percepção que temos de outras pessoas. Só somos capazes de definir a nossa personalidade ao nos compararmos com os outros. Só podemos saber que somos tímidos, a partir do momento em que tivemos contato com alguém que seja extrovertido e tenhamos constatado esta diferença.

Não se sabe ao certo o que motiva o estabelecimento dos relacionamentos interpessoais. Sendo estes vínculos permeados pela afetividade, alguns teóricos apontam para a manutenção da “homeostase biopsíquico-social”, termo derivado da “homeostase biopsíquica” – o processo pelo qual “o organismo satisfaz suas necessidades e mantém seu equilíbrio sob condições adversas” (NERY, 2003. p.19) – como causa e objetivo de nossa conduta.

Nesse sentido, a conduta está intimamente associada à afetividade: em primeiro lugar, à satisfação das necessidades e, com base no desenvolvimento e na aprendizagem dos papéis pelos vínculos, à realização de desejos e expectativas. (...) Portanto, é inegável que a afetividade é o motor de nossa conduta, direciona-nos bem como nos motiva para o desempenho de um papel num contexto e num momento. (Nery, 2003, p.19)

A partir de nossas necessidades, de qual seja a nossa busca, somos compelidos a interagir mais ou menos com determinados indivíduos, dando início a um relacionamento. Para que possamos construir laços de amizade, um namoro ou apenas nos aproximarmos mais uns dos outros, é necessário que haja um conjunto de interações, de ações e reações, de pensares e agires que estreitarão estes vínculos. É por isso que dizemos que alguns relacionamentos são mais próximos do que outros.

Até agora temos falado de como interagimos uns com os outros, em como as

relações humanas estão presentes em todos os aspectos da vida e que o estabelecimento de vínculos faz parte de nossa natureza. Se, no parágrafo acima, se informa que para construir laços necessitamos interagir, como se enquadra, então, o relacionamento dos fãs com seus ídolos neste universo?

Faz-se relevante para este estudo retomar o conceito de papéis para que possamos classificá-los. De acordo com Nery (2003, p.18), “todos os tipos de papéis que desempenhamos podem ser relacionados às categorias de vínculos que podemos estabelecer: os residuais, os atuais e os virtuais. Os vínculos atuais são os que se verificam nas relações concretas, no plano da realidade em contraposição ao da fantasia. Os vínculos residuais são aqueles que no passado foram atuais e se encontram desativados, aqueles cuja existência está no plano da fantasia, como memória. Os vínculos virtuais têm como âmbito também a fantasia, tais quais os residuais”, e são os vínculos que o

sujeito estabelece com objetos/personagens imaginários ou míticos (como o “príncipe encantado, por exemplo), ou muito distantes da realidade concreta, embora reais (tais como um ídolo artístico ou político). (AGUIAR, 1990, p.61).

Algumas vezes, os vínculos virtuais podem se tornar tão fortes quanto os reais, a depender do nível de envolvimento da pessoa com a sua fantasia. Foi mencionado anteriormente que a afetividade permeia os relacionamentos. É, de fato, por meio da vivência da afetividade que somos capazes de assumir os mais variados papéis, que atribuímos significado ao mundo e, por vezes, o nosso mundo pessoal. Neste trabalho, o objetivo é identificar se o aspecto da afetividade está presente no estabelecimento do vínculo com o *idol* japonês e se, de fato, este vínculo é estabelecido.

### **2.3. O relacionamento Ídolo-fã**

Como mencionado no tópico anterior, é possível que um relacionamento seja considerado mais ou menos próximo, conforme o nível de intimidade construído. Esta intimidade é o resultado das interações entre os indivíduos envolvidos no relacionamento. Mesmo em um relacionamento onde temos papéis imaginários, é

possível construir esta intimidade perceptível – por sua natureza imaginária, fantasiosa, as interações também se darão desta forma, pois não se pode, de fato, conviver com seus ídolos. Há, portanto, outros tipos de fatores que permitem a construção desta intimidade.

Por meio da informação, seja ela obtida oficialmente (por meio das revistas exclusivas do fã clube organizado pelas empresas promotoras de ídolos, por exemplo) ou não oficialmente (através de comunidades de fãs na internet), os fãs podem fortalecer o vínculo com aqueles a quem admiram. “Informação, apesar de ser intangível, tem um valor específico, pois aproxima os fãs das estrelas por meio do poder do conhecimento” (STEVENS, 2011, p. 59).

Em sua obra *Intimacy: A General Orientation in Japanese Religious Values*, Kasulis (1990) ramifica o conceito de intimidade em cinco aspectos, a saber:

- 1. Intimidade como conhecimento não-público;
- 2. Intimidade como um relacionamento interno entre partes que se sobrepõem, não como um vínculo externo;
- 3. Intimidade como experiência afetiva;
- 4. Intimidade como conhecimento somático e experiencial;
- 5. Intimidade como conhecimento intuitivo não-racional.

A relação construída entre os ídolos e fãs configura um verdadeiro “comércio de emoções”, mediada pelos cinco aspectos da intimidade.

Em primeiro lugar, assim como já mencionado anteriormente, pela obtenção de informações, os fãs alimentam o relacionamento com seus ídolos. Essas informações podem ser divididas entre públicas, como por exemplo, os horários de shows e os lançamentos de novos CDs, e não públicas, que englobam, por exemplo, altura, peso, tipo sanguíneo ou preferências pessoais dos artistas no âmbito amoroso e familiar. Quanto maior o nível de não-publicidade do conhecimento obtido, maior será a sensação de intimidade construída com os artistas.

Não fortuitamente, as próprias agências promotoras de ídolos organizam fã-clubes oficiais aos quais os fãs podem se associar mediante o pagamento de uma taxa anual, recebendo assim acesso às publicações periódicas com entrevistas e

informações exclusivas dos artistas, além de acesso a blogs pessoais e eventos de aperto de mão, os chamados 握手会 *akushukai*. Dentro deste universo dos fãs-clubes, os participantes podem compartilhar entre si e multiplicar a quantidade de conhecimento não-público relacionado ao ídolo, exclusivo aos “verdadeiros” fãs dos grupos. Essa rede de conhecimento e relações sociais também contribui para a manutenção da base de fãs dos artistas.

Com base em Stevens (2011), é possível de acrescentar um subtema a este primeiro tópico: o consumo. Segundo Merry White (1994, p. 138), “a cultura jovem japonesa contemporânea é caracterizada pela obsessão com colecionáveis e informação”, estando um intimamente ligado ao outro: a acumulação de objetos à aquisição de conhecimento. A cultura *idol* não está longe deste padrão: seus fãs consomem não apenas participando de shows e apresentações, mas também comprando uma gama de produtos que carreguem o nome ou imagem dos grupos que apoiam. “Os fãs conquistam proximidade por meio do acúmulo de objetos, como uma espécie de capital emocional” (STEVENS, 2001, p. 61). Por meio deste comércio, os fãs sentem que estão apoiando seus ídolos. É porque os fãs compram e financiam seus artistas favoritos que eles podem continuar a produzir as canções de que tanto gostam. Além disso, o acúmulo de bens materiais – bem como o acúmulo de informação – permite que os fãs se identifiquem como, de fato, fãs de seus ídolos.

Em segundo lugar, temos a construção de um relacionamento entre partes que se sobrepõem. Podemos explicar este aspecto sob o ponto de vista da empatia. Na visão dos fãs, o sofrimento do artista é também o seu próprio sofrimento, assim como o sucesso dos artistas é seu próprio sucesso. Configura um relacionamento somático, onde é difícil delimitar o término de uma das partes e o início de outra. Desta forma, os fãs se fazem um com seus ídolos, compartilhando de suas experiências e conquistas e intensificando cada vez mais seu vínculo com eles.

O terceiro aspecto diz respeito ao comportamento emocional. Este aspecto é particularmente proeminente nos relacionamentos de *idols* com os fãs, pois “acima de tudo, a emoção é o que impulsiona o comportamento (dos fãs), compelindo-os a ouvir, comprar, aclamar, bater palmas, ansiar (...)” (YANO, 2011, p. 45). Dentre as

características que diferem os fãs de consumidores comuns está o envolvimento emocional e a construção do vínculo com seus artistas e outros fãs. Segundo Yano (2011, p.45), outro aspecto importante é, novamente, o fenômeno dos fã-clubes. Quando os fãs se reúnem em um grupo de conhecidos com afinidades familiares, se sentem mais confortáveis para agir de uma maneira que não agiriam sozinhos. A atuação em grupo permite, por exemplo, a euforia conjunta nos shows e a sensação de liberdade ao cantar, gritar, enfim, ao permitirem que suas ações sejam mediadas por impulsos emocionais mais facilmente.

Em quarto lugar, a intimidade como conhecimento somático e experiencial. Esta é evidenciada por meio das respostas físicas aos estímulos do meio. É o que explica, por exemplo, reações como o coração acelerado ao ver o artista, hiper-excitação ao frequentar apresentações e até possíveis desmaios. A principal maneira de construir este conhecimento é por meio da troca corporal. Frequentemente, as empresas responsáveis pelos *idols* promovem eventos de aperto de mão (握手会 *akushukai*) onde os fãs têm a oportunidade de trocar poucas palavras com seus ídolos e tirar fotos ao lado deles. Desta maneira, eles constroem experiências que são sustentadas tanto pela memória física do contato com o ídolo, quanto pela memória emocional do encontro. Outra forma de promover a troca corporal é durante os shows, onde os artistas frequentemente descem do palco e caminham nos corredores da casa de shows, estendendo as mãos para se deixarem ser tocados pelo público ou, até mesmo indiretamente, lançando objetos como brindes à plateia.

Por último, há o aspecto intuitivo e inexplicável da intimidade. Não é possível colocar em palavras todos os aspectos que regem os relacionamentos humanos. Toda relação pessoal possui um elemento intuitivo, inexplicável, impossível de ser expressado de maneira pragmática. Os fãs dos *idols* mantêm um relacionamento com seus ídolos simplesmente porque se sentem compelidos a fazê-lo.

Um sexto aspecto, importante para a definição do relacionamento ídolo-fã no Japão, é levantado por Yano (2011, p. 46): “身代わり *migawari*, que significa literalmente 'troca de corpos' e se refere a pessoa, ato ou estado de substituição. Na sociedade japonesa, a troca pelo outro – o *dainin* (substitutivo) pelo *honnin* (pessoa

verdadeira) – é uma prática comum na vida pública.”

Dessa maneira, os fãs são encorajados a não apenas ter empatia por seus ídolos, como também a “substituí-los”. Por exemplo, ao cantar suas músicas em karaokês, os fãs agem como o próprio artista no que diz respeito à promoção e popularização de suas canções. Este é outro fator da intimidade porque gera uma interdependência entre os artistas e seus fãs: aqueles dependem destes para contribuir com a sua popularidade; estes dependem daqueles para continuarem satisfazendo seu desejo por produções novas.

Todas essas ramificações da intimidade estão condicionadas pelo carisma do artista. Yano (2011, p. 47) aponta que o aspecto social do carisma é de especial interesse neste tema: “o fenômeno de um líder com inúmeros seguidores (...). Seja em religião, na política ou no entretenimento, um relacionamento carismático se desenvolve entre uma figura humana e uma imagem em forma humana que se transforma em uma figura super-humana”.

Em sua pura definição, um relacionamento carismático é assimétrico – tanto em termos numéricos, sendo um relacionamento construído entre uma só pessoa e milhares de seguidores, quanto em termos valorativos, com a transformação do ídolo em um ser imaculado.

Como já visto anteriormente, a popularidade dos *idols* se dá em razão de, entre outros, eles serem capazes de se fazer perceptualmente tangíveis a seus fãs. Portanto, é imprescindível um esforço contínuo dos ídolos pop para manter uma imagem de 等身大 *tôshindai* (“suficientemente normal”) seja com palavras dirigidas a fãs em shows, seja em entrevistas ou em seu modo de agir.

Este tópico nos deu exemplos de estratégias utilizadas pelas empresas promotoras de *idols* para a manutenção da sua base de fãs. É importante frisar que este trabalho defende a ideia de que a principal maneira de promoção de seu “produto” é a construção de vínculos emocionais com os fãs. A própria anatomia dos ídolos pop é voltada para o relacionamento com os fãs, atendendo a todos os aspectos da intimidade explorados ao longo deste tópico. Esta afirmação será um pouco melhor exemplificada ao longo do próximo capítulo, com a apresentação da empresa *Johnny's*

*& Associates* e com as análises sobre os relacionamentos ídolo-fã estabelecidos.

## 3. Estudos de Caso

### 3.1. Critérios de Escolha

Para o Estudo de Caso desta monografia foram escolhidas duas pessoas que foram fãs de grupos *idol* da empresa *Johnny's & Associates* por períodos de três a cinco anos. São duas mulheres que foram fãs durante a adolescência e hoje, como adultas, podem fornecer uma visão crítica de seus atos, sua mentalidade na época e o motivo de seu afastamento. Ambas foram fãs na mesma época – por volta de 2007 a 2013 – e eram moradoras de Brasília durante este período.

O objetivo é identificar a formação do vínculo com seus ídolos, verificando a existência ou não de um caráter afetivo, além de determinar o motivo pelo qual se afastaram da prática. A análise de dois casos diferentes, mas que apresentam circunstâncias semelhantes (mesmo tempo, mesma idade, mesmo ambiente) tornará mais fidedigna a condução do estudo, permitindo comparar as semelhanças e diferenças entre os dois relacionamentos.

Para isto, a empresa escolhida foi a *Johnny's & Associates* – nome oficial para fins internacionais que leva no título o nome de seu presidente “*Johnny*” H. Kitagawa – por ser o maior nome na produção de ídolos pop japoneses do sexo masculino no mercado japonês. “Kitagawa tem mantido um monopólio na criação de *boybands* no Japão há 43 anos.” (CAMPION, 2005, s.p.). Este ano a empresa completa 53 anos desde o lançamento de seu primeiro grupo, *The Johnnies*, em 1962. Desde então, a “*Johnny's*” têm produzido nomes de sucesso como Kondo Masahiko, Kimura Takuya, Domoto Koichi, Matsumoto Jun e Yamashita Tomohisa. O próprio modelo de *idol* como um artista multi-talento, massivamente em evidência em vários meios de comunicação, como conhecemos hoje, tem como base o grupo SMAP produzido pela empresa na década de noventa.

Kitagawa recruta garotos que chegam a ser tão novos quanto dez anos de idade para fazer parte de um grupo de talentos conhecidos como *Johnny's Juniors*. Os *Juniors* debutam como *back dancers* de grupos já estabelecidos, fazendo com que os fãs se familiarizem com sua aparência antes mesmo de

serem lançados no mercado como grupos. 'Sequestrados' em uma escola especial administrada pela agência de talentos, eles participam de uma rigorosa programação de treinos de canto, dança, atuação e acrobacias. (CAMPION, 2005, s.p.)

Desta forma, a produção dos ídolos pop na *Johnny's & Associates* assemelha-se a uma produção em massa, um modelo de formação das “celebridades perfeitas” cujo objetivo é, além da venda, estabelecer condições para a criação de vínculo fantasioso por parte das fãs, principalmente de adolescentes.

Hoje em dia, a *Johnny's & Associates* mantém sob sua administração 18 grupos de ídolos pop, além de ter produzido outros 39 grupos ou *idols* solo já aposentados. Alguns dos grupos ativos produzidos pela *Johnny's* são: *SMAP*, *TOKIO*, *KinKi Kids*, *Arashi*, *Kanjani8*, *KAT-TUN* e *Hey! Say! JUMP*. Os ídolos pop ou grupos produzidos pela agência são genericamente conhecidos por “*Johnny's*”.

### **3.2. Primeiro Caso: Cristina e KAT-TUN**

Cristina\*, de 24 anos, foi fã de *idols* japoneses por cerca de três anos e meio. Seu primeiro contato com a *Johnny's & Associates* foi ao assistir a um show do grupo KAT-TUN na casa de uma amiga, quando tinha 15 anos.

Meu primeiro contato foi assistir um show. Fui à casa de uma amiga e aí fui assistir um show. E aí achei legal né, nunca tinha visto, nunca tinha assistido um show de uma *boyband*. De *boyband* nenhuma. Talvez uma apresentação do BROZ. Quem é BROZ né? Ninguém lembra (risos). Então, assim, foi novidade pra mim. Achei legal né, aqueles cantores que dançavam e, né, um milhão de roupas... Realmente, eu achei muito legal, achei interessante. E aí eu quis buscar mais sobre isso. E aí eu fui gostando cada vez mais, me interessando cada vez mais, até que eu realmente me tornei fã.

---

\* Todos os nomes utilizados nos estudos de caso foram substituídos por nomes fictícios para manter a privacidade dos entrevistados.

Imagem 1 – Grupo KAT-TUN



A palavra KAT-TUN utiliza as iniciais de cada membro do grupo:  
**K**amenashi Kazuya, **A**kanishi Jin, **T**aguchi Junnosuke,  
**T**anaka Koki, **U**eda Tatsuya e **N**akamaru Yuichi.

Cristina conta que foi uma menina muito tímida na infância, não cultivava muitas amizades no período escolar. Com aqueles poucos amigos que tinha, sentia-se à vontade para se expressar e, a partir do momento em que se familiarizava com as pessoas, deixava a timidez de lado e se tornava uma garota extremamente extrovertida. Hoje em dia, considera-se extrovertida e engraçada, mas ainda um pouco tímida. De acordo com suas palavras

Hoje eu sou mais aberta a fazer amizades. Eu faço amizades muito fácil hoje. Eu normalmente não sou a pessoa que, por exemplo, puxo (sic) o assunto, mas a partir do momento em que puxam o assunto comigo, a amizade acontece mais naturalmente. Eu não sou tão intimidadora como eu era quando eu era mais nova.

O ambiente familiar, desde os primeiros anos de vida, sempre foi muito acolhedor e sem muitos conflitos. Apesar de se relacionar normalmente com a família e amigos, nunca namorou, embora o tenha desejado. Considera sua auto-estima baixa, pois não consegue se sentir satisfeita com sua aparência física e isto a impede de se sentir confiante.

### 3.2.1. Identidade como Fã

As atividades que Cristina praticava como fã envolviam diversos fatores: o consumo de mercadorias, de informação e a socialização com outros fãs da *Johnny's & Associates*. Ela narra:

Na época, a minha vida meio que girava em torno da *Johnny's*. Minha rotina girava em torno dos horários que eu ficava vendo as coisas, eu era bastante viciada mesmo. Eu gostava muito das músicas, gostava muito de ver eles (sic) apresentando, gostava de ver esses programas de auditório com eles, porque eles eram muito engraçados...

No trecho acima, ela compara seu comportamento ao de uma pessoa viciada. De fato, diversos trechos da entrevista com Cristina revelam um comportamento bastante compulsivo, impulsionado pela emoção, realizado de maneira acrítica, especialmente no que diz respeito ao consumo. A própria Cristina mencionou por diversas vezes na entrevista conduzida o termo “maníaco”. De acordo com ela, uma pessoa maníaca seria

aquela pessoa viciada, que não consegue parar de fazer aquilo, que no meu caso era acompanhar tudo o que eles faziam, sem poder falhar nenhum dia, saber tudo o que eles faziam, ser completamente viciado a ponto de ser maníaco.

Este comportamento “maníaco” de Cristina se evidencia principalmente na sua maneira de se relacionar com o consumo. As perguntas e respostas abaixo destacam esta mentalidade:

**Você colocou aqui que você era fã de outros artistas japoneses que não eram *Johnny's*. Você vê alguma diferença entre ser fã de outros artistas e ser fã de *Johnny's*? Tinha alguma diferença?**

Tinha porque os outros grupos (de) que eu gostava, as outras bandas, eles, não sei explicar, não (me) deixavam tão louca (com) vontade de comprar as coisas. Eu acompanhava, mas não era tanto quanto eu acompanhava os *Johnny's* e tudo mais. Era menos 'maníaco' digamos assim.

**Por que era tão 'maníaco' e não era maníaco com os outros?**

Não sei explicar não. Talvez eu fosse mais fã dos *Johnny's* do que eu era dos outros, por isso eu me sentia compelida a comprar tudo, ou tudo que eu conseguisse comprar. Mas, não sei se tem uma explicação assim mais específica pra isso.

**Você sente que você já gastou mais do que devia para comprar alguma coisa de *Johnny's*?**

Sim. Um álbum que eu gastei duzentos reais. Mais de duzentos reais.

**Que álbum foi esse?**

Do Pi. (Yamashita Tomohisa).

**Na época o que te impulsionou a comprar?**

Ah, uma loucura momentânea mesmo. *Em seguida do momento(sic)* que eu comprei eu falei 'pra quê que eu fiz isso?' (risos). Mas é um CD muito bonito. A questão é que os produtos dos *Johnny's* – os produtos japoneses em geral – são muito bonitos visualmente. Então quando você tem um, você quer ter os outros porque eles são realmente muito bem feitos, o material muito bonito, impressões muito bem feitas. Acaba que você para de pensar, principalmente quando você tá muito dentro da coisa, você para de pensar no preço, sabe? E aí você acaba comprando por impulso, ou acaba comprando porque você coleciona... Eu comprava muito por colecionar. Eu gosto de ter o CD original, faço isso com outras bandas que nem são japonesas. Eu gosto de ter o original. Então eu fazia isso como colecionadora. Mas admito que também tem coisas que são desnecessárias, tipo eles lançarem dez versões do mesmo álbum e você querer as dez. É bem 'maniaco'. Era algo que eu faria na época que hoje eu não faria.

**Você se sentia extasiada ao adquirir novos produtos ou assistir vídeos deles?**

Sim, com certeza. Principalmente quando eu comprava, né, os produtos e eles chegavam... E aí era muito emocionante. Parecia que eu tinha ganhado um prêmio, assim, 'meu deus, o CD chegou!'. E os programas também. Principalmente quando eles iam lançar alguma coisa nova, que eu acompanhava desde o início, desde quando eles começavam a soltar pedacinhos do clipe, pedacinhos da música... E aí finalmente lançavam alguma coisa... Era extasiante, eu ficava empolgada e animada.

**Alguma coisa que você comprou na época você acha que foi supérfluo?**

Tem alguns itens que não são exatamente de música né, sei lá, revistas... calendários... principalmente calendários. Não me faça contar a história do calendário (risos). Eu comprei um calendário que, na época, era de dois ou três anos atrás. Então era um calendário que já tinha passado do prazo e ainda assim eu comprei só porque ele era de *Johnny's* e tinha vários deles. Não precisava. Hoje eu vejo e penso *'caramba, gastei meu dinheiro em um produto que eu realmente não precisava. Era inútil'*. Mas dos CDs eu não me arrependo. Por mais que eles fossem caros demais, por causa dessa questão de colecionar os originais, eu não me arrependo. Agora revistas e calendários, esses itens mais inúteis digamos assim, eu me arrependo. Acho que eu não precisava ter comprado.

**E o que você acha que te levava a comprar esse tipo de coisa?**

A vontade de ter tudo, né, de poder ter absolutamente tudo que eles lançassem. Não sei o que impulsionava essa vontade, mas essa vontade de querer ter absolutamente tudo era o que fazia a gente comprar. Comprar os produtos que eles lançavam nos shows, as revistas, os CDs, todas as milhões de versões de cada CD... Você se sentia como se você não fosse uma fã de verdade se você não tivesse tudo o que eles lançassem."

**Você sentia que você comprar esse tipo de coisa era como se você estivesse tendo um pouquinho deles, assim?**

“Não, mas eu sentia essa questão de... Eu era menos fã se eu não comprasse.

Como apresentado anteriormente no Tópico 2.3 (O Relacionamento Ídolo-fã), a aquisição de bens materiais se relaciona não só com a obtenção dos objetos em si, mas com a construção da identidade do fã. Além de mencionar no trecho acima que seria “menos fã” se não comprasse, quando questionada se venderia suas coisas por ter deixado de ser fã, Cristine respondeu:

Eu às vezes penso que como eu não gosto mais, que poderia vender pra alguém que goste... Mas eu fico com dó. Porque eu investi muito dinheiro nesses CDs, nesses DVDs, nessas coisas... E eu gosto dessa coleção, de olhar e ver os CDs. Até porque me lembra uma fase da minha vida, uma época. Não deixa de ser uma lembrança.

E em outro trecho:

É como se fosse aquele brinquedo que você ganhou na infância e que você ainda gosta até hoje. Não que você ainda goste de brincar com o brinquedo, mas ele te traz uma sensação, uma lembrança de algo que foi bom pra você, algum momento da sua vida. É mais ou menos isso. Me lembra uma época que eu era muito feliz, que eu gostava muito, curtia muito. Não sinto mais aquilo, mas é muito nostálgico, né? Então eu gosto de ter, ainda, meus CDs.

O valor dos objetos não está relacionado apenas à figura estampada neles, mas também a uma fase, uma memória, à pessoa que você era quando adquiriu aquele produto. A existência da coleção é, para um fã, além da construção do relacionamento com o ídolo, uma construção de si mesmo.

Além do consumo de produtos, Cristina também ouvia as músicas produzidas por eles e assistia a apresentações em *shows* e clipes oficiais e consumia uma gama de informações por meio dos programas de televisão ou de entrevistas concedidas a revistas especializadas.

Tinham algumas informações que eram muito pessoais, né? Gostos, atitudes que eles tomavam, como eles viam a vida... Que eu não sei se eram bem verdade quando eles falavam, né, mas a partir de que(sic) eles falassem isso, eu acreditava que conhecia eles melhor, que eu entendia eles, o que eles ‘tavam sentindo. Como se eu realmente conhecesse e fosse amiga deles.

Quando foi requisitada que atribuisse uma nota de um a dez para os conhecimentos que adquiriu de seu membro preferido do grupo, respondeu a nota máxima. Lembra-se que na época o considerava “bobão, engraçado e talentoso”, mesmo que hoje em dia tenha mudado de opinião. As informações que adquiria não eram apenas por meios oficiais, poderiam também se tratar de boatos:

Teve muitos boatos ,né? Boatos de eles ‘tarem namorando... Que, na época, como você se sentia dono deles, isso perturbava um pouco, mas nada demais também. Superei isso muito rápido de achar que eles não deviam namorar, que eles tinham que ser nossos, essas coisas. Mas é uma coisa que eles (*Johnny’s & Associates*) colocam na cabeça dos fãs, que “*a gente é de vocês, relaxa que a gente não vai namorar nunca*”. E aí eles aparecem namorando. Algumas fãs ficam meio revoltadas, mas eu não fiquei muito nessa não. Mas tinha muitos boatos disso ou boatos de *briguinhas* entre eles, às vezes, mas não me lembro de nenhum boato específico, não.

Lembrei de um boato muito massa agora. O boato do Ryo expulsando a guria do táxi. Eles ‘tavam se pegando... Parece que eles saíram de uma boate e foram pro táxi e eles ‘tavam se pegando, e aí ela disse que não queria (ir para casa com ele). Aí ele enxotou ela do táxi (risos)

**E como você se sentiu em relação a esse boato?**

Achei muito engraçado. Fiquei com dó da fã, na real. Da fã não, né, a menina nem devia ser fã, devia ser uma pessoa normal. Mas achei muito engraçado. Isso não me deixou menos fã do Ryo não, continuei gostando do Ryo. (risos) Ele era muito zoadado.

Ao ser questionada se ela considerava que saber mais sobre os ídolos dela fazia com que os conhecesse, e que desejasse ser amiga deles, respondeu:

É, eu diria que sim. Também tinha muito essa mesma questão do fã indigno né, que se eu não conhecer eles (sic), ou como eles pensam, ou como eles agem, eu não sou uma fã digna. Então era preciso saber tudo sobre eles, saber como eles gostavam das coisas, como eles pensavam, como eles agiam. Até por causa disso, para ser uma fã que eles se orgulhassem, alguma coisa assim.

Ela conta, também, que fez amizade com outros fãs que duram até hoje, embora não compartilhem mais dos mesmos gostos. Para ela, ter amigos que conversavam sobre os mesmos assuntos que ela era um incentivo para continuar no *fandom*. Ela sentia que podia agir ou fazer coisas que não faria se estivesse sozinha.

Principalmente quando eu assistia os *shows*, né, eu me sentia como se eu estivesse lá. Então eu surtava como se eu estivesse no *show* mesmo, gritava como se eu estivesse mesmo lá. Meus pais achavam que eu tava surtando mesmo, tipo literalmente. E... eu tava só curtindo o *show*. Era uma coisa que quando eu estava com as pessoas do meu grupo de amigos que gostava, todo mundo fazia isso. Mas quando pessoas de fora do grupo viam, achavam que era muito exagero toda aquela animação por conta de um DVD de *show*. Esse tipo de situação.

### **3.2.2. Visão dos *Idol***

Buscando identificar a natureza do vínculo que Cristina estabeleceu com os *idol*, foi realizada, ao longo da entrevista, uma série de perguntas que diziam respeito ao porquê de ser fã: se ela os achava talentosos, o que a atraía nos *Johnny's* e qual era a imagem que ela tinha deles.

Nem todos eram realmente talentosos como cantores, principalmente como dançarinos. Mas eles tinham talentos específicos assim, alguns eram realmente melhores no canto, outros eram melhores atuando como atores mesmo em algum drama ou alguma coisa assim, outros eram bons com entretenimento, né, apresentavam programas bem, esse tipo de coisa. Agora, o legal deles era justamente isso né. Eles eram um grupo que cada um era bom em alguma coisa e acho que era isso que atraía tanto, era isso que era legal neles. Mas eles eram talentosos sim, não vou negar que eles eram talentosos.

Cristina afirmou que uma das coisas que a fazia considerar os *idols* interessantes era justamente o fato de serem artistas multitalentosos e o contato que sentia que tinha com eles. Os trechos abaixo demonstram de que maneira Cristina percebia os *idols* por meio dos programas que acompanhava.

Eles não eram só cantores, assim, né... Eles eram engraçados... A partir do momento (em) que você acompanhava demais as coisas que eles faziam, né, tipo os programas, os shows e tudo mais, você via que eles eram engraçados e divertidos, além de cantores. Que alguns nem cantavam assim tão bem, mas que eles eram carismáticos e isso era um atrativo.”

#### **Por que você assistia programas de auditório com eles?**

“Justamente por essa questão carismática que eles tinham né. Era engraçado você ver eles (sic) interagindo um com o outro sem ser musicalmente, assim, sem ser cantando mesmo. Então isso era divertido, eles eram realmente muito engraçados. Então eu acompanhava por causa disso.”

#### **Você sentia que você tinha um contato com um lado mais pessoal deles assim, então?**

“Isso. Você conhecia eles (sic) né. Principalmente aqui (no Brasil) né, a gente não tinha esse contato pessoal literalmente com eles. Tipo de ir em show, de ir

nesses programas. Era a forma que a gente tinha de estar mais perto dos *idols*.

Por meio da obtenção da informação, Cristina sentia que conhecia os ídolos melhor como pessoas. De fato, o tipo de informação divulgado nas entrevistas costumava ser de teor pessoal. Informações como o que gostavam de fazer no tempo livre, suas comidas preferidas, seu tipo de garota ideal eram bastante comuns. A informação, porém, não é adquirida apenas de maneira explícita. Existem outros elementos que contribuem para a formação de uma identidade do ídolo, que envolvem desde suas falas até sua maneira de agir. A partir das falas dos ídolos, de suas atitudes, de suas reações, ela acreditava realmente conhecê-los melhor.

A gente tinha essa sensação, né, que se encontrasse com eles na rua, seria uma amizade viável, possível assim, a partir do que a gente conhecia. *“Ah, ele é legal nesse ponto, a gente poderia ser amigos por causa disso”*. Esse tipo de coisa.”

A gente acabava que gostava deles como se fosse um amigo, digamos assim, né. Você via os defeitos. Você ‘tava lá vendo: *“Ah, nossa, ele não sabe dançar absolutamente nada, mas eu gosto dele assim mesmo”*. Era tipo isso.”

**Era até bonitinho né? (risos)**

“Exatamente. Era até legal ver como eles eram desengonçados e como eles não tinham a menor coordenação entre si assim. Às vezes você via eles (sic) sozinhos e falava *“nossa, ele dança bem”*, aí você via eles no conjunto e falava *“não, pera...”*.”

Ao ser requisitada que exemplificasse uma situação, alguma informação que obteve sobre ele, que fosse o tipo de coisa na personalidade do seu membro principal que fizesse com que ela desejasse ser amiga dele, respondeu:

Eu achava legal no Jin, não sei se é exatamente alguma coisa que me fizesse querer ser amiga dele, não sei se chega a ser algo tão específico, mas eu achava muito legal como ele queria ser pai. Eu achava isso legal, o sonho da vida dele era ser pai e ele gostava de sair com os *amiguinhos* dele que tinham filhos porque ele podia ficar brincando com os filhos dos amigos dele. E eu achava isso muito fofo, muito humano talvez, tirava aquela visão de *idol* que ele tinha, de perfeito, que não tinha vontades e erros e nada. Era só uma pessoa normal. E eu achava isso legal, humano nele. Talvez fosse algo que eu gostasse. *“Ah, tá vendo, ele é mais que um idol, ele é uma pessoa com vontades e tal”*.

A respeito desta mesma situação narrada por ela, afirmou também sentir empatia por ele da maneira que sentiria se fosse realmente um amigo ou conhecido.

...eu ficava achando bonitinho e ficava com pena dele, porque ele não tinha família e queria ter um filho.

**E não podia, porque ele fazia parte da *Johnny's*?**  
É, exatamente.

Cristina disse também já ter se imaginado em situações românticas com seu ídolo Jin. Gostaria de ir a um parque de diversões e ouvi-lo tocar uma de suas músicas para ela. O motivo era que uma vez havia visto um programa de TV onde ele fazia a mesma coisa com uma garota que levou a um encontro. Se pudesse, gostaria de tê-lo conhecido na época e ser amiga dele.

**Por quê? Só porque ele era bonito, ou tinha toda essa questão de você sentir que o conhecia...?**

Acho que é uma resposta um pouco mais simples. É tipo, o seu ídolo, seu grande ídolo digamos assim, e você gostaria de ter alguma coisa mais íntima com ele. Independente de ser um ídolo japonês assim. Acontece que eu era muito viciada nesses ídolos e acabava que eram eles. A gente tem isso por atores, por outros artistas que não são do meio musical. Só que talvez eu fosse um pouco mais '*maníaca*' do que eu precisava ser.

Ao ser perguntada sobre se haveria um sentimento de rivalidade em relação a outras fãs gostarem dele também, uma espécie de competição, respondeu:

Nada muito específico, mas era como se eu sentisse ciúme das outras fãs. Acho que era por isso que rolava essa competitividade de ser a melhor, conhecer mais, pra ser considerada a número um. Era meio que nesse sentido de ser mais digna, como se isso fosse fazer que ele gostasse mais de mim se eu fosse mais digna e por isso as outras fãs eram indignas. Mas nada que tenha gerado algum tipo de discussão ou briga. Eu só tinha ciúmes das outras fãs.

### 3.2.3. O Vínculo Afetivo

Antes de iniciar a análise dos dados, se faz relevante retomarmos os conceitos que diferenciam os *idols* japoneses de celebridades genéricas: 等身大 *tôshindai* (“suficientemente normais”), 疑似的仲間 *gijiteki-nakama* (“pseudocolegas”) e かわいいス

アイドル *kawaii style* (“estilo bonitinho”). É por meio destas características que os ídolos pop japoneses buscam estabelecer um vínculo afetivo com seus fãs. Dentre as três, as duas primeiras possuem um caráter psicológico que provém da sensação de empatia e familiaridade com os ídolos, enquanto a terceira está mais relacionada à aparência dos artistas.

Observando os comentários de Cristina em relação aos *idols*, podemos destacar de que maneira sua visão está relacionada às duas primeiras qualidades referentes aos ídolos pop japoneses, como demonstra a tabela a seguir:

Tabela 2 – Qualidades do *Idol* (Visão de Cristina)

Qualidades do <i>Idol</i>	
等身大 <i>tôshindai</i> (“suficientemente normais”)	疑似的仲間 <i>gijiteki-nakama</i> (“pseudocolegas”)
"Nem todos eram realmente talentosos como cantores, principalmente como dançarinos. Mas eles tinham talentos específicos (...)"	"Você conhecia eles né."
"(...) o legal deles era justamente isso né. Eles eram um grupo que cada um era bom em alguma coisa e acho que era isso que atraía tanto, era isso que era legal neles."	"Era a forma que a gente tinha de estar mais perto dos <i>idols</i> ."
"(...) se encontrasse com eles na rua, seria uma amizade viável (...)"	"(...) se encontrasse com eles na rua, seria uma amizade viável (...)"
"(...) Você via os defeitos, você tava lá vendo 'Ah, nossa, ele não sabe dançar absolutamente nada, mas eu gosto dele assim mesmo. '"	"A gente acabava que gostava deles como se fosse um amigo (...)"
"Era até legal ver como eles eram desengonçados e como eles não tinham a menor coordenação entre si assim."	"(...) você gostaria de ter alguma coisa mais íntima com ele."
"E eu achava isso muito fofo, muito humano talvez, tirava aquela visão de <i>idol</i> que ele tinha, de perfeito, que não tinha vontades e erros e nada."	"(...) mas era como se eu sentisse ciúme das outras fãs."
"Era só uma pessoa normal. E eu achava isso legal, humano nele."	"(...) fazer (com) que ele gostasse mais de mim (...)"
"(...) 'Ah, tá vendo, ele é mais que um <i>idol</i> , ele é uma pessoa com vontades e tal'."	

Estes comentários evidenciam que Cristina de fato acreditava que os ídolos eram representações fieis da pessoa que eram na vida real. Tanto seus defeitos quanto qualidades não eram forjados ou interpretados, mas sim evidenciados na mídia para que pudessem compartilhar sua personalidade com os fãs. Para ela, os *idols* eram pessoas com quem, de certa forma, se relacionava e conhecia, desejando também

estabelecer um contato mais íntimo. Tendo isto em vista, visamos verificar de que maneira ela buscava aprofundar sua intimidade com seu membro preferido do grupo KAT-TUN, Akanishi Jin, e com o próprio grupo, norteando-nos nos aspectos da intimidade expostos por Kasulis (1990) explicados e exemplificados no Tópico 2.3 (A Intimidade Ídolo-Fã) do capítulo anterior. Apenas o quinto aspecto, isto é, o caráter da inexplicabilidade das relações interpessoais, não será explorado nesta análise, por não haver dados recolhidos que fossem suficientes para incluí-lo.

Tabela 3.1 – Aspectos da Intimidade: Conhecimento

Aspecto da Intimidade	
1. Conhecimento	“Tinham algumas informações que eram muito pessoais. Gostos, atitudes que eles tomavam, como eles viam a vida (...)”.
	“A partir de que (sic) eles falassem isso, eu acreditava que conhecia eles (sic) melhor, que eu entendia eles, o que eles ‘tavam sentindo”.
	“Como se eu realmente conhecesse e fosse amiga deles”.
	“Teve muitos boatos, né? Boatos de eles estarem namorando...”.
	“(…) tinha muitos boatos disso ou boatos de briguinhas entre eles”
	“O boato do Ryo expulsando a guria do táxi. Eles ‘tavam se pegando... (...)”.
	“(…) se eu não conhecer eles (sic), ou como eles pensam, ou como eles agem, eu não sou uma fã digna.”.
	“Então era preciso saber tudo sobre eles, saber como eles gostavam das coisas, como eles pensavam, como eles agiam.”.
	“A partir do momento (em) que você acompanhava demais as coisas que eles faziam, né, tipo os programas, os shows e tudo mais, você via que eles eram engraçados e divertidos,”.
	“ Você conhecia eles (sic), né?”.
	“Eu achava legal no Jin (...) como ele queria ser pai. “.
	“Eu acho que queria ir a um parque de diversões (com ele). Andar na roda gigante. (...) Uma vez eu vi um programa que ele foi em (sic) uma roda gigante e tocou violão para uma menina aquela música dele que eu gosto, 'care'.”
	“(…) Na época eu diria que ele era bobão, engraçado e talentoso, cantava muito bem.”.

1. Conhecimento	“(...) conhecer mais, pra ser considerada a número um.”
-----------------	---

O conhecimento é o que permite que a imagem do ídolo seja construída. Eles serão significados a partir de toda a informação coletada, seja de maneira explícita e direta por meio de entrevistas (*“Tinham algumas informações que eram muito pessoais. Gostos, atitudes que eles tomavam, como eles viam a vida (...)”*), *“A partir de que [sic] eles falassem isso, eu acreditava que conhecia eles[sic] melhor, que eu entendia eles[sic], o que eles ‘tavam sentindo”*), de maneira indireta por meio de histórias construídas em torno dos ídolos (*“Uma vez eu vi um programa que ele foi em [sic] uma roda gigante e tocou violão para uma menina aquela música dele que eu gosto, ‘care’.”*) ou que os fãs escutam a respeito deles (*“Teve muitos boatos, né? Boatos de eles estarem namorando...”*), *“(...) tinha muitos boatos disso ou boatos de briguinhas entre eles”*, *“O boato do Ryo expulsando a guria do táxi. Eles ‘tavam se pegando... (...)”*), seja de maneira implícita, por meio de atitudes tomadas por eles em qualquer tipo de contexto (*“A partir do momento (em) que você acompanhava demais as coisas que eles faziam, né, tipo os programas, os shows e tudo mais, você via que eles eram engraçados e divertidos”*).

Era devido a este tipo de informação que Cristina sentia que podia afirmar categoricamente: *“Você conhecia eles [sic], né?”*; *“Na época eu diria que ele era bobão, engraçado (...)”*; *“(...) eles eram engraçados e divertidos”*.

Sua motivação para pesquisar tanto a respeito de seu ídolo é explícita: sua identificação como fã e receber a aprovação dele. (*“(...) se eu não conhecer eles [sic], ou como eles pensam, ou como eles agem, eu não sou uma fã digna.”*), *“(...) conhecer mais, pra ser considerada a número um.”*)

Tabela 3.1.1 – Aspectos da Intimidade: Consumo

Aspecto da Intimidade	
1.1 Consumo	“os outros grupos (de) que eu gostava, as outras bandas, eles, não sei explicar, não (me) deixavam tão louca (com) vontade de comprar as coisas.”
	“eu me sentia compelida a comprar tudo, ou tudo que eu conseguisse comprar.”

1.1. Consumo	"Então quando você tem um, você quer ter os outros porque eles são realmente muito bem feitos, o material muito bonito, impressões muito bem feitas."
	"Eu comprava muito por colecionar. Eu gosto de ter o CD original, faço isso com outras bandas que nem são japonesas. Eu gosto de ter o original. Então eu fazia isso como colecionadora."
	"Eu comprei um calendário que, na época, era de dois ou três anos atrás. Então era um calendário que já tinha passado do prazo e ainda assim eu comprei só porque ele era de <i>Johnny's</i> e tinha vários deles."
	"Por mais que eles fossem caros demais, por causa dessa questão de colecionar os originais, eu não me arrependo."
	"Você se sentia como se você não fosse uma fã de verdade se você não tivesse tudo o que eles lançassem."
	"Eu era menos fã se eu não comprasse."

Segundo STEVENS (2011) o hábito de consumir para o fã não tem um fim em si mesmo. É uma maneira de construir a sua imagem como fã e, também, de construir intimidade "apropriando-se" de seu objeto de adoração. Embora Cristina evidencie um comportamento compulsivo ao adquirir novos produtos, sua ação não é completamente irracional. Existia uma motivação concreta para a compra dos CDs, evidenciadas pelas seguintes falas: "(...)você quer ter os outros porque eles são realmente muito bem feitos, o material muito bonito, impressões muito bem feitas." e "Eu comprava muito por colecionar. Eu gosto de ter o CD original, faço isso com outras bandas que nem são japonesas. Eu gosto de ter o original. Então eu fazia isso como colecionadora."

É inegável, porém, o caráter emocional presente no ato de comprar. Algumas vezes, Cristina não soube explicar o porquê de querer adquirir novos produtos, além de se sentir "menos fã" se não o fizesse.

Tabela 3.2 – Aspectos da Intimidade: Empatia

Aspecto da Intimidade	
2. Empatia	"Isso não me deixou menos fã do Ryo, não, continuei gostando do Ryo. (risos) Ele era muito zoador."
	"você via que eles eram engraçados e divertidos, além de cantores. Que alguns nem cantavam assim tão bem, mas que eles eram carismáticos e isso era um atrativo."

2. Empatia	“se encontrasse com eles na rua, seria uma amizade viável, possível assim, a partir do que a gente conhecia. 'Ah, ele é legal nesse ponto, a gente poderia ser amigos por causa disso'.”
	“A gente acabava que gostava deles como se fosse um amigo, digamos assim, né? Você via os defeitos, você 'tava lá vendo. 'Ah, nossa, ele não sabe dançar absolutamente nada, mas eu gosto dele assim mesmo”
	“Era até legal ver como eles eram desengonçados e como eles não tinham a menor coordenação entre si, assim.”
	“Eu achava isso legal, o sonho da vida dele era ser pai e ele gostava de sair com os amiguinhos dele que tinham filhos, porque ele podia ficar brincando com os filhos dos amigos dele. E eu achava isso muito fofo, muito humano talvez, tirava aquela visão de <i>idol</i> que ele tinha, de perfeito, que não tinha vontades e erros e nada. Era só uma pessoa normal. E eu achava isso legal, humano nele.”
	“... eu ficava achando bonitinho e ficava com pena dele, porque ele não tinha família e queria ter um filho.”

Este aspecto está intimamente relacionado às características 等身大 *tôshindai* (“suficientemente normal”) e 疑似的仲間 *gijiteki-nakama* (“pseudocolega”) dos ídolos. No caso dos *idols*, são ideias interligadas e inseparáveis: só é possível ter empatia pela pessoa do ídolo quando se acredita nesta imagem – também só é possível projetar uma imagem de 等身大 *tôshindai* (“suficientemente normal”) ou vivenciar um relacionamento com um 疑似的仲間 *gijiteki-nakama* (“pseudocolega”) quando se sente empatia pelo artista.

É pela junção do conhecimento com a empatia que Cristina é capaz de dizer “*Ele era muito zoado*”, ao mencionar uma pessoa que conhece apenas virtualmente, como se realmente a conhecesse. É também por causa destes dois aspectos que pode se referir aos ídolos utilizando apelidos carinhosos, como Pi (Yamashita Tomohisa), Kame (Kamenashi Kazuya) e Kimutaku (Kimura Takuya)\*.

---

\* Ver entrevista completa em Anexo.

Tabela 3.3 – Aspectos da Intimidade: Ação pela Emoção

Aspecto da Intimidade	
3. Ação pela Emoção	“(...) as outras bandas, eles, não sei explicar, não (me) deixavam tão louca (com) vontade de comprar as coisas. (...) Era menos 'maníaco' digamos assim.”
	“(...) eu me sentia compelida a comprar tudo, ou tudo que eu conseguisse comprar”
	“(...) uma loucura momentânea mesmo. Em seguida do momento (sic) que eu comprei eu falei 'pra quê que eu fiz isso?' (risos)”.
	“(...) principalmente quando você tá muito dentro da coisa, você para de pensar no preço, sabe? E aí você acaba comprando por impulso”.
	“(...) eles lançarem dez versões do mesmo álbum e você querer as dez. É bem 'maníaco'. Era algo que eu fazia na época (...)”.
	“Principalmente quando eu comprava, né, os produtos e eles chegavam... E aí era muito emocionante. Parecia que eu tinha ganhado um prêmio, assim, 'Meu Deus, o CD chegou!’.”
	“Era extasiante, eu ficava empolgada e animada.”
	“eu comprei só porque ele era de <i>Johnny's</i> ”
	“A vontade de ter tudo, né, de poder ter absolutamente tudo que eles lançassem. Não sei o que impulsionava essa vontade, mas essa vontade de querer ter absolutamente tudo era o que fazia a gente comprar.”
	“Você se sentia como se você não fosse uma fã de verdade se você não tivesse tudo o que eles lançassem.”
	“(...) eu sentia essa questão de... Eu era menos fã se eu não comprasse.”
	“Eu às vezes penso que, como eu não gosto mais, que poderia vender pra alguém que goste... Mas eu fico com dó.”
	“E eu gosto dessa coleção, de olhar e ver os CDs. Até porque me lembra uma fase da minha vida, uma época. Não deixa de ser uma lembrança.”
	“Me lembra uma época que eu era muito feliz, que eu gostava muito, curtia muito. Não sinto mais aquilo, mas é muito nostálgico, né? Então eu gosto de ter, ainda, meus CDs.”
	“Como se eu realmente conhecesse e fosse amiga deles.”
	“(...) achar que eles não deviam namorar, que eles tinham que ser nossos, essas coisas.”
“Mas é uma coisa que eles ( <i>Johnny's &amp; Associates</i> ) colocam na cabeça dos fãs, que <i>'a gente é de vocês, relaxa que a gente não vai namorar nunca'</i> .”	
“(...) essa mesma questão do fã indigno, né, que se eu não conhecer eles, ou como eles pensam, ou como eles agem, eu não sou uma fã digna.”	
“(...) para ser uma fã que eles se orgulhassem”.	

3. Ação Pela Emoção	“Principalmente quando eu assistia os <i>shows</i> , né, eu me sentia como se eu estivesse lá. Então eu surtava como se eu estivesse no <i>show</i> mesmo, gritava como se eu estivesse mesmo lá.”
	“Era a forma que a gente tinha de estar mais perto dos <i>idols</i> .”
	“A gente acabava que gostava deles como se fosse um amigo, digamos assim, né?”
	“(…) talvez eu fosse um pouco mais <i>'maníaca'</i> do que eu precisava ser.”
	“(…) era como se eu sentisse ciúme das outras fãs.”
	“competitividade de ser a melhor, conhecer mais, pra ser considerada a número um.”
	“Era meio que, nesse sentido de ser mais digna, como se isso fosse fazer (com) que ele gostasse mais de mim se eu fosse mais digna”

O envolvimento emocional de Cristina está presente influenciando quase todas as ações em relação aos seus ídolos. É, de fato, por meio da emoção que ela era impulsionada a comprar, guardar, pesquisar, expressar-se e fantasiar com os *idols*.

Todas estas ações estão evidenciadas nas frases da tabela acima. Em relação ao consumo, Cristina diversas vezes não é capaz de justificar o motivo pelo qual sente-se compelida a comprar:“(…) *as outras bandas, eles, não sei explicar, não (me) deixavam tão louca (com) vontade de comprar as coisas. (...) Era menos 'maníaco' digamos assim.*”; “*Em seguida do momento(sic) que eu comprei eu falei 'pra quê que eu fiz isso?' (risos).*”; “*Não sei o que impulsionava essa vontade, mas essa vontade de querer ter absolutamente tudo era o que fazia a gente comprar.*”.

Em adição a isto, demonstra diversas vezes como motivação a importância de se sentir uma fã de verdade, se sentir mais digna aos olhos de seus ídolos. (“*Você se sentia como se você não fosse uma fã de verdade se você não tivesse tudo o que eles lançassem.*”; “(…) *eu sentia essa questão de... Eu era menos fã se eu não comprasse.*”.) Esta motivação não se resumia apenas ao consumo – se estendia também ao conhecimento: “(…) *essa mesma questão do fã indigno, né, que se eu não conhecer eles (sic), ou como eles pensam, ou como eles agem, eu não sou uma fã digna.*”; “*competitividade de ser a melhor, conhecer mais, pra ser considerada a número um.*”.

Ainda mais explicitamente, ela demonstra o desejo de ser admirada por eles: “(…) *para ser uma fã que eles se orgulhassem*”; “*Era meio que, nesse sentido de ser*

*mais digna, como se isso fosse fazer (com) que ele gostasse mais de mim se eu fosse mais digna”.*

Esta necessidade de auto-afirmação e de aprovação pode ser uma questão que vá além da sua definição como fã. Cristina comenta no início de sua entrevista que considera sua auto-estima baixa e que, por isso, não consegue se sentir confiante. Esta sua característica pode refletir na maneira com que se relaciona com seus ídolos, principalmente no que diz respeito ao seu comportamento emocional.

Este aspecto se estende até ao papel assumido por ela no vínculo virtual estabelecido. Ela diz que, por algum momento na sua prática como fã se sentia dona deles, que eles não deviam namorar, que tinham que pertencer a ela. Também sentia ciúmes das outras fãs: *“na época, como você se sentia dono deles, isso perturbava um pouco”*; *“(…) achar que eles não deviam namorar, que eles tinham que ser nossos, essas coisas.”*; *“Mas é uma coisa que eles (Johnny's & Associates) colocam na cabeça dos fãs, que 'a gente é de vocês, relaxa que a gente não vai namorar nunca'.*”; *“(…) você gostaria de ter alguma coisa mais íntima com ele.”*; *“(…) era como se eu sentisse ciúme das outras fãs.”*; *“(…) talvez eu fosse um pouco mais 'maníaca' do que eu precisava ser.”*

Estas citações nos levam a crer que o relacionamento projetado por Cristina era de caráter afetivo, de um amor romântico e idealizado, e não apenas um mero desejo de estabelecimento de amizade. É bem verdade que ela também se coloca neste papel em alguns momentos: *“Como se eu realmente conhecesse e fosse amiga deles.”*; *“A gente acabava que gostava deles como se fosse um amigo, digamos assim, né”*. Entretanto, estes parecem ser comentários para definir a sensação de proximidade que sentia com eles, em vez de necessariamente significar que este seria o tipo de relacionamento desejado.

Outro aspecto, embora não determinante, que pode nos levar a acreditar que Cristina projetasse um relacionamento afetivo com seus ídolos foi o fato de nunca ter namorado, ainda que o tenha desejado. O fã atribui ao seu objeto de desejo significados próprios que se adequem a sua própria vida, seus desejos e anseios. Nesta ótica, é plausível que na época Cristina tenha dado significado à informação que

obtinha de seus ídolos desta forma.

Outro argumento, ainda, que torna possível esta projeção é novamente o fato de que Cristina acreditava estar em contato com a real representação da pessoa do *idol* e não com alguma espécie de personagem.

Tabela 3.4 – Aspectos da Intimidade: Experiência

Aspecto da Intimidade	
4. Experiência	"Principalmente quando eles iam lançar alguma coisa nova, que eu acompanhava desde o início, desde quando eles começavam a soltar pedacinhos do clipe, pedacinhos da música... E aí finalmente lançavam alguma coisa... Era emocionante."
	"Principalmente quando eu assistia os shows, né, eu me sentia como se eu estivesse lá. "
	"(...) eu surtava como se eu estivesse no show mesmo, gritava como se eu estivesse mesmo lá"
	"Principalmente aqui (no Brasil), né, a gente não tinha esse contato pessoal literalmente com eles. Tipo de ir em show, de ir nesses programas. Era a forma que a gente tinha de estar mais perto dos <i>idols</i> "

Para os fãs do Brasil, experienciar seus ídolos em termos presenciais não se faz possível. Por isso, a maneira de se aproximarem, de sentirem e experimentarem a vivência como fãs se dá de forma psicológica, simbólica, virtual e/ou pelo consumo. Acompanhar a jornada do artista de alguma forma ou algum lançamento em específico pode se transformar em uma memória semelhante a um momento vivido de muita importância (*"(...)quando eles iam lançar alguma coisa nova, que eu acompanhava desde o início, desde quando eles começavam a soltar pedacinhos do clipe, pedacinhos da música... E aí finalmente lançavam alguma coisa... Era emocionante"*). Nestas circunstâncias, Cristina vivia intensamente o momento de conexão que tinha com seus ídolos, expressando-se fisicamente como em resposta a um show real. (*"Principalmente quando eu assistia os shows, né, eu me sentia como se eu estivesse lá."*; *"(...) eu surtava como se eu estivesse no show mesmo, gritava como se eu estivesse mesmo lá"*).

Tendo como base os aspectos acima analisados, é possível identificar que Cristina, de fato, projetava um vínculo virtual com seus artistas permeado pela afetividade assumindo papéis ora de amante, ora de amiga, ora de fã. Esta conclusão só é possível se tomarmos como premissa o fato de que as características pertinentes aos *idols* japoneses a atingia de forma eficaz. Por acreditar nas características 等身大 *tôshindai* (“suficientemente normal”) e 疑似的仲間 *gijiteki-nakama* (“pseudocolega”), podemos entender que confiava na imagem que eles estabeleciam e, desta forma, era possível que criasse, fantasiasse e significasse o papel assumido também pela pessoa do ídolo dentro do relacionamento.

### **3.2.4. O Afastamento**

Para avaliar o afastamento de Cristina temos que levar em conta o tipo de relacionamento que construiu, que foi extremamente afetivo, fantasioso, romântico, com seus ídolos. Vamos percorrer sua trajetória, determinando o contexto no qual se iniciou este vínculo e no qual terminou, para identificarmos o que determinou o afastamento neste caso.

Cristina conta que se lembra de ter conhecido o grupo KAT-TUN entre o final do ano de 2007 e início do ano de 2008, estando de férias escolares na época. Ela estava no primeiro ano do Ensino Médio e tinha cerca de 15 anos, configurando, então, um período de sua adolescência. Considera que foi uma fase em que tinha talvez até mais amigos do que tem hoje por estar na época da escola, em que se faz muitas amizades. Eram amizades comuns, amigos com quem saía de vez em quando para o cinema, passar a tarde no shopping etc. Conta também que o ambiente familiar estava estável e que não namorava na época.

A princípio, podemos constatar uma vida social saudável. Foi nesta época que foi apresentada aos *Johnny's* por uma amiga. Já vimos anteriormente como foi seu envolvimento ao longo dos três, quatro anos em que foi fã de KAT-TUN. A maneira extremamente emocional com que se envolveu é um fator muito importante para a maneira com que foi conduzida a quebra do vínculo.

Ao ser indagada qual foi o motivo de deixar de gostar de seu grupo preferido,

respondeu:

Eu deixei porque os grupos que eu gostava muito foram meio que se desfazendo, foram meio que se perdendo. E, principalmente, o integrante que eu mais gostava largou a banda e isso me deixou muito revoltada na época.

Esta afirmação evidencia uma decepção em cima de um relacionamento ideal que ela havia construído. O fator que ampliou este sentimento foi o motivo pelo qual o grupo estar se desfazendo: seu membro preferido tê-lo abandonado. Em um instante, toda a imagem que foi construída em cima daquele ídolo foi modificada por uma ação egoísta, segundo suas próprias palavras, que tomou.

Hoje eu acho ele (sic) egoísta (risos). Muito egoísta, mas ainda acho ele (sic) talentoso (...).

**E por que você mudou de opinião sobre ele?**

Ah, por causa de tudo o que ele fez com o grupo, né? Por causa das coisas que a gente não sabe que aconteceu (sic) quando ele se afastou do grupo em 2006 para ir para os Estados Unidos. E depois que voltou resolveu sair de novo... O que gerou todo aquele conflito dentro do grupo, sendo inclusive uma das coisas que fez eu me afastar de KAT-TUN. Então... Eu acho que ele era muito "Quero ser celebridade sozinho, não preciso de vocês".

Por estes comentários é possível notar que, realmente, ela sofreu uma decepção sobre aquela projeção. Esta decepção, este afastamento de seu membro preferido, foi algo que fez com que ela se sentisse desmotivada, com menos vontade de se dedicar e se envolver com o grupo.

O motivador foi esse, mas acabou que foi uma junção das coisas. Ao mesmo tempo, outras coisas foram acontecendo na minha vida, outros gostos. E aí juntou com esse grande fator na época, né? Que era o grupo que eu mais gostava, que eu era mais viciada, estar passando por esse problema. E aí eu resolvi mudar. Então na época desse grupo eu comecei a escutar outros grupos de *Johnny's* mesmo, mas eu não me empolguei tanto quanto e aí eu fui deixando de gostar, de acompanhar.

**Aconteceu alguma coisa na sua vida, por exemplo, você melhorou a auto-estima, começou a trabalhar...?**

Sim, eu comecei a trabalhar. Me formei na escola (Ensino Médio). Comecei a trabalhar e tudo mais. Na época que eu gostava ainda. Eu cheguei a estar trabalhando e ainda ser bastante fã dos *Johnny's*".

**Você sente, então, que essa mudança na sua vida não tem nada a ver com o fato de você ter parado de gostar?**

(...) Talvez depois que eu comecei a me afastar tenha influenciado bastante. Outras amizades, pessoas que não gostam tanto... E aí a gente vai mudando os assuntos, mudando os gostos. Mas não acho que tenha sido o fator predominante que me fez mudar de visão sobre eles.

Se o fato ocorrido fosse apenas a saída de seu membro preferido e o impacto emocional que isto trouxe, talvez Cristina permanecesse até hoje fã da *Johnny's & Associates*. Para que o vínculo fosse quebrado, foi necessária a existência de mais um fator: a quebra com vínculos antigos (período escolar), o estabelecimento de novos vínculos (trabalho, faculdade) e, com eles, novos papéis a assumir em sua vida (colega de trabalho, de faculdade).

Esta dinâmica em sua vida foi o que a permitiu projetar novos papéis de relacionamento, onde, possivelmente o papel de fã, amante ou amiga virtual não tivesse tanta relevância. Isto contribuiu ainda mais para o seu afastamento.

Decorrente desse distanciamento, Cristina adquiriu um pensar crítico a respeito de seu comportamento em relação ao grupo que gostava. Ela diz:

(...) eu era muito '*maníaca*' né. Assim, eu era aquelas fãs *tiete (sic)*, que queria saber de tudo e se eu não soubesse de cada coisa que eles fizessem, onde eles 'tavam, o que 'tavam fazendo, eu me sentia indigna. Hoje eu não sou assim. Por mais que eu ainda goste muito de alguns grupos e queira saber sobre eles, eu não tenho mais essa vontade de saber cem por cento de tudo que eles fazem. Por exemplo, com os *Johnny's*, eu via absolutamente todas as apresentações que eles fizessem em qualquer tipo de programa. Então se eles fossem apresentar a mesma música vinte vezes em vinte programas, eu via os vinte, eu baixava os vinte e eu assistia e reassistia os vinte. Hoje eu não sou mais assim

Antes eu era realmente... Eu gastava muito tempo da minha vida só para saber as coisas que eles 'tavam fazendo. Assim... Eram horas e horas gastas para aprender, pra ver as traduções de revistas, de artigos, essas coisas. Hoje eu não faço mais isso, por exemplo. Não faço questão de saber sobre a vida dos artistas e tudo mais. Não gasto horas assistindo os cliques todos os dias como eu fazia. Tem dias, né? Que você tá mais assim... Quer ver um monte de clipe (*sic*), quer ver um monte de apresentações... Mas não é com aquela mesma periodicidade, né? Antes eu tinha que fazer isso todos os dias. Todos os dias acompanhar, todos os dias ver tudo, todos os dias saber de tudo. Hoje não. Hoje eu não me sinto mal se eu não fizer, por exemplo. Se eu nem ligar o computador pra ver alguma coisa, eu não me sinto mal. Se eu não escutar música todos os dias, eu não me sinto mal. Eu não me sinto na obrigação de ter que fazer isso como eu sentia antes.

As próprias conclusões que ela expõe sobre seu comportamento confirmam a análise que fizemos sobre os aspectos da intimidade construída com o ídolo. Após o distanciamento, percebeu isto: era um envolvimento exagerado. E por isso, hoje, considera que era uma pessoa viciada.

Antes eu podia dizer que era um vício. Era viciada em *Johnny's*. E hoje não é (sic) mais. Eu me recuperei.”

Ao sair deste vício, percebendo já que não fazia mais parte disso, perguntei a opinião dela sobre a indústria dos ídolos pop japoneses e seu envolvimento com ela na época.

Acho que eles vendem muito uma imagem de que os ídolos são seus namorados perfeitos, sabe? Que eles não vão te trair nunca, que eles te amam incondicionalmente... E aí você acaba se apegando a essa imagem de que eles são seus. E isso é uma coisa que eu critico. Eu não concordo com isso de que eles são perfeitos, porque ninguém é perfeito. Então acho que a indústria japonesa investe muito nisso, de ídolos perfeitos que não podem namorar porque vão estar traindo as fãs, esse tipo de coisa. Ainda se vende muito essa imagem de que os ídolos são seus namorados, são perfeitos, que eles não erram, sabe? Não falham... E tudo mais.

**Então, na sua opinião, eles exploram muito o lado emocional?**

Muito.

**Você se sentia emocionalmente presa a eles?**

Sim. A partir do momento que você se sente na obrigação de comprar as coisas deles porque senão você está sendo uma fã ruim, ou uma fã indigna, você já está emocionalmente envolvido.

**Hoje em dia, que você tem essa visão, como você enxerga que você se inseria nesse panorama?**

Ah... Eu era totalmente envolvida. Eu tinha, principalmente no começo, essa visão de que eles pertenciam a mim. No começo eu ficava com raivinha se soubesse de algum boato de que eles estavam namorando. Depois claro que eu superei isso – muito rápido, graças a Deus – e parei um pouco com isso. E, além disso, você fica com essa visão de que você precisa comprar as coisas, se não você tá sendo indigna... Então eu não me sinto assim hoje, por exemplo. Se eu compro alguma coisa hoje é porque eu gosto, é porque eu realmente quero, é porque eu coleciono, como eu falei anteriormente. Ou é porque eu gosto da sensação de que eu estou apoiando o grupo de alguma forma. Mas não é aquela obrigação de comprar, como fã, porque senão eles não vão te respeitar, ninguém vai te respeitar, esse tipo de coisa.

Ela apresenta uma crítica ao lado emocional explorado por eles, principalmente

neste aspecto da afetividade. É interessante notar que hoje ela percebe seu envolvimento e apresenta uma visão crítica, decorrente do afastamento, não só de suas ações como fã, mas da própria maneira como é conduzida a produção e promoção dos ídolos.

Outro aspecto importante que ela menciona no afastamento é que, se hoje em dia ela chegasse a ir a um show, iria mais pelo sentimento de nostalgia do que pelos ídolos em si.

Eu não tenho mais aquela vontade de ter aquele contato pessoal como eu tinha antes, de ser conhecida, de ser a melhor, de eles terem orgulho... Eu ia mais pra apreciar a música, o *show* em si, do que os integrantes do grupo.

Para concluir, é também imprescindível mencionar que Cristina não considera esta fase de sua vida apenas de maneira negativa. Ela considera que foi uma fase em que foi feliz apesar de tudo, e que possibilitou um crescimento pessoal posteriormente:

Foi uma fase boa, assim. Foi uma fase adolescente, digamos assim. Não tinha muitas coisas pra eu me preocupar na vida também. Foi uma boa fase, eu era feliz, eu me divertia com meu grupo de amigos, a gente saía junto, a gente fazia coisas legais junto que trazem aquela nostalgia, aquela saudade daquele tempo e tal. Mas não me arrependo de ter gostado e tal. Talvez eu pudesse ter feito outras coisas na época, mas não é aquele arrependimento "*Nossa, devia não ter gostado disso e ter feito outras coisas na vida*". Acho que foi importante pra quem eu sou hoje, pra minha formação como pessoa e tudo mais. Claro que eu era muito viciada neles, mas acho que hoje se eu sou o que eu sou é porque eu fui '*maníaca*' naquela época. E aprendi que não precisa ser assim.

### **3.3. Segundo Caso: Mariana e NEWS**

Mariana, de 25 anos, foi fã do grupo NEWS por cerca de quatro ou cinco anos. De acordo com ela, a dedicação pelo grupo começou no segundo ano do ensino médio e terminou coincidentemente com o fim da faculdade. Ela define várias vezes o seu envolvimento como uma fase adolescente e considera que foi adequada à época.

Assim como Cristina, foi uma menina tímida na infância. Hoje em dia se considera uma pessoa muito introvertida e que pensa muito antes de tomar decisões. Considera a sua auto-estima normal, não tem problemas com sua aparência ou personalidade.

De um modo geral, eu nunca fui a mais popular, mas também não era excluída, não. Era normal. Tinha o meu grupinho de amigas da escola, nada muito além do normal.

O ambiente familiar de Mariana é agradável e os membros são bastante unidos. Nunca teve um namoro sério, apenas um relacionamento casual durante a faculdade.

O primeiro contato com a *Johnny's & Associates* também foi por meio de uma amizade. Conta que estava na casa de uma amiga e ela estava mostrando DVDs de shows a ela. À primeira vista, o que chamou a sua atenção foi a música, depois foi pesquisando mais sobre o grupo e simpatizando com os integrantes. Então, começou a procurar mais sobre eles.

Imagem 2 – NEWS



O nome NEWS é uma referência aos quatro pontos cardeais em inglês:  
**N**orth (Norte), **E**ast (Leste), **W**est (Oeste), **S**outh (Sul)

Eu acho que foi 2007, porque foi bem na época que eu tinha me mudado pra Brasília. Foi nessa época aí que eu comecei a gostar... Que eu me lembre. Assim... de *Johnny's*, porque eu já gostava de música japonesa. Só comecei a gostar de *Johnny's* nessa época.

### 3.3.1. Identidade como fã

Mariana já conhecia outros artistas japoneses na época em que teve o primeiro contato com a *Johnny's & Associates*. Para ela, porém, ela era muito mais dedicada como fã de *Johnny's* do que das outras bandas, mesmo tendo conhecido depois os artistas dessa empresa. Não acha que haja algum motivo específico para que

mantivesse hábitos mais constantes em relação a NEWS, talvez apenas chamasse a ela mais atenção.

Nossa, tinha uma época ali em que eu só ficava na internet pesquisando sobre os caras. Hoje em dia eu fico pensando “Meu Deus do céu...”, mas enfim, vamos focar no meu “eu” daquela época. Aí eu só ficava pesquisando sobre aquilo. E aí eu ficava o dia inteiro. Era pesquisando música, era pesquisando notícias deles, era pesquisando fotos, era... Enfim, só (isso). Aí ficava assistindo DVD, ficava entrando em fóruns de discussão, vendo o que as pessoas estavam falando.

Diferentemente de Cristina, não sentia que se aproximava de seus ídolos por meio da informação. Seu motivo para pesquisar era de simplesmente acompanhar as atividades do grupo, não havia ali uma noção muito aprofundada de intimidade.

Na época eu já tinha aquela ideia de que eu gostava deles, que aquilo me divertia, mas eu não achava que eu me tornava mais próxima dos caras. Era uma maneira que eu gastava meu tempo, mas eu nunca pensei que aquilo me aproximasse deles de alguma forma.

Sua principal característica como fã talvez fosse ligada ao consumo. Mariana comprava quase tudo o que seu grupo preferido lançasse, bem como produtos de outros grupos da *Johnny's & Associates*. Segundo ela, era normal que houvesse uma espécie de integração entre os grupos promovidos pela empresa porque eles costumavam seguir o mesmo padrão. Da maneira como colocou, se analisarmos a composição de cada grupo veremos semelhanças entre os membros, o mesmo estilo de música, com apenas alguns detalhes que tornam cada grupo único. Desta forma, se alguém conhecia um dos grupos, acabaria gostando de outro também.

Comprava de mais grupos também, só que não sempre. Por exemplo, do grupo que eu gostava – NEWS no caso – eu comprava quase tudo que saía, senão tudo. Teve uma época que eu comprava tudo quanto era *single* – não que eles lançassem muita coisa, né? (risos). Comprava tudo o que era lançado assim, eu dava um jeito de comprar. Mas nos outros só se fosse uma coisa que me chamasse muita atenção. Se era algo que as pessoas falavam “Nossa, você tem que ter isso aqui”. Aí eu ia lá e comprava.

**E por que você acha que tinha vontade de comprar?**

Não sei. Até hoje eu fico olhando praqueles CDs e pensando “Nossa, o que me deu na cabeça que eu comprei esses negócios que agora não vou nem conseguir vender?” (risos). Mas eu não sei assim, sabe? Saía e eu pensava “Ah, eu preciso ter”. Sei lá, eu achava legal e de alguma forma... Eu não sei. Eu ia falar “Ah, porque eu estava apoiando o artista”, mas eu nunca pensei nisso,

em apoiar o artista, independente do artista que fosse, não só *Johnny's*. Era mais porque eu queria ter aquilo, sabe?

**Como era a sensação de comprar coisas? Você ficava super feliz de comprar? Você se sentia extasiada, alguma coisa assim?**

Eu ficava feliz. Porque na época era uma coisa que esgotava super rápido, então quando eu comprava, não era só o negócio de comprar, era eu ter conseguido comprar e, enfim, uma coisa que ia se esgotar rápido e tal. Eu ficava muito feliz (pensando) “Nossa, não acredito que eu comprei!” e tal, ficava super ansiosa até chegar o CD, DVD, o que quer que fosse.

**Hoje em dia, você consideraria alguma das suas aquisições na época como supérfluas?**

Com honestidade? Nossa, os CDs assim. É que hoje em dia eu não compro. Hoje eu não compro mais CDs assim, só se for algo que eu realmente precise. Então os CDs que eu tenho... Acho aquilo tudo muito supérfluo. Calendário também: é uma coisa que eu acho completamente inútil. Os calendários estão lá parados, eu não uso pra nada. Nem vejo aquelas coisas, só estão lá. Então, de um modo geral, tudo. Se for pra ser mais específico, calendários. Aqueles calendários oficiais que eles lançavam.

Para ela, embora considerasse que comprava os CDs de maneira emocional, muitas vezes por impulso, não ocorria de querer orgulhar os ídolos de alguma forma ou ganhar a aprovação deles. O aspecto da construção da identidade do fã, porém, permanece.

Realmente, eu me sentia mais “Nossa, eu realmente sou fã dos caras porque eu comprei o CD, comprei o DVD, comprei as duas, três, sei lá, noventa edições.”.

Mariana acompanhava as atividades de seus ídolos por meio de músicas, performances em programas de auditórios diversos, shows, novelas japonesas, clipes oficiais, reportagens e entrevistas para revistas – recursos em sua maioria audiovisuais.

**Qual era a sensação de acompanhar os vídeos? Você se sentia comovida de alguma forma?**

Depende do que eu assistia. Tinham coisas que eram mais passatempo, tinham coisas que eu ficava realmente comovida, tinham coisas que eu só achava legal e tinham coisas que, por exemplo, quando eu tava meio pra baixo, eu assistia aquela coisa e aquilo me deixava feliz. Alterava sim meu humor, não era uma coisa só para passar o tempo.

**Quando você via um show, por exemplo, você tinha a sensação de estar lá?**

Ah, sim, às vezes. Eu gostava bastante assim. Principalmente quando era a primeira vez que eu estava assistindo um show, eu ficava muito feliz. Muito,

muito, muito feliz. Porque eu ficava tão ansiosa pra eu finalmente assistir aquilo, e era todo um, toda uma coisa em volta do lançamento desses DVDs que eu ficava, na hora eu ficava, era... Sei lá... Não sei como explicar. Enfim, eu gostava muito, me entretia bastante com aquilo.

Quando foi requisitada que narrasse um episódio que se lembrasse em relação a alguma experiência que teve no sentido de se comover, se extasiar ao assistir alguma coisa, disse:

Não vou lembrar agora qual era o DVD, mas era um DVD do NEWS que eu tinha comprado. Foi o último que eu comprei, mas não vou lembrar qual é. Mas eu esperei muito, muito (por) ele. E eu acompanhei a *tour* inteira pelo *livejournal*. As pessoas ficavam fazendo *reports* e eu ficava lendo e ficava (pensando) “Ai meu Deus, eu preciso ver isso, eu preciso”. E aí quando chegou o DVD, nossa, eu quase morri. Eu fui assistir e aí eu cantava, eu gritava, e minha mãe... Eu lembro assim, que minha mãe passava pela sala e ficava meio impressionada. Aí eu ficava tipo, muito... Enfim, eu fiquei muito feliz quando recebi aquele DVD. Talvez fosse por isso, porque eu acompanhei tudo assim, sabe? E aí as pessoas falavam de uma maneira que aquilo parecia ser tão legal e eu fiquei pensando “Nossa, tô louca pra ver esse DVD”. Já que eu não ia poder ir pra *tour* (risos), eu pelo menos gostaria de assistir.

Para ela, assim como para Cristina, estar inserida em um grupo de pessoas que também era fã da *Johnny's & Entertainment* a fazia ter mais vontade de continuar neste meio. Ela considerava seu comportamento diferente quando estava realizando alguma atividade com seus amigos, em vez de estar sozinha.

Mas tipo, por exemplo, quando você tá assistindo sozinha... Não é que não possa, né? Mas fica esquisito tu pegar e ficar lá fazendo comentários tipo “Ai meu Deus, olha como ele é lindo!”. Tipo assim, você tá falando com quem? (risos) Se você tá sozinha sentada no sofá, parece uma louca falando sozinha com a TV. E aí quando você está com um grupo de amigos tu pode fazer comentários assim, você se sente mais à vontade para interagir.

### **3.3.2. Visão dos *Idol***

Para Mariana, a gama de programas televisivos e a evidência em outros meios de comunicação foi um atrativo para que se envolvesse mais com seus ídolos. Ela considerava diferente acompanhar um artista que só apresenta suas canções no palco e outro que canta, dança e atua. Há muito mais para se acompanhar quando se é fã de um *idol* do que de um outro artista qualquer.

Eles faziam várias coisas né, não só cantavam. Daqui a pouco eles estavam lá

atuando, fazendo aquelas novelas que esses dias eu tava pensando “Meu Deus, esses caras atuavam mal pra caramba, mas na época eu pensava que eles eram os melhores atores do mundo.”. Enfim... Eu gostava de tudo isso. E o Tegoshi mesmo, ele apresentava um programa de variedades. Variedades não, uns programas aí que eles faziam aquelas viagens, enfim, eu achava aquilo tudo muito divertido. Eu achava aquilo legal neles.

Embora gostasse de assistir a um programa de auditório apresentado pelo seu membro preferido, Tegoshi Yuya, ela afirma que o motivo que a levou a assistir foi o fato de ele ser o apresentador, mas que no fim das contas acabou gostando do conteúdo e acompanhando por este motivo. Quando Mariana foi questionada se consumia informações ou assistia a um número exagerado de programas de televisão com o intuito de conhecer melhor os ídolos, ter um contato com um lado mais pessoal deles, ela prontamente respondeu:

Pior que não. Na época eu já tinha aquela ideia de que eu gostava deles, que aquilo me divertia, mas eu não achava que eu me tornava mais próxima dos caras. Era uma maneira que eu gastava meu tempo, mas eu nunca pensei que aquilo me aproximasse deles de alguma forma.

Em decorrência desta resposta, foi questionada, então, sobre a visão que tinha dos *idol*. Se os via como personagens ou se as informações que transmitiam nas entrevistas e a maneira com que se portavam refletiam a real personalidade deles.

É que apesar de, sei lá, na época eu pensar “Ah, não, eles tem que falar isso porque afinal de contas eles respondem, antes de tudo eles são de uma empresa”, não tem como tu te desligar cem por cento da tua pessoa. Então por mais falso que aquilo soasse, eu via um pouquinho de verdade nas respostas e nas coisas que eles falavam. Eu achava, não sei, acho que eles tinham um pouco de liberdade para falar o que quisessem de vez em quando. Então é um misto.

Ainda neste mesmo assunto, ao ser indagada sobre a nota que atribuiria ao conhecimento de seu membro favorito do NEWS, respondeu:

De um a dez? (pausa) Seis? Porque sempre tinha, né, aquelas... Ah, eu acompanhava tudo, né. Tudo quanto era revista que saía. Sabe aquelas coisas? O que fulano gosta de fazer, o que isso, o que aquilo, bla bla bla. Isso tudo eu acompanhava e tal, mas convenhamos. Ao mesmo tempo (em) que eu ficava “Ai Meu Deus, que legal, ele está falando as coisas que ele gosta de fazer, as coisas que ele gosta de comer, as coisas que ele gosta de... sei lá, assistir”; ao mesmo tempo eu pensava “Não, ele não deve estar falando a verdade nessas

coisas aqui” (risos). Eu não falaria. Eu pensava assim, né? Eu não falaria. Se as pessoas me perguntassem eu ia ou mentir, ou falar “Me recuso” (risos). Mas isso vai de cada um, né? Tem gente que é mais expansiva, né, que fala “Minha vida é um livro aberto”. Eu mesma nunca fui assim e aí, na época, eu pensava assim “Sei lá, eu nunca falaria, será que o que esse cara tá falando é mentira? Mas tudo bem, né?”.

Embora não se sentisse mais próxima dele de alguma forma, Mariana também reagia de forma emocional em alguns aspectos. Ela afirmou sentir empatia por ele. Por exemplo, na hipótese de vê-lo em um programa de televisão e ele parecer abatido, triste, disse que ficaria preocupada; na hipótese de uma conquista profissional e pessoal do artista, se sentiria feliz.

Gostaria de conhecê-lo estritamente como fã. Disse nunca ter se imaginado em nenhum tipo de relacionamento íntimo com ele, seja como amiga ou como namorada.

Queria falar “Ah, adoro o seu trabalho” e tal, “Tira uma foto comigo?”, “Me dá um autógrafa?”, essas coisas. Eu nunca consegui assim, sabe? Me ver com qualquer artista, “Ah, eu seria amiga do Fulano.”.

**Então você nunca pensou assim, 'Ah, gostaria de me encontrar com ele e virar amiga dele'?**

Não.

**Você já se imaginou em uma situação romântica com um Johnny?**

Não. Eu na verdade quando rolava esse tipo de conversa, eu ficava muito constrangida. Eu ficava “Ai, que vergonha! Não, pára!”. Eu nunca conseguia.

Também não sentia ciúmes ou sentimento de posse por ele. Pelo contrário, dizia se sentir feliz por encontrar alguém que tivesse um gosto semelhante ao seu, com quem pudesse conversar a respeito. Ela não conseguiu evocar nenhuma memória sobre os aspectos da personalidade dele que gostava.

Nossa... (pausa). Não sei, não consigo me lembrar de nada. Nada. Sabe, eu gostava do Tegoshi... Por quê? Primeiro, eu achava ele (sic) muito bonito. Segundo, eu achava que ele cantava bem. Mas as coisas da personalidade dele, tinha uma coisa ou outra... Eu não consigo lembrar.

Sobre o talento dos *idol*, Mariana disse:

Ah, tem lá o seu valor. Mas não é mais aquela coisa assim “Ai meu Deus, nossa... que voz linda, ai como atua bem”. Não, sabe? Eles fazem as coisas

direitinho, mas não são tudo isso.

Não soube dizer porque escolheu o NEWS dentre os outros grupos da *Johnny's & Associates*, apenas disse que gostava do grupo todo. Alguma coisa chamou a sua atenção, o que permanece um mistério até hoje. E acrescentou:

É, eu falo da formação do grupo, das músicas, do estilo... Hoje em dia eu penso: "Poxa podia acompanhar um grupo melhor, tipo Kanjani8 assim". Não, eu acompanhava NEWS, cara. Que m\*\*\* (risos). Não, eu achava eles (sic) até um grupo assim... Eles eram bons. Eles tinham umas músicas boas, tinham... Enfim, os integrantes eram queridinhos, assim. Só que se você fosse comparar eles (sic) com outros grupos (da *Johnny's*), por exemplo, com KAT-TUN que também eram seis. Se você for parar pra comparar, na época mesmo eu gostava muito deles e não admitia, mas era uma coisa assim que eu sabia... O KAT-TUN mesmo, eles eram muito melhor administrados, eles tinham uma imagem muito melhor trabalhada, então a base deles era muito melhor. Se tu for (sic) parar pra analisar friamente essa questão do trabalho, não só *idol*, os integrantes ali. Porque a estrutura era quase a mesma. Mas enfim, eles eram melhores.

### 3.3.3. O vínculo afetivo

Para analisarmos o envolvimento de Mariana com seus ídolos, seguiremos a mesma linha de raciocínio que foi utilizada na análise do Caso 1. Primeiramente, veremos como ela enxergava os *idols* segundo as características que os diferenciam de celebridades quaisquer.

Tabela 4 – Qualidades do *Idol* (Visão de Mariana)

Qualidades do <i>Idol</i>	
等身大 <i>tôshindai</i> ("suficientemente normais")	疑似的仲間 <i>gijiteki-nakama</i> ("pseudocolegas" )
"É que apesar de, sei lá, na época eu pensar "Ah, não, eles tem que falar isso porque afinal de contas eles respondem, antes de tudo eles são de uma empresa", não tem como tu te desligar (sic) cem por cento da tua pessoa. Então por mais falso que aquilo soasse, eu via um pouquinho de verdade nas respostas e nas coisas que eles falavam."	"Eu nunca consegui assim, sabe, me ver com qualquer artista, 'Ah, eu seria amiga do Fulano'."
"Ao mesmo tempo (em) que eu ficava "Ai Meu Deus, que legal, ele está falando as coisas (de) que ele gosta de fazer, as coisas (de) que ele gosta de comer, as coisas (de) que ele gosta de... sei lá, assistir"; ao mesmo tempo eu pensava "Não, ele não deve estar falando a verdade nessas coisas	"(Você já se imaginou em uma situação romântica com um <i>Johnny</i> ?) Não. Eu na verdade quando rolava esse tipo de conversa, eu ficava muito constrangida. Eu ficava 'Ai, que vergonha! Não, pára!'. Eu nunca conseguia."

aqui” (risos).”	
“na época, eu pensava assim ‘Sei lá, eu nunca falaria, será que o que esse cara tá falando é mentira? Mas tudo bem, né?’.”	
“Nossa... (pausa). Não sei, não consigo me lembrar de nada.”	
“(…)as coisas da personalidade dele, tinha uma coisa ou outra... Eu não consigo lembrar.”	

Tabela 4.2 – Qualidades do *Idol* (Visão de Mariana)

Outros Aspectos
“(…) na época eu pensava que eles eram os melhores atores do mundo.”
“Sabe, eu gostava do Tegoshi... Por quê? Primeiro, eu achava ele (sic) muito bonito. Segundo, eu achava que ele cantava bem.”
“Ah, tem lá o seu valor. Mas não é mais aquela coisa assim “Ai meu Deus, nossa... que voz linda, ai como atua bem”. Não, sabe? Eles fazem as coisas direitinho, mas não são tudo isso.”
“(…) eu achava eles (sic) até um grupo assim... Eles eram bons. Eles tinham umas músicas boas, tinham... Enfim, os integrantes eram queridinhos, assim. ”

Para esta análise, se fez necessário que incluíssemos uma segunda tabela para demonstrar a visão de Mariana sobre os ídolos. Sua postura em relação aos traços 等身大 *tôshindai* (“suficientemente normal”) e 疑似的仲間 *gijiteki-nakama* (“pseudocolega”) dos *idols* demonstrou-se bastante cética. Diferentemente de Cristina, ela não identifica os *idols* como representações fieis das pessoas que os “interpretam”. Seus comentários nos levam a crer que a proximidade virtual e o sentimento de empatia que sentia por seus ídolos não seriam os motivos que a fizeram ser fã. O próprio fato de não conseguir evocar uma memória sobre a personalidade de seu *idol* preferido pode nos levar a concluir que este não era um aspecto que ela considerasse importante.

Esta descrença muito provavelmente se dá em virtude de sua personalidade tímida e introvertida. Ela utiliza como justificativa para não acreditar totalmente na imagem que via o fato de que, se fosse ela no lugar deles, ela não falaria tão abertamente de seus gostos e desgostos. Neste mesmo sentido, afirma que se sentia constrangida até mesmo ao presenciar uma conversa envolvendo situações românticas com um ídolo.

Por outro lado, a segunda tabela nos mostra uma visão mais ligada às produções, talento e aparência de seu(s) *idol(s)* preferidos como sendo o ponto chave

para sua adesão às práticas de fã. Esses comentários nos levam a crer que a escolha dos *idols* para se dedicar possa ter sido fortuita, significando que as práticas e, talvez, o envolvimento seria semelhante com qualquer outro artista que fosse. Iremos analisar este aspecto em seguida.

Tabela 5.1 – Aspectos da Intimidade: Conhecimento

Aspecto da Intimidade	
1. Conhecimento	"(...) eu só ficava na internet pesquisando sobre os caras."
	"(...) eu só ficava pesquisando sobre aquilo e aí eu ficava o dia inteiro. Era pesquisando música, era pesquisando notícias deles, era pesquisando fotos, era... enfim, só. Aí ficava assistindo DVD, ficava entrando em fóruns de discussão, vendo o que as pessoas estavam falando."
	"Na época eu já tinha aquela ideia de que eu gostava deles, que aquilo me divertia, mas eu não achava que eu me tornava mais próxima dos caras (por causa da informação que eu tinha deles)."
	" (...)eu acompanhei a tour inteira pelo livejournal. As pessoas ficavam fazendo reports e eu ficava lendo (...)."
	"(...) por mais falso que aquilo soasse, eu via um pouquinho de verdade nas respostas e nas coisas que eles falavam."
	"Eu achava, não sei, acho que eles tinham um pouco de liberdade para falar o que quisessem de vez em quando."
	"Ah, eu acompanhava tudo, né."
	"Tudo quanto era revista que saía, sabe aquelas coisas? O que fulano gosta de fazer, o que isso, o que aquilo, bla bla bla. Isso tudo eu acompanhava e tal (...)"
	"(...) ele está falando as coisas que ele gosta de fazer, as coisas que ele gosta de comer, as coisas que ele gosta de... sei lá, assistir (...)"

Mariana também era uma consumidora ávida de toda informação possível disponível a respeito de seus ídolos. Seu foco principal eram informações oficiais (*“Era pesquisando música, era pesquisando notícias deles, era pesquisando fotos, era... enfim, só.”*), informações compartilhadas por outros fãs (*“ficava entrando em fóruns de discussão, vendo o que as pessoas estavam falando.”*; *“(...)eu acompanhei a tour inteira pelo livejournal. As pessoas ficavam fazendo reports e eu ficava lendo (...).”*) e informações compartilhadas pelos próprios ídolos por meio de entrevistas (*“(...) por mais falso que aquilo soasse, eu via um pouquinho de verdade nas respostas e nas coisas que eles falavam.”*, *“acho que eles tinham um pouco de liberdade para falar o*

que quisessem de vez em quando.”; *“Tudo quanto era revista que saía, sabe aquelas coisas? O que fulano gosta de fazer, o que isso, o que aquilo, bla bla bla. Isso tudo eu acompanhava e tal (...); “(...) ele está falando as coisas que ele gosta de fazer, as coisas que ele gosta de comer, as coisas que ele gosta de... sei lá, assistir (...)”*). Embora não completamente, Mariana acreditava que podia vislumbrar um pouco da personalidade real dos artistas.

Seu comentário que mais chama a atenção, porém, é este: *“Na época eu já tinha aquela ideia de que eu gostava deles, que aquilo me divertia, mas eu não achava que eu me tornava mais próxima dos caras (por causa da informação que eu tinha deles)”*. É uma afirmação que por si só denuncia que Mariana não sentia que utilizava e relacionava a obtenção de informações como manutenção ou aprofundamento de sua intimidade com seus ídolos. Pelas declarações, vemos que sentia prazer em pesquisar, em saber mais sobre eles, mas não atrelava a esta prática nenhum significado emocional, que permitisse um acesso à personalidade do artista.

Tabela 5.1.1 – Aspectos da Intimidade: Consumo

Aspecto da Intimidade	
1.1 Consumo	“Comprava de mais grupos também, só que não sempre. Por exemplo, do grupo que eu gostava – NEWS no caso – eu comprava quase tudo que saía, senão tudo. Teve uma época que eu comprava tudo quanto era <i>single</i> (...). Comprava tudo o que era lançado assim, eu dava um jeito de comprar. Mas nos outros só se fosse uma coisa que me chamasse muita atenção.”
	“(…) mas eu nunca pensei nisso, em apoiar o artista, independente do artista que fosse, não só <i>Johnny’s</i> . Era mais porque eu queria ter aquilo, sabe? ”
	“(…) quando eu comprava, não era só o negócio de comprar, era eu ter conseguido comprar e, enfim, uma coisa que ia se esgotar rápido e tal.”
	“(…) eu me sentia mais 'nossa, eu realmente sou fã dos caras porque eu comprei o CD, comprei o DVD, comprei as duas, três, sei lá, noventa edições'.”
	“Nossa, o que me deu na cabeça que eu comprei esses negócios que agora não vou nem conseguir vender? (risos).”
	“(…) saía e eu pensava “ah, eu preciso ter”, sei lá, eu achava legal (...)”

1.1 Consumo	"Eu ficava muito feliz (pensando) 'Nossa, não acredito que eu comprei!' e tal, ficava super ansiosa até chegar, CD, DVD, o que quer que fosse."
	"(...) eu me sentia mais 'nossa, eu realmente sou fã dos caras porque eu comprei o CD, comprei o DVD, comprei as duas, três, sei lá, noventa edições'."
	"(...) os CDs que eu tenho... Acho aquilo tudo muito supérfluo. Calendário também: é uma coisa que eu acho completamente inútil. Os calendários estão lá parados, eu não uso pra nada."

Nas práticas de consumo, porém, podemos visualizar uma presença da emocionalidade impulsionando a compra de produtos. Mariana consumia quase tudo o que o grupo lançava. Ela conta que havia uma diferenciação entre o consumo de produtos de grupos diversos (*"Comprava de mais grupos também, só que não sempre"; "Mas nos outros só se fosse uma coisa que me chamasse muita atenção."*) e adquirir produtos de seu grupo preferido (*"(...) do grupo que eu gostava – NEWS no caso – eu comprava quase tudo que saía, senão tudo. Teve uma época que eu comprava tudo quanto era single (...). Comprava tudo o que era lançado assim, eu dava um jeito de comprar."*).

Deste primeiro comentário, podemos concluir que a compra de produtos de outros grupos era feita de maneira crítica, com um porquê de ser. Na entrevista, ela aponta que, caso recebesse recomendação ou sentisse que era uma compra que valeria à pena, concluiria a transação. Já com NEWS, seu grupo preferido, este tipo de filtragem não acontecia. Ela apenas consumia compulsivamente todos os produtos. (*"Nossa, o que me deu na cabeça que eu comprei esses negócios que agora não vou nem conseguir vender? ' (risos)."; "(...) saía e eu pensava 'ah, eu preciso ter', sei lá, eu achava legal (...)"*)

Enquanto Cristina nos aponta uma motivação diferente da emoção para a compra dos objetos (qualidade e o fato de ser colecionadora de CDs), Mariana não nos transmite a ideia da existência de uma motivação mais profunda. Não há grandes sentimentos em relação ao valor emocional que o acúmulo de objetos trouxe para si. (*"(...) os CDs que eu tenho... Acho aquilo tudo muito supérfluo. Calendário também: é uma coisa que eu acho completamente inútil. Os calendários estão lá parados, eu não*

uso pra nada.”).

Na época, porém, sentia-se extasiada ao obter novos produtos (“*Eu ficava muito feliz (pensando) 'Nossa, não acredito que eu comprei!' e tal, ficava super ansiosa até chegar, CD, DVD, o que quer que fosse.*”) e sentia que a aquisição de produtos validava sua existência como fã. (“*(...) eu me sentia mais 'Nossa, eu realmente sou fã dos caras porque eu comprei o CD, comprei o DVD, comprei as duas, três, sei lá, noventa edições'.*”). Além disso, a emocionalidade se faz presente na forma de uma noção de conquista, uma satisfação pessoal ao adquirir os objetos (“*(...) quando eu comprava, não era só o negócio de comprar, era eu ter conseguido comprar e, enfim, uma coisa que ia se esgotar rápido e tal.*”)

Sua prática de consumo era motivada por um bem estar próprio momentâneo e a construção da sua identidade como fã, mais do que uma relação estabelecida com seus ídolos propriamente dita. (“*(...) mas eu nunca pensei nisso, em apoiar o artista, independente do artista que fosse, não só Johnny's. Era mais porque eu queria ter aquilo, sabe?*”).

Tabela 5.2 – Aspectos da Intimidade: Empatia

Aspecto da Intimidade	
2. Empatia	"(...) ele era meu favorito, então também tinha aquela coisa de eu ficar feliz por isso assim. "Nossa, ele deve ter trabalhado bastante para ter conseguido esse tipo de coisa" e eu acharia isso legal também."
	"Eu ia pensar 'Nossa, por que ele está assim?' Ia rolar alguma dúvida desse tipo"
	"Talvez me sentiria mal por ele."
	"(...) os integrantes eram queridinhos."

Como o aspecto “Empatia” está relacionado às características 等身大 *tôshindai* (“suficientemente normal”) e 疑似的仲間 *gijiteki-nakama* (“pseudocolega”) dos *idols*, sobre os quais já identificamos Mariana como descrente, não vemos um envolvimento muito aprofundado nos comentários presentes nesta tabela. É possível notar que ela não os via com total indiferença, porém não sentia uma profunda identificação pessoal com eles, em um aspecto que enquadre o relacionamento como um vínculo interno com

partes que se sobrepõem. Há uma separação clara entre o ídolo e o fã, uma admiração à distância que não produz a sensação de papéis inseparáveis um do outro.

Tabela 5.3 – Aspecto da Intimidade: Ação pela Emoção

Aspecto da Intimidade	
3. Ação pela Emoção	“Nossa, o que me deu na cabeça que eu comprei esses negócios que agora não vou nem conseguir vender?” (risos).”
	“(…) saía e eu pensava ‘ah, eu preciso ter’, sei lá, eu achava legal (…).”
	“(…) quando eu comprava, não era só o negócio de comprar, era eu ter conseguido comprar (…).”
	“Eu ficava muito feliz (pensando) ‘Nossa, não acredito que eu comprei!’ e tal, ficava super ansiosa até chegar, CD, DVD, o que quer que fosse.”
	“(…) eu me sentia mais ‘nossa, eu realmente sou fã dos caras porque eu comprei o CD, comprei o DVD, comprei as duas, três, sei lá, noventa edições’.”
	“(…) tinham coisas que eu ficava realmente comovida (quando assistia)”
	“(…) tinham coisas que, por exemplo, quando eu tava meio pra baixo, eu assistia aquela coisa e aquilo me deixava feliz.”
	“Alterava sim meu humor, não era uma coisa só para passar o tempo.”
	“(…) quando era a primeira vez que eu estava assistindo um show, eu ficava muito feliz.”
	“(…) eu ficava tão ansiosa pra eu finalmente assistir aquilo (…).”
	“As pessoas ficavam fazendo <i>reports</i> e eu ficava lendo e ficava (pensando) ‘Ai meu Deus, eu preciso ver isso, eu preciso.’”
	“(…) quando chegou o DVD, nossa, eu quase morri.”
	“Eu fui assistir e aí eu cantava, eu gritava (…).”
	“Aí eu ficava tipo, muito... Enfim, eu fiquei muito feliz quando recebi aquele DVD.”
	“(…) eu fiquei pensando ‘Nossa, tô louca pra ver esse DVD’”
“(…) já que eu não ia poder ir pra tour (risos), eu pelo menos gostaria de assistir.”	
“(…) quando você tá assistindo sozinha (…) fica esquisito tu pegar (sic) e ficar lá fazendo comentários tipo ‘ai meu Deus, olha como ele é lindo!’ (…) E aí quando você está com um grupo de amigos tu pode fazer comentários assim, você se sente mais à vontade para interagir.”	
“Ao mesmo tempo (em) que eu ficava ‘ai meu Deus, que legal, ele está falando as coisas que ele gosta de fazer, as coisas que ele gosta de comer, as coisas que ele gosta de... sei lá, assistir’, ao mesmo tempo eu pensava ‘não, ele não deve estar falando a verdade nessas coisas aqui’ (risos).”	
“Querida falar ‘Ah, adoro o seu trabalho’ e tal, ‘Tira uma foto comigo?’, ‘Me dá um autógrafa?’, essas coisas. Eu nunca consegui assim, sabe,	

3. Ação pela Emoção	me ver com qualquer artista, 'ah, eu seria amiga do Fulano'.”
	“(Você já se imaginou em uma situação romântica com um Johnny?) Não. Eu na verdade quando rolava esse tipo de conversa, eu ficava muito constrangida. Eu ficava 'Ai, que vergonha! Não, pára!'. Eu nunca conseguia.”
	“(…) ter mais de uma fã dele? (….) eu não me incomodava. Normal. Eu inclusive gostava (e pensava) ‘Olha, uma pessoa com o mesmo gosto que eu! Vamos conversar. ’.”
	“(…) os integrantes eram queridinhos assim (….)”

Apesar de a empatia não se mostrar de maneira profunda, a emocionalidade não estava ausente do relacionamento com o *fandom*. Assim como em Cristina, a emoção servia como combustível para suas práticas de fã, seja comprando, acompanhando e interagindo com outros fãs.

Como já citado acima, a emoção é visível nos comentários que faz a respeito da aquisição de produtos. Este aspecto parece ser o principal fator para que a compra de fato ocorresse. (“*Nossa, o que me deu na cabeça que eu comprei esses negócios que agora não vou nem conseguir vender?*” (risos).”; “(…) *saía e eu pensava 'ah, eu preciso ter', sei lá, eu achava legal (…)*”; “(…) *quando eu comprava, não era só o negócio de comprar, era eu ter conseguido comprar (…)*”).

O envolvimento emocional de Mariana se evidenciava de forma expressiva na maneira com que ela se relacionava com os programas a que assistia, aos shows, aos clipes. Principalmente em relação aos shows, pois podemos identificar que realmente havia uma projeção de si mesma para aquele momento. Ela de fato se imaginava vivenciando aquilo, sendo uma sensação considerada extasiante para ela. Ela realmente imaginava o show, queria assistir ao show pessoalmente, queria estar presente naquele momento. Então, o papel que assumia era de participante daquele evento: “(…) *quando era a primeira vez que eu estava assistindo um show, eu ficava muito feliz.*”; “(…) *eu ficava tão ansiosa pra eu finalmente assistir aquilo (…)*”; “*As pessoas ficavam fazendo reports e eu ficava lendo e ficava (pensando) 'Ai meu Deus, eu preciso ver isso, eu preciso'*”; “(…) *quando chegou o DVD, nossa, eu quase morri.*”; “*Eu fui assistir e aí eu cantava, eu gritava (…)*”; “(…) *já que eu não ia poder ir pra tour (risos), eu pelo menos gostaria de assistir.*”.

Era um envolvimento voltado para a produção dos ídolos em vez de um relacionamento construído com eles. Era poder participar dos shows, poder participar do programa, era gostar muito da música e, de certa forma, apoiar-se nisso para transformar o seu dia: “(...) *tinham coisas que eu ficava realmente comovida (quando assistia)*”; “(...) *tinham coisas que, por exemplo, quando eu tava meio pra baixo, eu assistia aquela coisa e aquilo me deixava feliz.*”

Podemos confirmar isto ao vê-la dizer que gostaria de conhecê-lo estritamente como fã. As coisas que ela gostaria de dizer para ele caso tivesse a oportunidade são coisas que fãs diriam para um ídolo: “*Quería falar 'Ah, adoro o seu trabalho' e tal, 'Tira uma foto comigo?', 'Me dá um autógrafo?', essas coisas. Eu nunca consegui assim, sabe, me ver com qualquer artista, 'ah, eu seria amiga do Fulano'.*”

Da mesma forma, ela não se imaginava em situações românticas, se sentia muito constrangida com o assunto (“*Eu na verdade quando rolava esse tipo de conversa, eu ficava muito constrangida. Eu ficava 'Ai, que vergonha! Não, pára!'. Eu nunca conseguia.*”) E, ela não tinha um sentimento de posse, ou ciúmes do ídolo. Pelo contrário, gostava muito de conhecer pessoas que tinham gostos semelhantes ao dela, porque poderia compartilhar conhecimento, situações, ideias que envolvessem seu ídolo com alguém que a entenderia: “(...) *ter mais de uma fã dele? (...) eu não me incomodava. Normal. Eu inclusive gostava (e pensava) 'Olha, uma pessoa com o mesmo gosto que eu! Vamos conversar.*”.

Podemos ver que, realmente, seu envolvimento estava ligado à sensação de pertencimento a um grupo, à sua identificação como fã e de poder participar daquela produção artística que os ídolos estavam representando.

Ela não enxergava as características 等身大 *tôshindai* e 疑似的仲間 *gijiteki-nakama* neles, como mencionado no início da análise. Neste trecho retirado diretamente de sua entrevista, ela diz:

Eu não falaria. Eu pensava assim, né? Eu não falaria. Se as pessoas me perguntassem eu ia ou mentir, ou falar “Me recuso.” (risos). Mas isso vai de cada um, né? Tem gente que é mais expansiva, né, que fala “Minha vida é um livro aberto”. Eu mesma nunca fui assim e aí na época eu pensava assim “Sei lá, eu nunca falaria. Será que o que esse cara tá falando é mentira? Mas tudo

bem, né?”.

Ela projeta sua própria personalidade sobre eles, que é seu entendimento do mundo.

Nesta visão, ela não consegue acreditar que os ídolos de fato se expressem de maneira totalmente real ao que são. Daí que parte o sentimento de desconfiança, que a leva a se expressar da seguinte forma, também incluída na tabela: *“Ao mesmo tempo que eu ficava 'Ai meu Deus, que legal! Ele está falando as coisas que ele gosta de fazer, as coisas que ele gosta de comer, as coisas que ele gosta de... sei lá, assistir'; ao mesmo tempo eu pensava 'não, ele não deve estar falando a verdade nessas coisas aqui' (risos).”*

Percebemos, então, que a visão que projeta nos ídolos é relativa à sua própria pessoa, à sua maneira de atribuir significados aos elementos da vida. Se este era o jeito com que ela lidava com o mundo, era, também, o jeito que ela projetava com que outras pessoas lidariam com o mundo. Isto impedia que ela estabelecesse um contato mais íntimo com eles, que acreditasse que eles eram de fato aquelas pessoas que demonstravam ser.

Como já mencionado anteriormente, a emoção que é sentida em relação a eles como pessoas está totalmente relacionada à empatia que é sentida para com eles; e a empatia que é sentida por eles depende do reconhecimento deles como representações reais de quem são.

Por causa de sua personalidade, por ser muito tímida, muito introvertida, se tornava descrente deste aspecto. Isto a impedia de se envolver emocionalmente com a pessoa deles. Este fato não significa que ela não se envolvia emocionalmente com as práticas de fã, mas significa que o papel assumido neste relacionamento não era mediado pela afetividade.

Tabela 5.4 – Aspectos da Intimidade: Experiência

Aspecto da Intimidade	
4. Experiência	“(…) quando era a primeira vez que eu estava assistindo um show, eu ficava muito feliz. Muito, muito, muito feliz.”
	“E eu acompanhei a tour inteira pelo <i>livejournal</i> . As pessoas ficavam fazendo <i>reports</i> e eu ficava lendo(…)”
	“Talvez fosse por isso, porque eu acompanhei tudo assim, sabe?”
	“E aí quando você está com um grupo de amigos tu pode fazer comentários assim, você se sente mais à vontade para interagir.”

Em relação à experiência, se repete o mesmo aspecto de transferência: Como não é possível realmente vivenciar aquele momento como fã, ao vivo, os fãs do Brasil criam momentos que ficam guardados em suas memórias como a própria experiência de tê-lo vivido. Quando Mariana diz “(…) *quando era a primeira vez que eu estava assistindo um show, eu ficava muito feliz. Muito, muito, muito feliz.*”, o faz porque se projetava para aquela situação, de estar assistindo pessoalmente a um show pela primeira vez. “(…) *Já que eu não ia poder ir pra tour (risos), eu pelo menos gostaria de assistir.*”). É como se ela estivesse de fato presenciando o *show* e como se estivesse de fato construindo aquela memória, vivendo aquele momento.

Ela mesma coloca isto: “*Talvez fosse por isso, porque eu acompanhei tudo assim, sabe?*”. Este comentário nos faz assumir que realmente sente que foi um processo do qual fez parte, do qual participou.

Anteriormente, comentou que estar em um grupo de amigos fazia com que se expressasse mais. Isto também criava uma experiência de um momento vivido em relação a seus ídolos, mas sendo um momento compartilhado com outros fãs.

Analisando os aspectos da intimidade presentes na entrevista de Mariana, pudemos concluir que, de fato, não reconhecer os ídolos como 等身大 *tôshindai* (“suficientemente normal”) ou 疑似的仲間 *gijiteki-nakama* (“pseudocolegas”), torna difícil o estabelecimento de um vínculo afetivo entre o fã e seu ídolo. No caso de Mariana,

embora se envolvesse emocionalmente com as práticas de fã, não tinha este mesmo envolvimento com as pessoas que os *idols* representavam. O estabelecimento do vínculo virtual ocorre com Mariana assumindo um papel único e exclusivamente de fã, sem projetar fantasias românticas ou de amizade com os *idols*.

### **3.3.4. O afastamento**

No contexto de Mariana, podemos observar que estava vivendo um momento semelhante ao de Cristina em sua vida. Gostaram de *Johnny's* na mesma época, com aproximadamente a mesma idade, exceto que Mariana se tornou fã apenas um ano após Cristina, no segundo ano do Ensino Médio.

Havia acabado de se mudar para Brasília, então era uma época em que não tinha muitos amigos, exceto os da escola. A partir daí, começou a gostar de NEWS e considerava que era uma distração para si na época.

Foi fã por mais tempo que Cristina, cerca de quatro a cinco anos em um contexto um pouco diferente: foi um relacionamento menos intenso em relação às projeções e às expectativas que ela tinha no grupo.

Como analisado acima, a característica marcante de sua construção com o grupo NEWS foi a de que se envolvia bastante com a ideia do show, com os produtos, com as músicas, com o universo das *boybands* em si, mas não se envolvia com eles emocionalmente, ela não tinha uma projeção de relacionamento afetivo com os membros. O que aparecia, neste aspecto, era sua visão própria como fã, que se evidenciava na maneira que gostaria de interagir com eles caso os conhecesse. Ela não tinha vontade de conhecê-los como pessoas, não tinha a sensação de proximidade forte.

Diferentemente de Cristina, não aconteceu algo específico com o grupo para que ela parasse de gostar, que fizesse com que ela ficasse desestimulada. O que aconteceu foi um impacto emocional sem relação com os *idols*. Foi um momento que ela estava vivendo:

Era um período assim... Não sei, eu estava passando por algumas coisas, sabe? As coisas que eu gostava, eu já não estava gostando mais. E, sei lá, estava bem... Já quase chegando na época que eu estava acabando a faculdade e eu acabei largando, assim.

Era o período que eu estava me mudando aí de Brasília pra Porto Alegre. E aí eu estava cheia de coisa na cabeça... E aí, não sei, foi acabando assim...

Era tipo, tudo junto. Sabe, aconteceu muita coisa tudo junto. Eram coisas que eu nem lembro assim, sei lá. Aí acabou que foi um choque. Acho que foi isso. Foi uma época assim que eu também estava meio que numa *bad*... Não tava no melhor momento da minha vida. E aí acabou que... sei lá.

Não que eu lembre. Na verdade eu estava triste por estar me mudando de Brasília para Porto Alegre, acho que isso foi o que me deixou muito mal. E acabei que fiquei meio chateada com o mundo. (risos)

Foi uma época em que estava triste, sentimento causado principalmente pelo fato de que iria se mudar. Com a quantidade de mudanças acontecendo na mesma época, ela considerou que ficou de certa forma, em choque.

Foram dois grandes impactos em sua vida: a formatura na faculdade e a mudança para Porto Alegre. São mudanças que implicam na construção de novos vínculos e no abandono de vínculos antigos. Assim, ela precisou abandonar os vínculos estabelecidos com a cidade de Brasília e vínculos que tinha com colegas de faculdade. Na mesma época, construiu novos vínculos que, da mesma forma como ocorreu com Cristina, tomaram o espaço desse vínculo virtual que ela havia estabelecido com seu grupo preferido.

Observamos então que são os mesmos motivos: um impacto emocional, resultando em desânimo para com a manutenção da intimidade com o grupo, seguido de uma grande mudança na vida social que implique no estabelecimento de vínculos diferentes.

Foi perguntada sobre sua visão do relacionamento construído com os ídolos durante o período em que foi fã. Diferentemente de Cristina, ela considera que foi um comportamento normal e apropriado para sua idade na época:

(...) não me arrependo porque como eu te falei é normal da idade. Achava bem normal, bem apropriado pra época que eu tava vivendo ser fã de alguma coisa, que no caso eu escolhi esses grupos aí. Não sei se eu falaria alguma coisa para

mim mesma na época... Mentira, falaria sim: pra não ficar ouvindo só música japonesa, eu diria que era pra ouvir outras coisas, porque depois que eu comecei a ouvir outras coisas eu ficava pensando “Nossa, que legal essa música nova” e me falavam “Essa música foi lançada em 2008”. Eu vivia em uma bolha, sabe? Talvez eu fosse meio alienada. Queria ser menos alienada, talvez. Acho que é isso.

O ponto negativo levantado foi o de que, ao se afastar dos artistas japoneses, se sentira alienada, atrasada em relação às novidades que estavam acontecendo ao seu redor sem que ela percebesse. Em outro momento, citou se arrepender de ter gastado tanto dinheiro com produtos de *Johnny's*.

Após isto, foi indagada sobre qual era a visão que tinha do mercado dos *idols* e como ela se via inserida neste panorama na época:

É interessante, sabe? A maneira como eles produzem todo um universo em volta desses caras para... Enfim, estão vendendo um produto ali. E acho que é muito bem construído, assim. Apesar de que eu acho que as vezes seja muito... Talvez seja uma questão de cultura também, mas eu não curto porque eu não acompanho faz muitos anos. Mas hoje em dia eu entendo quando as pessoas vêem algumas coisas e ficam “Ah, que horror”, porque tem coisas que são meio exageradas. Não sei se hoje em dia eu gostaria de ver esse tipo de coisa. Mas de uma forma geral, é bem construído assim tudo.

**Você acha que é realmente uma grande indústria que eles constroem para atrair os fãs?**

Sim, sim, com certeza. É tudo muito bem trabalhado. Isso não dá pra negar.

**E hoje em dia, como você enxerga que você estava inserida nessa indústria? Qual era a sua participação?**

Ah... Consumindo esses produtos e gastando o pouco dinheiro que eu tinha na época (risos). Acho que é isso.

Sua visão se encaixa dentro de um conceito de produção capitalista que enquadra o fã como consumidor, como fonte de dinheiro e os ídolos como produtos. Em sua visão, este é o motivo pelo qual o produto é tão bem produzido: gerar mais lucros. Sua visão de sua participação neste contexto é a de simples consumidora, contribuindo para este sistema.

De maneira geral, Mariana não coloca em cheque o relacionamento e o envolvimento que teve com seus ídolos. Ela considera um comportamento típico, justificável, categorizado como uma fase normal da vida de um adolescente. Pela análise realizada, pudemos vislumbrar um relacionamento saudável, onde ela mantinha

um *hobby* que gerava um sentimento de identificação, fazendo com que se sentisse parte de um grupo. E, além disso, foi bom para a construção de sua identidade a longo prazo, gerando um pensamento crítico sobre seus gastos impensados e sua alienação. Ela considerava que consumia bastante por impulso, mas tirando este aspecto, não se sentia presa emocionalmente a eles.

## 4. Considerações Finais

A condução deste estudo nos propiciou a visão de dois casos de envolvimento de fãs com seus ídolos pop do Japão, de maneira que pudemos notar uma clara distinção entre os relacionamentos construídos. O estudo foi realizado com duas mulheres na faixa dos vinte anos, que foram fãs aproximadamente na mesma época, na mesma fase da vida, vivendo na mesma cidade e com condições sociais semelhantes. Ainda assim, o relacionamento foi inteiramente diferente. O que podemos concluir com isto?

Em primeiro lugar, que os vínculos estabelecidos com os *idols* não variam apenas conforme as estratégias mercadológicas e os meios de produção e promoção de sua imagem, mas que estão sujeitos ao aspecto da significação, de como os fãs irão atribuir aos ídolos sentidos próprios que estejam em conformidade com sua experiência de vida, seus desejos e expectativas. E, principalmente, a maneira pela qual eles atribuirão estes significados irá depender de suas personalidades, de todas as experiências que os tornaram estes indivíduos únicos, com qualidades singulares que são hoje.

Desta forma, notamos que, possivelmente, os aspectos da personalidade expansivo e descontraído de Cristina seriam um dos fatores que se refletiam no relacionamento estabelecido. Em conjunto com todos os aspectos da sua personalidade, estes dois traços percebidos durante a entrevista faziam com que acreditasse mais na imagem que estava sendo ofertada a ela. Como consequência disto, houve o estabelecimento de uma empatia maior por aquela imagem. Enquanto isso, no relacionamento de Mariana, justamente por ter traços de personalidade distintos, a interpretação dada não ocorreu da mesma forma.

É importante frisar que a maneira com que cada uma construiu o vínculo com seu ídolo – sendo que uma teve um relacionamento afetivo de fato e a outra não teve um relacionamento afetivo, mas apenas emocional – não determina quem foi mais ou quem foi menos fã, mas que nós, seres humanos, estamos sujeitos a atribuir significados às coisas de acordo com a nossa maneira de interpretar o mundo.

O relacionamento com o ídolo, embora seja um vínculo virtual, continua sendo uma espécie de relacionamento que também estará sujeito a esta significação. É por isso que podemos ver a diferença nos dois casos.

Embora o afastamento tenha ocorrido de formas distintas, o seu motivo possui características em comum. Nos dois casos, observamos que as pessoas sofreram um impacto emocional que se refletiu no relacionamento delas, de tal maneira que elas perdessem a motivação para continuar buscando manter o vínculo.

É necessário vigor, determinação e motivação para manter um relacionamento. Só construímos intimidade entre duas pessoas por meio de um nível de comprometimento e de proximidade, isto é, precisamos nos comprometer à manutenção desta intimidade para nos sentirmos mais próximos. Quando deixamos de ter contato com as pessoas, nos distanciamos delas e temos relacionamentos que se tornam distantes e menos íntimos.

Da mesma forma, isto acontece com o vínculo virtual estabelecido com os ídolos. Nesse caso, porém, a intimidade é mantida unicamente pelo fã. O *idol* não tem como atingir os fãs sem que seja por meio da percepção que os fãs têm dele. Mesmo que tenha como estratégia a exposição das características que facilitam a identificação por parte dos fãs, 疑似的仲間 *gijiteki-nakama* (“pseudocolegas”) e 等身大 *tôshindai* (“suficientemente normais”), ele depende da construção de seu carisma e, acima disso, que o fãs o percebam de determinada maneira e se sintam motivados a manterem a existência do vínculo.

O segundo aspecto ligado ao afastamento foi o estabelecimento de novos vínculos na vida social das duas mulheres, marcados por momentos de mudanças em suas vidas nos quais estabeleceram novos vínculos com colegas de trabalho, amigos em outra cidade, perderam vínculos com colegas antigos e também o vínculo virtual com os ídolos. A vida é um processo dinâmico onde estabelecemos e rompemos os vínculos já estabelecidos a todo o momento. O relacionamento com os ídolos é apenas mais um desses vínculos comuns.

Da mesma forma, assumimos vários papéis. São papéis que estão relacionados com a maneira de nos relacionarmos com o mundo e com a percepção que temos do

próximo. No estudo apresentado, vimos que o papel estabelecido por Cristina foi ora de fã, ora de amante, ora de amiga. O papel de Mariana foi estritamente de fã.

Este trabalho permitiu que visualizássemos por meio de dois exemplos a maneira pela qual a construção da imagem do ídolo atinge os fãs e como os fãs projetam suas significações em cima desta imagem.

Ele também mostra como a cultura pop japonesa atinge dimensões internacionais mesmo que nem sempre intencionalmente. Não foi mencionado diretamente ao longo do trabalho, mas a política de produção da *Johnny's & Associates* tem por foco principal o mercado japonês apenas, não investindo extensivamente no mercado internacional, expandindo seus negócios apenas na última década para shows realizados em outros países asiáticos.

Neste sentido, podemos ver o fã como um agente social, não consumindo passivamente o produto que é vendido, mas buscando, pesquisando, consumindo e participando ativamente, significando e ressignificando os produtos que são lançados no mercado e a imagem dos *idols* promovidos pela *Johnny's & Associates*.

## 5. Referências Bibliográficas

- AGUIAR, M. **O Teatro Terapêutico: Escritos Psicodramáticos**. Campinas: Papirus, 1990.
- AOYAGI, Hiroshi. Pop Idols and The Asian Identity. In: CRAIG, Timothy J. (ed.). **Japan Pop! Inside the World of Japanese Popular Culture**. New York: M. E. Sharpe, 2000.
- BARNOUW, Eric, KIRKLAND, Catherine E. Entertainment. In: BAUMAN, Richard (ed.). **Folklore, Cultural Performances, and Popular Entertainment**. Oxford: Oxford University Press, 1992, p. 50-52.
- BOCCI, Josiane C., VIANA, Milena de B. Freud, as Neurociências e uma Teoria da Memória. **Psicol. USP**, vol.23, no.3, São Paulo, 2012. p. 481-502.
- BREBHERTON, I. Communication Patterns, Internal Working Models, and the Intergenerational Transmission of Attachment Relationships. **Infant Mental Health Journal**, Vol. 11, 1990. p. 237-252.
- CAMPION, Chris. J-Pop's dream factory. **The Guardian**. 21-8-2005. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/music/2005/aug/21/popandrock3>>. Acesso em: 05/06/2015.
- CRAIG, Timothy J. (ed.). **Japan Pop! Inside the World of Japanese Popular Culture**. New York: M. E. Sharpe, 2000.
- DANION, J.M., MEULEMANS, T, KAUFFMANN-MULLER, F., VERMAAT, H. Intact Implicit Learning in Schizophrenia. **American Journal of Psychiatry**, Vol. 158, 2001. p. 944-948.
- HACKING, IAN. **Rewriting the Soul: Multiple Personality and the Sciences of Memory**. Princeton: Princeton University Press, 1998.
- HINDE, Robert A. **Relationships: A Dialectical Perspective**. United Kingdom: Erlbaum (UK) Taylor & Francis, 1997.
- IZQUIERDO, Ivan. **Memória**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.
- KELLY, William W. (ed). **Fanning the Flames: Fans and Consumer Culture in Contemporary Japan**. Albany: State University of New York Press, 2011, p.1-13.
- KASULIS, Thomas. Intimacy: A General Orientation in Japanese Religious Values. **Philosophy East and West**, A Quarterly of Asian and Comparative Thought. Volume 40, Number 3, Hawaii: University of Hawaii Press, 1990, p. 433-449.
- NERY, Maria da Penha. **Vínculo e Afetividade: Caminhos das Relações Humanas**. São Paulo: Ágora, 2003.
- NEUFELD, Carmen Beatriz & STEIN, Lilian Milnitsky. A compreensão da memória segundo diferentes perspectivas teóricas. **Estudos de Psicologia** (Campinas). Volume 18, no. 2, Campinas, Maio/Ago 2001. p. 50-63.
- STEVENS, Carolyn S. Buying Intimacy: Proximity and Exchange at a Japanese Rock Concert. In: KELLY, William W. (ed). **Fanning the Flames: Fans and Consumer Culture in Contemporary Japan**. NeW York: State University of New York Press, Albany. 2011. p.59-77.
- WHITE, Merry. **The Material Child: Coming of Age in Japan and America**. Berkeley: University of California Press, 1994.
- WIKIPEDIA. **Teoria do apego**. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria\\_do\\_apego#cite\\_note-Ainsworth.2C1978a-37](http://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_do_apego#cite_note-Ainsworth.2C1978a-37)>. Acesso em: 03/06/2015.
- YANO, Christine R. Letters from the Heart: Negotiating Fan-Star Relationships in Japanese Popular Music. In: **Fanning the Flames: Fans and Consumer Culture in Contemporary Japan**. Albany: State University of New York Press, 2011, p. 41-58.

# ANEXOS



Universidade de Brasília  
Departamento de Letras e Tradução – LET  
Curso: Letras – Japonês

## ANEXO A – QUESTIONÁRIO ESTRUTURADO

\* Questionário aplicado como parte da coleta de dados para a realização do trabalho de conclusão de curso da aluna Débora Habib Vieira da Silva, sob orientação do Prof. Ronan Alves Pereira. O trabalho visa compreender de que maneira os ídolos pop Japoneses da empresa *Johnny's & Associates* são recebidos e percebidos pelo público no Brasil por meio de entrevista realizada com pessoas que fizeram parte deste, além de determinar o motivo pelo qual deixaram de ser fãs. Todos os dados serão utilizados estritamente para fins de pesquisa acadêmica e a privacidade do informante será mantida.

Obrigada pela Participação!

### Conte-me um pouco sobre você

#### 01. Idade

- 15-17
- 18-23
- 24-27
- 28 +

#### 02. Onde você nasceu?

---

#### 03. Renda familiar:

(\*Salário mínimo = R\$ 788,00)

- De 1 a 3 salários mínimos
- De 4 a 6 salários mínimos
- De 7 a 9 salários mínimos
- Acima de 10 salários mínimos

#### 04. Com que idade você começou a se interessar por “coisas” japonesas?

- Antes dos 10 anos
- De 10 a 14 anos
- De 15 a 19 anos
- Acima de 20 anos

**05. Quais dos seguintes elementos te interessam no Japão?**

- Animê
- Mangá
- J-music
- Língua Japonesa
- Games
- Cultura Tradicional Japonesa
- Religiões Japonesas

**06. Você sabe japonês?**

- Sim. Que nível? \_\_ Básico \_\_ Intermediário \_\_ Avançado
- Não

**07. Há quanto tempo você é ou por quanto tempo foi fã da *Johnny's & Associates*?**

---

**08. Você ainda se considera um fã?**

- Sim
- Não

**09. Você gostava/foi fã de algum outro artista de música japonesa que não fosse da *Johnny's & Associates*? Cite alguns.**

- Sim
- Não

---

---

**10. Qual era seu grupo preferido?**

- Arashi
- Kinki Kids
- NEWS
- Kanjani 8
- SMAP
- Tackey & Tsubasa
- Tegomass
- TOKIO
- Kis-my-FT2
- KAT-TUN
- Outro

**11. Além do seu grupo preferido, você acompanhava as atividades de algum outro grupo?**

- Arashi
- Kinki Kids
- NEWS
- Kanjani 8
- SMAP
- Tackey & Tsubasa

- Tegomass
  - TOKIO
  - Kis-my-FT2
  - KAT-TUN
  - Outro
- 

**12. O que te atraía nos *Johnny's*?**

\*múltipla-escolha

- Habilidades vocais
  - Eram divertidos / Personalidade
  - Coreografias
  - Aparência
  - As performances nos shows
  - Outro
- 

**13. O que te atraía nas músicas de *Johnny's*?**

\*múltipla-escolha

- O ritmo envolvente
  - As vozes em conjunto
  - A voz de um membro específico
  - A mensagem/letra das músicas
  - Outro
- 

**14. De que forma você acompanhava os grupos?**

\*múltipla-escolha

- Músicas
  - Performances em programas de auditório diversos
  - Shows
  - Programas de auditório próprios (Cartoon KAT-TUN, SMAPxSMAP, etc)
  - Shounen Club
  - Programas de rádio
  - Dramas
  - Clipes oficiais
  - Reportagens (sobre algum lançamento, algum drama estrelando um Johnny, etc)
  - Entrevistas em revistas
  - Outro
- 

**15. Através de que meio acompanhava as atividades de seus grupos favoritos?**

\*múltipla-escolha

- Internet (Baixava os shows, músicas, etc)
- Televisão por assinatura (NHK, etc)
- Rádio sem utilização de internet
- Revistas físicas
- CDs e DVDs originais (não baixados)

**16. Você comprava algum produto oficial da *Johnny's & Associates*?**

Sim. Com que frequência?

\_\_ Semanalmente \_\_ Mensalmente \_\_ Semestralmente \_\_ Esporadicamente

Não

**17. Quais?**

\*múltipla-escolha

CDS: Singles

CDS: Albons

DVDs de shows

DVDs de dramas

Panfletos promocionais de Shows

Uchiwas

Fotos oficiais

Revistas

Clippings

Photobooks

Calendários

Goods de shows de maneira geral

Outro

---

**18. Quanto você estima ter gastado com produtos *Johnny's*?**

\*múltipla-escolha

Até R\$ 100,00

De R\$ 100,00 a R\$ 300,00

De R\$ 300,00 a R\$ 500,00

De R\$ 501,00 a R\$ 1000,00

Mais de R\$ 1000,00

**19. Se pudesse, gostaria de ter todos os produtos do seu grupo preferido?**

Sim

Não

**20. Após deixar de ser fã, você revendeu os produtos?**

Sim

Não

**21. Você sente que adquiriu muita informação relativa a *Johnny's* na época? Como você classificaria essas informações?**

\*múltipla-escolha

Sim, apenas informações públicas como nome e idade dos membros

Sim, discografia/videografia completa

Sim, informações mais pessoais como tipo sanguíneo, altura e peso dos membros

Sim, informações sobre experiências vividas pelos membros, como o que gostam de fazer no tempo livre, etc

Sim, informações sobre experiências privadas como boatos de paqueras, brigas entre os membros etc

Não adquiri nenhuma informação

**22. Com que frequência você assistia programas, ouvia músicas ou conversava coisas relacionadas à *Johnny's*?**

- Todos os dias
- De duas a três vezes por semana
- Somente nos finais de semana
- Uma vez por semana

**23. Quanto tempo separava do seu dia para se dedicar ao hobby?**

- Menos de 1h por dia
- De 1h a 2h por dia
- De 2h a 4h por dia
- Acima de 4h por dia

**24. Se você não pudesse fazer alguma coisa relacionada à *Johnny's* no seu dia-a-dia, como se sentia?**

- Indiferente
- Gostaria de poder ter feito alguma coisa, mas não se sentia mal
- Ficava desanimado(a), parecendo que faltou alguma coisa no dia
- Muito, muito triste mesmo. Parecia que sempre tinha que fazer pelo menos alguma coisinha, nem que fosse ouvir uma música, para se sentir melhor.

**25. Você já fez amizades por causa da *Johnny's & Associates*?**

- Sim
- Não

**26. E inimizades?**

- Sim
- Não

**27. Se houvesse uma cerimônia de aperto de mãos com membros de algum dos grupos que você gosta no Brasil, na época, você teria ido?**

- Sim
- Não

**28. Se houvesse um show de algum dos seus grupos preferidos na época em outro estado, você iria?**

- Sim
- Não

**29. Você já assistiu algum drama porque um dos membros de um grupo que você gostava atuaria nele?**

- Sim
- Não

**30. Você já assistiu algum programa de auditório que normalmente não lhe interessaria porque um dos membros de um dos seus grupos preferidos apareceria nele?**

- Sim
- Não

**31. Hoje em dia, você ainda acha que eles são talentosos?**

- Sim, minha visão sobre eles não mudou.
- Somente alguns são realmente talentosos.
- Não cantam bem, mas têm talento em alguma habilidade específica (dança, rap, comédia etc)
- Não são talentosos.



## ANEXO B – Entrevista realizada com Cristina

Esta entrevista foi realizada oralmente no dia **23 de maio de 2015**, via *Internet*, com o objetivo de acrescentar ao questionário (ANEXO A) perguntas e respostas que explorassem de maneira emocional e pessoal o envolvimento do entrevistado com seus ídolos, além de contextualizar o início e o término do vínculo estabelecido.

---

**Eu queria que você me falasse da sua infância. Como foi? Você tinha muitos amigos, era uma pessoa mais extrovertida? Você era mais tímida? Me fale das suas lembranças do tempo da escola, essas coisas.**

Quando eu era pequena, eu não tinha muitos amigos. Eu era mais tímida, andava com uma ou duas amiguinhas da escola, mas não tinha muitos amigos. Eu era tímida, mas a partir do momento (em) que começavam a falar comigo, (em) que eu ganhava intimidade com as pessoas, eu era alegre, divertida, extrovertida. Mas com as outras pessoas eu era muito tímida e não dava muito acesso a elas.

**E essa personalidade, você diria que hoje é mais ou menos a mesma coisa?**

Parecido, mas hoje eu sou mais aberta a fazer amizades. Eu faço amizades (sic) muito fácil, hoje. Eu normalmente não sou a pessoa que, por exemplo, puxo (sic) o assunto, mas a partir do momento em que puxam o assunto comigo, a amizade acontece mais naturalmente. Eu não sou tão intimidadora como eu era, quando eu era mais nova.

**Você era intimidadora?**

Não sei. As pessoas não se aproximavam, então penso que sim.

**Se você pudesse se dar três características, quais seriam?**

Hoje eu sou extrovertida, engraçada... E ainda um pouco tímida.

**Você diria que você tem uma auto-estima baixa ou alta?**

Baixa.

**Por quê? Fale um pouco sobre isso.**

Ah, sei lá, eu não gosto da minha aparência. Então eu não consigo ter uma auto-estima elevada por causa disso.

**Então é mais pela sua aparência, não pela sua personalidade.**

Isso, exatamente.

**Você já namorou?**

Não foi por falta de querer... Mas não.

**Como é o clima na sua família? É um clima agradável, um clima bom?**

É um clima agradável, meus pais nunca foram de brigar muito. Pelo menos não na nossa frente,

quando eu era mais nova. E sempre foi muito “família” assim, com a presença dos dois constante. Talvez um pouco mais da minha mãe do que do meu pai, mas ainda assim a presença dos dois sempre foi mais constante. Eles nunca foram de bater na gente, esse tipo de coisa. Era uma boa relação de família.

**Como foi o seu primeiro contato com coisas do Japão?**

O primeiro contato, na verdade, foi com animês. Mas como na época eu não tinha noção que isso era do Japão, eu considero pra *Johnny's*, pra essas coisas... Mais com(sic) música. Através das músicas dos animês, esse tipo de coisa.

**Que ano que você conheceu a *Johnny's*?**

Em 2007. Eu me lembro que eu estava de férias, então ou foi no final de 2007 ou comezinho de 2008.

**De que idade a que idade você foi fã de *Johnny's*?**

Dos 15 aos 18 anos, mais ou menos.

**Nessa época você estava em que ano da escola?**

No primeiro ano do Ensino Médio.

**Você estava em uma fase de muitos amigos?**

Eu estava em uma fase de mais amigos. Acho que eu tinha mais amigos do que eu tenho hoje, né? Porque eram coleguinhas da escola e eu fiz amizade com pessoas de fora também. Então foi uma época que eu 'tava com mais amigos.

**E você costumava sair muito com esses seus amigos ou era uma coisa mais restrita à escola mesmo?**

A gente costumava sair. Não era muito, mas a gente ia pra (sic) cinema, pro (sic) shopping, ia um pra (sic) casa do outro... Esse tipo de coisa.

**A vida na sua família também estava normal, né? Estava tudo bem, nessa época?**

Sim.

**Você colocou aqui que você era fã de outros artistas japoneses que não eram *Johnny's*. Você vê alguma diferença entre ser fã de outros artistas e ser fã dos *Johnny's*? Tinha alguma diferença?**

Tinha porque os outros grupos que eu gostava, as outras bandas, eles, não sei explicar, não (me) deixavam tão louca (com) vontade de comprar as coisas. Eu acompanhava, mas não era tanto quanto eu acompanhava os *Johnny's* e tudo mais. Era menos 'maníaco' digamos assim.

**E o que é esse 'maníaco' pra você?**

Maníaco pra mim seria aquela pessoa viciada, que não consegue parar de fazer aquilo, que no meu caso era acompanhar tudo o que eles faziam, sem poder falhar nenhum dia. Saber tudo o que eles faziam, ser completamente viciado a ponto de ser maníaco. É tipo isso.

**Por que era tão 'maníaco' e não era maníaco com os outros?**

Não sei explicar, não. Talvez eu fosse mais fã dos *Johnny's* do que eu era dos outros, por isso eu me sentia compelida a comprar tudo, ou tudo que eu conseguisse comprar. Mas, não sei se tem uma explicação assim mais específica pra isso

**Como foi o seu primeiro contato com um grupo da *Johnny's*? E o que te chamou atenção à primeira vista?**

Meu primeiro contato foi assistir (a) um show. Fui à casa de uma amiga e aí fui assistir um show. E aí achei legal né, nunca tinha visto. Nunca tinha assistido (a) um show de uma boyband. De boyband nenhuma. Talvez uma apresentação do Broz. Quem é Broz, né? Ninguém lembra (risos). Então, assim... Foi novidade pra mim. Achei legal, né? Aqueles cantores que dançavam e, né, um milhão de roupas... Realmente, eu achei muito legal, achei interessante. E aí eu quis buscar mais sobre isso. E aí eu fui gostando cada vez mais, me interessando cada vez mais, até que eu realmente me tornei fã.

**Por que não se considera mais fã?**

Hoje eu não acompanho mais, raramente eu assisto alguma coisa que eles lancem, algum clipe, ou alguma música, alguma apresentação... Muito, muito, muito raramente eu assisto alguma coisa. Não vejo mais as notícias, não fico sabendo de mais nada. Realmente não procuro mais. Às vezes eu escuto as músicas, mas não é com aquela periodicidade que eu escutava antes. Então hoje eu realmente não me interessa mais por eles a ponto de ser fã. Nada contra, mas também não fico procurando.

**Você sente que há uma integração entre os grupos de *Johnny's*, por exemplo, quando você começa de um, você acaba gostando de vários?**

Eu acho que sim. Até porque tem muitos programas em que vários deles aparecem. Então a partir do momento de você gosta de um, você acaba tendo conhecimento sobre o outro. E aí você pode acabar gostando, porque eles tem, de certa forma, um estilo parecido, ou características parecidas como, sei lá, coreografias ou ficar trocando de figurino, esse tipo de coisa.

**Às vezes até dentro dos próprios grupos você identifica que tem coisas parecidas, né?**

Sim, por exemplo, o Kame (Kamenashi) e o Jin que querem ser o Kimutaku (Kimura Takuya, do SMAP) do KAT-TUN. Outra coisa também é que acontecem muitas homenagens, um grupo cantando música de outro grupo. Então, mesmo sem querer você acaba conhecendo o outro grupo e pensando "Ah, essa música é legal, será que outras músicas são boas também?". E você procura sobre outro grupo e tudo mais. Além da amizade que existe entre integrantes de grupos diferentes.

**E, pra você, como era ser fã de *Johnny's*? Como você enxergava eles (sic)? Como você enxergava sua vida?**

Na época a minha vida meio que girava em torno de *Johnny's*. Minha rotina girava em torno dos horários que eu ficava vendo as coisas, eu era bastante viciada mesmo. Eu gostava muito das músicas, gostava muito de ver eles (sic) apresentando, gostava de ver esses programas de auditório com eles, porque eles eram muito engraçados...

**O que te atraía? Você considera que os ídolos são interessantes justamente por eles terem várias coisas a oferecer?**

Isso. Eles não eram só cantores assim né... Eles eram engraçados. A partir do momento (em) que você acompanhava demais as coisas que eles faziam, né, tipo os programas, os shows e tudo mais, você via que eles eram engraçados e divertidos, além de cantores. Que alguns nem cantavam assim tão bem, mas que eles eram carismáticos e isso era um atrativo.

**Por que você assistia programas de auditório com eles?**

Justamente por essa questão carismática que eles tinham, né? Era engraçado você ver eles interagindo um com o outro sem ser musicalmente. Assim... Sem ser cantando, mesmo. Então isso era divertido, eles eram realmente muito engraçados. Então eu acompanhava por causa disso.

**Você sentia que você tinha um contato com um lado mais pessoal deles assim, então?**

Isso. Você conhecia eles, né? Principalmente aqui (no Brasil), né, a gente não tinha esse contato pessoal, literalmente, com eles. Tipo de ir em show, de ir nesses programas. Era a forma que a gente tinha de estar mais perto dos *idols*.

**Na época, se você pudesse, você compraria mais coisas?**

Ah, se eu pudesse, eu compraria.

**Você sente que você já gastou mais do que devia para comprar alguma coisa de *Johnny's*?**

Sim. Um álbum que eu gastei duzentos reais. Mais de duzentos reais.

**Que álbum foi esse?**

Do Pi. (Yamashita Tomohisa).

**Na época o que te impulsionou a comprar?**

Ah, uma loucura momentânea mesmo. *Em seguida do momento* (sic) (em) que eu comprei, eu falei “Pra quê que eu fiz isso?” (risos). Mas é um CD muito bonito. A questão é que os produtos dos *Johnny's* – os produtos japoneses em geral – são muito bonitos visualmente. Então, quando você tem um, você quer ter os outros porque eles são realmente muito bem feitos, o material muito bonito, impressões muito bem feitas. Acaba que você para de pensar, principalmente quando você tá muito dentro da coisa, você pára de pensar no preço, sabe? E aí você acaba comprando por impulso, ou acaba comprando porque você coleciona... Eu comprava muito por colecionar. Eu gosto de ter o CD original, faço isso com outras bandas que nem são japonesas. Eu gosto de ter o original. Então eu fazia isso como colecionadora. Mas admito que também tem coisas que são desnecessárias, tipo eles lançarem dez versões do mesmo álbum e você querer as dez. É bem *'maníaco'*. Era algo que eu faria na época que hoje eu não faria.

**Essa foi uma compra por impulso, mas no geral você achava que valia à pena, né?**

Normalmente eu achava que valia à pena, principalmente quando eu comprava DVDs, que pra gente acabava saindo mais caro – cento e poucos reais cada DVD – por causa do dólar. Então eu achava que valia à pena, porque era DVD e tudo mais. Era algo que justificava... Como se sendo (sic) DVD justificasse.

**Você se sentia extasiada ao adquirir novos produtos ou assistir vídeos deles?**

Sim, com certeza. Principalmente quando eu comprava, né, os produtos e eles chegavam... E aí era muito emocionante. Parecia que eu tinha ganhado um prêmio, assim... “Meu Deus, o CD chegou!”. E os programas também. Principalmente quando eles iam lançar alguma coisa nova, que eu acompanhava desde o início, desde quando eles começavam a soltar pedacinhos do clipe, pedacinhos da música... E aí finalmente lançavam alguma coisa... Era extasiante, eu ficava empolgada e animada.

**Você lembra de algum episódio específico que te marcou?**

Quando lançou o clipe de *Don't U Ever Stop* do *KAT-TUN*. A gente tava esperando há tanto tempo e tal... E aí saiu e era uma fancam muito mal gravada quando vazou. E ainda assim foi tipo “uó”. Todo mundo ficou extremamente louco por causa do vídeo e tal. E era um clipe muito legal... Ainda acho um clipe muito legal.

**Alguma coisa que você comprou na época você acha que foi supérfluo?**

Tem alguns itens que não são exatamente de música né, sei lá, revistas, calendários... Principalmente calendários. Não me faça contar a história do calendário (risos). Eu comprei um calendário que, na época, era de dois ou três anos atrás. Então era um calendário que já tinha

passado do prazo e ainda assim eu comprei só porque ele era de *Johnny's* e tinha vários deles. Não precisava. Hoje eu vejo e penso: “Caramba, gastei meu dinheiro em um produto que eu realmente não precisava. Era inútil”. Mas dos CDs eu não me arrependo. Por mais que eles fossem caros demais... Por causa dessa questão de colecionar os originais, eu não me arrependo. Agora revistas e calendários, esses itens mais inúteis, digamos assim, eu me arrependo. Acho que eu não precisava ter comprado.

**E o que você acha que te levava a comprar esse tipo de coisa?**

A vontade de ter tudo, né? De poder ter absolutamente tudo que eles lançassem. Não sei o que impulsionava essa vontade, mas essa vontade de querer ter absolutamente tudo era o que fazia a gente comprar. Comprar os produtos que eles lançavam nos shows, as revistas, os CDs, todas as milhões de versões de cada CD... Você se sentia como se você não fosse uma fã de verdade se você não tivesse tudo o que eles lançassem.

**Você sentia que você comprar esse tipo de coisa era como se você estivesse tendo um pouquinho deles, assim?**

Não, mas eu sentia essa questão de... Eu era menos fã se eu não comprasse.

**Por que você não vendeu suas coisas depois que deixou de ser fã?**

Eu não vendi por essa questão de colecionadora que eu tenho. Eu, às vezes, penso que como eu não gosto mais, que poderia vender pra alguém que goste... Mas eu fico com dó. Porque eu investi muito dinheiro nesses CDs, nesses DVDs, nessas coisas... E eu gosto dessa coleção, de olhar e ver os CDs. Até porque me lembra uma fase da minha vida, uma época. Não deixa de ser uma lembrança. Então, por conta dessas coisas, eu não vendi e não acho que eu vá vender os CDs. As outras coisas eu não sei se um dia eu vou vender ou não. Os CDs, eu acho muito difícil eu vender. Os CDs e os DVDs.

**Você sente que é um valor sentimental pelos CDs? É a mesma coisa que você sentia na época?**

Isso. Não, é diferente. É como se fosse aquele brinquedo que você ganhou na infância e que você ainda gosta até hoje. Não que você ainda goste de brincar com o brinquedo, mas ele te traz uma sensação, uma lembrança de algo que foi bom pra você, (de) algum momento da sua vida. É mais ou menos isso. Me lembra uma época (em) que eu era muito feliz, que eu gostava muito, curtia muito. Não sinto mais aquilo, mas é muito nostálgico né. Então eu gosto de ter, ainda, meus CDs.

**Pelas informações que você tinha deles, você sentia que você conhecia mais sobre eles como pessoas?**

Eu achava. Tinham algumas informações que eram muito pessoais, né? Gostos, atitudes que eles tomavam, como eles viam a vida... Que eu não sei se eram bem verdade quando eles falavam né, mas a partir de que (sic) eles falassem isso, eu acreditava que conhecia eles melhor, que eu entendia eles, o que eles tavam sentindo. Como se eu realmente conhecesse e fosse amiga deles.

**Era uma sensação de ser uma pessoa normal, assim né? Que poderia ser sua amiga, se você encontrasse na rua.**

Isso. A gente tinha essa sensação né, que se encontrasse com eles na rua, seria uma amizade viável, possível assim, a partir do que a gente conhecia. “Ah, ele é legal nesse ponto, a gente poderia ser amigos (sic) por causa disso”. Esse tipo de coisa.

**De 1 a 10, pela sua vivência como fã, o quanto você diria que conhecia o seu membro favorito do grupo, como pessoa?**

Ah, acho que 10. (risos)

**Se você tivesse que escrevê-lo em três palavras, quais seriam?**

Hoje ou na época? Porque minha visão dele mudou. Na época eu diria que ele era bobão, engraçado e talentoso, cantava muito bem. Hoje eu acho ele egoísta (risos). Muito egoísta, mas ainda acho ele talentoso e talvez muito... família. Afinal de contas ele constituiu a família dele agora e tal, né.

**E por que você mudou de opinião sobre ele?**

Ah, por causa de tudo o que ele fez com o grupo, né? Por causa das coisas que a gente não sabe que aconteceu (sic) quando ele se afastou do grupo em 2006 para ir para os Estados Unidos. E depois que voltou resolveu sair de novo... O que gerou todo aquele conflito dentro do grupo, sendo inclusive uma das coisas que fez eu me afastar de KAT-TUN, então... Eu acho que ele era muito "Quero ser celebridade sozinho, não preciso de vocês".

**E o seu distanciamento, você sente que ajudou a mudar de opinião?**

Sim, eu acho que aconteceu de eu sair do meio da coisa e ver tudo com outros olhos. E aí eu vi que não era bem aquilo que eu via quando eu tava bem viciada no grupo e *Johnny's* em geral. E aí a minha visão da coisa mudou.

**Você tinha empatia pelo Jin? Você ficava feliz ou triste por ele quando ele estava feliz ou triste?**

Tinha, eu tinha empatia sim. Eu me lembro quando ele falou que queria ser pai e que quando ele saía com os amiguinhos dele que tinham filhos ele ficava brincando com os filhos dos amigos e eu ficava achando bonitinho e ficava com pena dele, porque ele não tinha família e queria ter um filho.

**E não podia, porque ele fazia parte da *Johnny's*?**

É, exatamente.

**Me conta um boato o que você se lembre?**

Teve muitos boatos né. Boatos de eles tarem namorando, que na época como você se sentia dono deles, isso perturbava um pouco, mas nada demais também. Superei isso muito rápido de achar que eles não deviam namorar, que eles tinham que ser nossos, essas coisas. Mas é uma coisa que eles (*Johnny's & Associates*) colocam na cabeça dos fãs, que "*A gente é de vocês, relaxa que a gente não vai namorar nunca*". E aí eles aparecem namorando. Algumas fãs ficam meio revoltadas, mas eu não fiquei muito nessa não. Mas tinha muitos boatos disso ou boatos de briguinhas entre eles, às vezes, mas não me lembro de nenhum boato específico não.

Lembrei de um boato muito massa agora. O boato do Ryo expulsando a guria do táxi. Eles tavam se pegando... Parece que eles saíram de uma boate e foram pro táxi e eles tavam se pegando, e aí ela disse que não queria (ir para casa com ele). Aí ele enxotou ela do táxi (risos).

**E como você se sentiu em relação a esse boato?**

Achei muito engraçado. Fiquei com dó da fã, na real. Da fã não né, a menina nem devia ser fã, devia ser uma pessoa normal. Mas achei muito engraçado. Isso não me deixou menos fã do Ryo não, continuei gostando do Ryo. (risos) Ele era muito zoadado.

**Querida que você me falasse de algum episódio, alguma coisa que você sabia sobre eles, que você leu em algum lugar, que você viu em uma entrevista, que era o tipo de coisa que fazia com que você quisesse ser amiga deles.**

Deixa eu pensar... Eu achava legal no Jin, não sei se é exatamente alguma coisa que me fizesse querer ser amiga dele... Não sei se chega a ser algo tão específico. Mas eu achava muito legal como ele queria ser pai. Eu achava isso legal: o sonho da vida dele era ser pai e ele gostava de sair

com os amiguinhos dele que tinham filhos porque ele podia ficar brincando com os filhos dos amigos dele. E eu achava isso muito fofo, muito humano talvez. Tirava aquela visão de *idol* que ele tinha, de perfeito, que não tinha vontades e erros e nada. Era só uma pessoa normal. E eu achava isso legal, humano nele. Talvez fosse algo que eu gostasse: 'Ah, tá vendo, ele é mais que um *idol*, ele é uma pessoa com vontades e tal'".

**Você acha que quanto mais você sabia deles, mais você sentia que você seria amiga deles?**

É, eu diria que sim. Também tinha muito essa mesma questão do fã indigno, né? Que se eu não conhecer eles, ou como eles pensam, ou como eles agem, eu não sou uma fã digna. Então era preciso saber tudo sobre eles, saber como eles gostavam das coisas, como eles pensavam, como eles agiam. Até por causa disso... Para ser uma fã que eles se orgulhassem, alguma coisa assim.

**E isso de ser uma fã digna é mais em relação a eles, ou em relação às outras pessoas?**

Eu acho que no fundo, no fundo, o que motivava era saber mais do que os outros, né? Mas, na época, eu acho que eu acreditava que era porque eles iriam se orgulhar mesmo. Não tinha esse instinto tão competitivo. Mas, hoje, analisando, talvez fosse isso, né? Inconscientemente. Saber mais, ser conhecida como a fã número um entre os fãs. Talvez fosse motivador.

**Na época, se você tivesse oportunidade você gostaria de ter conhecido eles?**

Eu gostaria muito de poder ter podido ver eles ao vivo, ver eles se apresentando... E se possível ser amiga deles também. Com certeza teria sido bom.

**Você já se imaginou em uma situação romântica com um idol?**

Já, já me imaginei sim. Só isso que eu tenho a dizer a respeito. (risos)

**Por quê? Só porque ele era bonito, ou tinha toda essa questão de você sentir que conhecia ele...?**

Acho que é uma resposta um pouco mais simples. É tipo, o seu ídolo... Seu grande ídolo digamos assim. E você gostaria de ter alguma coisa mais íntima com ele. Independente de ser um ídolo japonês, assim. Acontece que eu era muito viciada nesses ídolos e acabava que eram eles. A gente tem isso por atores, por outros artistas que não são do meio musical. Só que talvez eu fosse um pouco mais *'maníaca'* do que eu precisava ser.

**Então você não vê diferença se fosse um ator que você gosta, por exemplo o Brad Pitt, e ser um idol japa?**

Isso.

**Você gostava da ideia de "dividir" o seu *ichiban* com outra pessoa?**

Não. Nada muito específico, mas era como se eu sentisse ciúme das outras fãs. Acho que era por isso que rolava essa competitividade de ser a melhor, conhecer mais p'ra ser considerada a número um. Era meio que nesse sentido de ser mais digna, como se isso fosse fazer (com) que ele gostasse mais de mim se eu fosse mais digna e por isso as outras fãs eram indignas. Mas nada que tenha gerado algum tipo de discussão ou briga. Eu só tinha ciúmes das outras fãs.

**Se você fosse a um encontro romântico com ele, o que você acha que seria? Como você imagina?**

Ah, sei lá, eu queria... Sei lá. Eu acho que seria engraçado. Rola aquela questão de... Quando eu começo a conversar com a pessoa, eu acabo me soltando um pouco mais, então eu acho que de certa forma eu ia acabar fazendo uma coisa meio zoada e ficaria engraçado. Eu não acho que eu ia conseguir deixar uma situação romântica, eu iria zoar demais o encontro (risos).

**Mas assim, que tipo de encontro seria?**

Eu acho que queria ir a um parque de diversões. Andar na roda gigante.

**Mas é uma escolha aleatória? Não tem nada a ver com alguma coisa dele?**

Na verdade, tem. Uma vez eu vi um programa que ele foi em (sic) uma roda gigante e tocou violão para uma menina aquela música dele que eu gosto, “care”, e aí eu fiquei (pensando) “Ah... queria que um dia ele tocasse pra mim.”

**Me fala sobre alguma experiência que você tenha tido de ficar triste por não ter feito nada relacionado a *Johnny’s* um dia?**

Eu normalmente sempre fazia alguma coisa. Nem que fosse escutar música, digamos assim. Era muito difícil eu não ter música por perto. Mas como eu acompanhava muito o que eles faziam na internet, em programas e entrevistas, quando eu não tinha tempo por algum motivo de checar o que aconteceu no dia, eu me sentia mal assim “Nossa, não sei o que eles fizeram hoje, o que teve de novidade hoje.”. E aí eu ficava meio mal por causa disso. Não chegava a ser algo que me deixasse muito triste, mas eu ficava “Poxa vida né, podia ter feito (isso) e não fiz.”.

**Você já fez alguma amizade por causa da JE?**

Já fiz algumas amizades(sic) sim. (Tenho) algumas amizades (sic) que duram até hoje por causa de *Johnny’s*, porque a gente se conheceu no antigo *orkut* em comunidades dos grupos e a amizade continuou até hoje. Algumas pessoas eu conheci, mas meio que se perderam. Outras, a gente ainda conversa até hoje. Até alguns *fãs* internacionais (sic) que eu ainda continuo mantendo o contato.

**Ter amizades te fazia ficar mais “dentro” do *fandom*?**

Com certeza. Acaba que é um incentivo mútuo, né. É um grupo de pessoas que falam sobre o mesmo assunto e acaba que um incentiva o outro, mostra alguma coisa nova pro outro dentro daquele mesmo tema que todo mundo gosta em comum.

**Você sente que por estar em um grupo de pessoas que te entendiam, que gostavam das mesmas coisas que você, você podia agir ou fazer coisas que você não faria se gostasse sozinha dos grupos?**

Sim, sentia isso sim. Até modos de agir, até modos de brincar um com o outro porque as pessoas iriam entender o que você tava fazendo ou porque você estava fazendo aquilo... Acontecia muito.

**Você podia dar exemplos? Alguma situação?**

Principalmente quando eu assistia os *shows*, né? Eu me sentia como se eu estivesse lá. Então eu surtava como se eu estivesse no *show* mesmo, gritava como se eu estivesse mesmo lá. Meus pais achavam que eu tava surtando mesmo, tipo literalmente. E... eu tava só curtindo o *show*. Era uma coisa que quando eu estava com as pessoas do meu grupo de amigos que gostava, todo mundo fazia isso. Mas quando pessoas de fora do grupo viam, achavam que era muito exagero toda aquela animação por conta de um DVD de *show*. Esse tipo de situação.

**Se tivesse um evento de aperto de mãos hoje em dia, você iria?**

Hoje, de *Johnny’s*, não.

**Por quê?**

Eu não sinto vontade assim... Não acho que faria diferença na minha vida. Principalmente porque eu perdi muito o interesse por eles. Eu não acho que eu ficaria morrendo de vontade de ir. Se acontecesse de, por exemplo, supondo que fosse aqui em Brasília... Eu até poderia pensar em ir porque é aqui, né? P’ra lembrar os velhos tempos e tal. Mas se eu tivesse que gastar muito dinheiro

pra fazer isso, eu não faria só pra poder reviver os velhos tempos. Eu não faria.

**Por que *Johnny's* não? Se fosse artista você iria?**

Iria.

**De quê?**

Alguns cantores que eu gosto hoje. Teve uma banda que eu gosto muito que veio ao Brasil ano passado e teve um evento de autógrafos que eu gostaria muito de ter ido, mas era muito caro e não deu. Mas eu iria.

**Mas a sua visão dessas bandas de hoje é diferente da sua visão que você tinha de *Johnny's*?**

Um pouco. Hoje eu não vejo como um vício, a minha vida não gira em torno disso, esse tipo de coisa. Então eu iria para apreciar, para ter um contato com alguns desses cantores, mas não é como seria naquela época.

**E se fosse um *show* de *Johnny's*?**

Se fosse um *show* ia depender muito do grupo, muito de onde que ia ser esse *show* pra ver se eu iria... Mas o motivador do *show* seria mais ou menos o mesmo (lembrar os velhos tempos). Mas um *show* pelo menos é um evento maior, vamos dizer assim. Que iam trazer outras lembranças. Mesmo que fossem lembranças mais nostálgicas do que realmente de gosto. Mas pelo menos é um evento mais útil, vamos dizer assim, do que um simples *fan meeting* de apertar a mão e pegar um autógrafo.

**Um evento que tem muito mais a ver com o *show* mesmo do que com eles em si.**

Isso. Eu não tenho mais aquela vontade de ter aquele contato pessoal como eu tinha antes, de ser conhecida, de ser a melhor, de eles terem orgulho... Eu ia mais pra apreciar a música, o *show* em si, do que os integrantes do grupo.

**Por que você acha que deixou de ser fã?**

Eu deixei (de ser fã) porque os grupos que eu gostava muito foram meio que se desfazendo, foram meio que se perdendo. E, principalmente, o integrante que eu mais gostava largou a banda e isso me deixou muito revoltada na época. E aí eu comecei a gostar de outras coisas. Eu parei de prestar tanta atenção nesse grupo e comecei a gostar de outras coisas, de ir atrás de outras coisas. E aí eu fui me afastando cada vez mais, ao ponto de que hoje eu não procuro mais nada.

**Foi uma coisa que aconteceu com o grupo, não foi uma coisa que aconteceu com você?**

É. O motivador foi esse, mas acabou que foi uma junção das coisas. Ao mesmo tempo, outras coisas foram acontecendo na minha vida, outros gostos. E aí juntou com esse grande fator na época, né? Que era o grupo que eu mais gostava, que eu era mais viciada, tava (sic) passando por esse problema. E aí eu resolvi mudar. Então na época desse grupo eu comecei a escutar outros grupos de *Johnny's* mesmo, mas eu não me empolguei tanto quanto. E aí eu fui deixando de gostar, de acompanhar.

**Aconteceu alguma coisa na sua vida, por exemplo, você melhorou a auto-estima, começou a trabalhar...?**

Sim, eu comecei a trabalhar. Me formei na escola (Ensino Médio), comecei a trabalhar e tudo mais. Na época que eu gostava ainda. Eu cheguei a estar trabalhando e ainda ser bastante fã dos *Johnny's*.

**Você sente, então, que essa mudança na sua vida não tem nada a ver com o fato de você ter parado de gostar?**

Não, não acho que tenha influência. Pensando bem, talvez depois que eu comecei a me afastar tenha influenciado bastante. Outras amizades, pessoas que não gostam tanto... E aí a gente vai mudando os assuntos, mudando os gostos. Mas não acho que tenha sido o fator predominante que me fez mudar de visão sobre eles.

**Depois que você parou de ser fã, como você enxerga o seu comportamento em relação a Johnny's? É a mesma coisa ou mudou? O que mudou?**

Ah, eu era muito 'maníaca', né? Assim... Eu era aquelas fãs tiete (sic), que queria (sic) saber de tudo. E se eu não soubesse de cada coisa que eles fizessem, onde eles 'tavam, o que 'tavam fazendo, eu me sentia indigna. Hoje eu não sou assim. Por mais que eu ainda goste muito de alguns grupos e queira saber sobre eles, eu não tenho mais essa vontade de saber cem por cento de tudo que eles fazem. Por exemplo, com os *Johnny's* eu via absolutamente todas as apresentação que eles fizessem em qualquer tipo de programa. Então se eles fossem apresentar a mesma música vinte vezes em vinte programas, eu via os vinte, eu baixava os vinte e eu assistia e reassistia os vinte. Hoje eu não sou mais assim. Eu gosto de ver os clipes das músicas, por exemplo, de outros grupos, mas eu não faço questão de acompanhar tudo que eles fazem na promoção daquela música, não faço questão de ter todos os CDs, não faço questão de saber, de ler as entrevistas... Sabe? De realmente acompanhar tudo que eles fazem. Então, hoje eu estou mais curtindo as músicas do que os grupos, as pessoas, os integrantes e tal."

**Tem algum outro artista japa que você continua gostando mesmo depois da Johnny's?**

Eu gosto, mas eu não acompanho tanto. Mas ainda gosto bastante da Utada Hikar, da Koda Kumi... Eu ainda gosto de alguns grupos de *Jrock*. Grupos não, bandas mesmo né, como Gackt, ou alice nine.. Eu ainda gosto muito, mas não acompanho o que eles fazem. Eu vejo quando lançam alguma coisa, vou lá e assisto o clipe e tal e só.

**Você ainda acompanha alguma coisa de Johnny's esporadicamente?**

Muito raramente. Eu ainda acompanho um ou outro grupo. Acompanho assim... Eu sei o que eles lançam porque na época eu me inscrevi nesses sites de vendas e eu recebo um e-mail falando "Ah, fulano vai lançar tal álbum.". Aí eu sei sobre isso, né? Então, se for alguma coisa que me interessa, na época eu vou lá e assisto o clipe, mas é só. Mais do que isso eu não sei não.

**Então você se sente diferente de quando você faz isso hoje em dia do que quando você era fã, né? Como é essa diferença?**

Bem diferente. Antes eu era realmente... Eu gastava muito tempo da minha vida só para saber as coisas que eles 'tavam fazendo. Assim, eram horas e horas gastas para aprender, pra ver as traduções de revistas, de artigos, essas coisas. Hoje eu não faço mais isso, por exemplo. Não faço questão de saber sobre a vida dos artistas e tudo mais. Não gasto horas assistindo os clipes todos os dias como eu fazia. Tem dias, né? Que você tá mais assim... Quer ver um monte de clipe, quer ver um monte de apresentações... Mas não é com aquela mesma periodicidade, né? Antes eu tinha que fazer isso todos os dias. Todos os dias acompanhar, todos os dias ver tudo, todos os dias saber de tudo. Hoje não. Hoje eu não me sinto mal se eu não fizer, por exemplo. Se eu nem ligar o computador pra ver alguma coisa, eu não me sinto mal. Se eu não escutar música todos os dias, eu não me sinto mal. Eu não me sinto na obrigação de ter que fazer isso como eu sentia antes.

**Então você se sente mais livre, também? Você sente que na época que você era fã você acabou que ficou presa nisso e podia estar aproveitando outras coisas na sua vida, mas você acabou que ficou só nisso?**

Isso. Exatamente. Antes eu podia dizer que era um vício. Era viciada em *Johnny's*. E hoje não é

mais, eu me recuperei (risos).

### **Na época que você gostava deles, você achava eles (sic) talentosos?**

Achava, em alguns aspectos. Nem todos eram realmente talentosos como cantores, principalmente como dançarinos. Mas eles tinham talentos específicos, assim. Alguns eram realmente melhores no canto, outros eram melhores atuando como atores mesmo em algum drama ou alguma coisa assim, outros eram bons com entretenimento, né, apresentavam programas bem, esse tipo de coisa. Agora, o legal deles era justamente isso, né? Eles eram um grupo (em) que cada um era bom em alguma coisa e acho que era isso que atraía tanto, era isso que era legal neles. Mas eles eram talentosos sim, não vou negar que eles eram talentosos.

### **Tinha esses aspecto de cada um ter um talento, deles não serem super-mega artistas, mas a atenção que a gente dava pra eles era mais pelo gosto pela coisa em si, né?**

Isso. A gente acabava que gostava deles como se fosse um amigo, digamos assim, né. Você via os defeitos, você tava lá vendo “Ah, nossa, ele não sabe dançar absolutamente nada, mas eu gosto dele assim mesmo.”. Era tipo isso.

### **Era até bonitinho, né? (risos)**

Exatamente. Era até legal ver como eles eram desengonçados e como eles não tinham a menor coordenação entre si, assim. Às vezes você via eles sozinhos e falava: “Nossa, ele dança bem”, aí você via eles no conjunto e falava: “Não, pera...”.

### **Como você se vê hoje, com olhos de quem não é mais fã, de como você era quando você era fã? Como você se sentia, se foi uma fase boa da sua vida, se não foi, se hoje em dia você se arrepende do tempo que você perdeu com isso...**

Foi uma fase boa, assim. Foi uma fase adolescente, digamos assim. Não tinha muitas coisas pra eu me preocupar na vida também. Foi uma boa fase. Eu era feliz, eu me divertia com meu grupo de amigos, a gente saía junto, a gente fazia coisas legais junto que trazem aquela nostalgia, aquela saudade daquele tempo e tal. Mas, não me arrependo de ter gostado e tal. Talvez eu pudesse ter feito outras coisas na época, mas não é aquele arrependimento (que faz você pensar:) “Nossa, devia não ter gostado disso e ter feito outras coisas na vida”. Acho que foi importante pra quem eu sou hoje, pra minha formação como pessoa e tudo mais. Claro que eu era muito viciada neles, mas acho que hoje, se eu sou o que eu sou, é porque eu fui *'maníaca'* naquela época. E aprendi que não precisa ser assim.

### **Como você enxerga esse mundo de *idols* japoneses? Como você enxerga essa indústria dos *idols* no Japão?**

Acho que eles vendem muito uma imagem de que os ídolos são seus namorados perfeitos, sabe? Que eles não vão te trair nunca, que eles te amam incondicionalmente... E aí você acaba se apegando a essa imagem de que eles são seus. E isso é uma coisa que eu crítico. Eu não concordo com isso de que eles são perfeitos, porque ninguém é perfeito. Então acho que a indústria japonesa investe muito nisso de ídolos perfeitos que não podem namorar porque vão estar traindo as fãs, esse tipo de coisa. Ainda se vende muito essa imagem de que os ídolos são seus namorados, são perfeitos, que eles não erram, sabe? Não falham... E tudo mais.

### **Então, na sua opinião, eles exploram muito o lado emocional?**

Muito.

### **Você se sentia emocionalmente presa a eles?**

Sim. A partir do momento que você se sente na obrigação de comprar as coisas deles porque senão

you are being a bad girl, or a girl who is not worthy, you are already emotionally involved.

**Today, when you have this vision, how do you feel that you fit into this panorama?**

Ah... I was totally involved. I had, mainly at the beginning, this vision of what they were doing for me. At the beginning I was a bit angry if I found out about any rumor that they were dating. After that, of course, I got over it – very quickly, thanks to God – and I stopped a little with that. And, besides that, you stay with this vision of what you need to buy things, because you are being a bad girl... So I don't feel like this now, for example. If I buy something today it's because I like it, it's because I really want it, it's because I collect, like I did before. Or it's because I like the feeling of what I'm supporting in some way. But it's not that obligation to buy, like a bad girl, because otherwise they won't respect you, no one will respect you, that kind of thing.

**When you used to buy things, did you feel that you were helping them (sic), in some way?**

I felt it, but I think that I was doing this in the past (more) to win a status of bad girl that I really wanted to support. Today I really buy more in the sense of support than in the sense of recognition.

**You feel that you only manage to talk about these things that you are talking about now about your behavior, about the idols, about everything... Just because of this distance, the fact that you stop being a bad girl? Or do you think that has more to do with your maturity?**

Yes, I think it's a bit of both. I think that until my distance happened because of maturity, right? For me it was an exaggeration, a phase. But distancing helped with certainty. It makes you see things with other eyes. When you are involved, you don't realize what you are doing. This happens with everything, right? You are in the middle of something and you are not seeing what is really happening. When you step back, you have that third-person vision, let's say that. You are seeing from outside the group. At that point you really manage to talk about things as they are and not as you felt like they were. So it was a bit of both.

**Thank you for your time for answering this interview!** De nada.



## ANEXO C – Entrevista realizada com Mariana

Esta entrevista foi realizada oralmente no dia **30 de maio de 2015**, via *Internet*, com o objetivo de acrescentar ao questionário (ANEXO A) perguntas e respostas que explorassem de maneira emocional e pessoal o envolvimento do entrevistado com seus ídolos, além de contextualizar o início e o término do vínculo estabelecido.

---

**Eu queria que você me falasse um pouco como você lembra da sua infância. Você diria que tinha muitos amigos na escola? Você era uma pessoa mais extrovertida ou mais tímida?**

De um modo geral, eu nunca fui a mais popular, mas também não era excluída, não. Era normal. Tinha o meu grupinho de amigas da escola, nada muito além do normal.

**Você era mais tímida ou você tinha mais facilidade para fazer amigos?**

Acho que eu era mais tímida.

**Mas mesmo assim você tinha amigos normalmente, né?**

É.

**Se você pudesse se dar 3 características, quais seriam?**

Nossa, uma pergunta difícil! Ah, não sei... Eu acho que sou uma pessoa muito introvertida, uma pessoa que.... Não sei que palavra é essa... Que pensa muito nas coisas antes de fazer. Cautelosa, talvez. E, não sei, justa.

**Você diria que tem uma auto-estima baixa ou alta?**

Não sei, normal. Eu não me considero a última das criaturas, mas também não acho que eu sou a pessoa mais maravilhosa do mundo. Acho que eu sou uma pessoa normal.

**Você já namorou?**

Sério, não.

**Com que idade foi esse “rolo”?**

Devia ter o que... Na faculdade?

**Foi depois de você conhecer Johnny's, então.**

Sim.

**Como é o clima na sua família? Tem muito conflito? É uma família mais unida?**

Ah, é uma família normal. Nós somos bem unidos na medida do possível.

**Como foi o seu primeiro contato com “coisas” japonesas?**

Devia ter uns 14 ou 15 anos. Aí encontrei um site que tinha animê e mangá, essas coisas assim, pra baixar. Aí eu comecei a baixar e gostei.

**Você ainda se considera um fã? Por que?**

Não, porque eu não acompanho mais. Não é que eu odeie hoje em dia... Mas eu simplesmente não acompanho. Se me perguntarem o que esses caras estão fazendo hoje em dia, eu não sei dizer onde eles estão. Simplesmente não sei. Então, por isso, não.

**Em que ano você conheceu *Johnny's* ?**

Foi em 2009, 2008, 2007? Estou tentando lembrar. Eu acho que foi 2007, porque foi bem na época (em) que eu tinha me mudado pra Brasília. Foi nessa época aí que eu comecei a gostar, que eu me lembre assim. De *Johnny's*, porque eu já gostava de música japonesa. Só comecei a gostar de *Johnny's* nessa época.

**E que idade você tinha?**

Dezesseis.

**Você foi fã por quanto tempo?**

Quatro ou cinco anos.

**Você começou a gostar na época (em) que você chegou em Brasília, né? Você estava em que ano do Ensino Médio?**

Segundo ano.

**Como era o seu ciclo de amigos? Você estava começando a fazer amizades aqui?**

É. Não tinha muitos amigos. Conhecia algumas pessoas assim, tipo o pessoal da escola, basicamente. Não era cheia de amigos, tinha um amigo ou outro.

**Era um grupo que você saía mais, ou era mais restrito à escola mesmo?**

Saía sim, às vezes. Eu tinha convivência além da escola.

**E você tinha alguma paixãoite na época?**

Acho que sim. (risos)

**Era da escola?**

Era.

**Como foi o seu primeiro contato com *Johnny's*?**

Meu primeiro contato com *Johnny's*... Foi na casa de uma amiga. Ela estava me mostrando uns DVDs de show e eu fiquei (pensando) "Legal". Então uma amiga me apresentou.

**O que chamou a atenção a primeira vista?**

Ah, a música. Eu tinha gostado da música.

**E você acha que foi a música que te levou a buscar mais sobre eles.**

É, porque eu não sabia direito quem eles eram, a princípio.

**Mas aí você foi conhecendo mais e você ficou mais motivada por causa de quê?**

Não sei, sabe? Tu acaba (sic) pesquisando mais sobre um grupo e tu acaba (sic)... Não sei. Gostando da personalidade dos integrantes do grupo, aí... Enfim. Eu comecei a procurar mais sobre eles.

**Você disse que além de *Johnny's* você gostava também de outras coisas, né? Você via alguma diferença entre ser fã de outros artistas e ser fã de *Johnny's*? Por exemplo, no seu**

**envolvimento com eles.**

Ah, via! Eu era muito mais dedicada como fã de *Johnny's* do que de outras bandas.

**Você acha que essa dedicação tem algum motivo especial? Você vê a diferença entre *Johnny's* e essas outras bandas... Você sente que tem algum motivo que te fazia ser mais dedicada a *Johnny's*?**

Não. Acho que não. Era só que me chamava mais atenção. Talvez eu me dedicasse mais por conta disso.

**Você sente que há uma integração entre os grupos *Johnny's*? Por exemplo, você começa a gostar de um e você acaba conhecendo outros e gostando de outros.**

Sim. Acho que é porque, como é tudo da mesma empresa, você acaba conhecendo os outros. E como é mais ou menos a mesma coisa. Convenhamos, tudo segue o mesmo padrão. Acaba que não foge muito. Se tu já gosta (sic) de um grupo, acaba que tu gosta (sic) de outro também. Tu pode (sic) ser mais fã de um do que do outro, mas acaba que você vai gostando porque é tudo a mesma coisa. Porque se você parar para analisar friamente, é tudo igual (risos). É o mesmo estilo de música, a mesma forma. Tá, tem alguns detalhes ali que tornam cada grupo único, mas a estrutura é a mesma, enfim, o estilo da música é o mesmo. A fórmula utilizada é a mesma. Então acaba que se tu gosta (sic) de um, tu vai (sic) gostar de outro por tabela.

**Até dentro dos grupos tem, às vezes, um ou outro *Johnny* que é mais parecido, né?**

Sim. Não digo nem fisicamente, mas em estilo assim. Na maneira de se portar. Tu vê (sic), assim, que, tipo... Nossa, a estrutura é igual! Não digo nem dos grupos, não só *Johnny's*, mas boyband de um modo geral, se tu parar pra pensar. Não essas de hoje em dia, porque hoje em dia eu já estou mais desligada e não sei se eles seguem ainda a mesma fórmula, mas essas mais antigas – até dois mil e pouco, dois mil e tantos – tinham uma fórmula assim que dava pra seguir. E se tu fosse (sic) pegar os integrantes assim, tu via (sic): sempre tinha um integrante que era assim, sei lá, o líder que respondia por todos, um que era mais engraçado, sei lá... Não sei se estou falando bobagem.

**Não, é verdade. Sempre tem o *rapper*, por exemplo.**

É, exatamente. Eles têm uns papéis que têm que desempenhar ali dentro. Ainda que na vida real se tu for (sic) parar pra ver assim, eles não sejam nada daquilo. São papéis que eles tem que desempenhar pra vender o produto deles bem.

**Como você diria que era ser fã de *Johnny's*? Como era a sua rotina, o que você fazia, como você se sentia em relação a eles?**

Nossa, tinha uma época ali em que eu só ficava na internet pesquisando sobre os caras. Hoje em dia eu fico pensando: “Meu Deus do céu...”. Mas enfim, vamos focar no meu “eu” daquela época. Aí eu só ficava pesquisando sobre aquilo e aí eu ficava o dia inteiro. Era pesquisando música, era pesquisando notícias deles, era pesquisando fotos, era... Enfim, só (isso). Aí ficava assistindo DVD, ficava entrando em fóruns de discussão, vendo o que as pessoas estavam falando.

**Você acha que quanto mais você sabia deles, mais você sentia que você conhecia eles como pessoas?**

Pior que não. Na época eu já tinha aquela ideia de que eu gostava deles, que aquilo me divertia, mas eu não achava que eu me tornava mais próxima dos caras. Era uma maneira que eu gastava meu tempo, mas eu nunca pensei que aquilo me aproximasse deles de alguma forma.

**Você via eles mais como personagens ou você achava que eles eram daquele jeito mesmo? Se o que eles falavam nas entrevistas refletia mais ou menos quem eles são.**

É que apesar de, sei lá, na época eu pensar “Ah, não, eles tem que falar isso porque afinal de contas eles respondem, antes de tudo eles são de uma empresa”, não tem como tu te desligar cem por cento da tua pessoa. Então por mais falso que aquilo soasse, eu via um pouquinho de verdade nas respostas e nas coisas que eles falavam. Eu achava, não sei, acho que eles tinham um pouco de liberdade para falar o que quisessem de vez em quando. Então é um misto.

**Você considera essa coisa deles serem multitalentosos, fazerem várias coisas, era um atrativo pra você gostar deles?**

Sim. Eles faziam várias coisas né, não só cantavam. Daqui a pouco eles estavam lá atuando, fazendo aquelas novelas que esses dias eu tava pensando “meu deus, esses caras atuavam mal pra caramba, mas na época eu pensava que eles eram os melhores atores do mundo”, enfim... Eu gostava de tudo isso. E o Tegoshi mesmo, ele apresentava um programa de variedades. Variedades não, uns programas aí que eles faziam aquelas viagens, enfim, eu achava aquilo tudo muito divertido. Eu achava aquilo legal neles.

**Você acha que essa quantidade de coisas que tinha pra acompanhar, vê-los fazendo outras coisas que não era cantar, era uma das coisas que fazia você ser mais dedicada com eles do que com outras bandas?**

Sim, era muita coisa pra acompanhar. E tipo, é diferente né, quando tu acompanha (sic) um artista que só canta e outro que canta, dança, interpreta, sei lá o que mais faz. É muito mais coisa que tu tem(sic) para acompanhar.

**Pra se envolver assim, né.**

Exato.

**Por que você gostava de ver programa de auditório com eles?**

Ah, porque era diferente assim, sabe? Era o cara lá, mas ele tava apresentando outras coisas. Não era necessariamente algo relacionado ao artista.

**Então você tinha um acesso a ele mais pessoalmente?**

Não era nem só o artista, assim. Era mais... “O programa é legal e é o cara que tá apresentando” (risos). Então eu acabava acompanhando mais pelo programa mesmo.

**Mais do que por causa dele em si.**

Não sei, acho que sim. Eu estava lá assistindo. A primeira coisa que me levou a assistir... Era “*Sekai no hate made itteQ*” o nome do programa que ele participava, o Tegoshi. Aí eu (pensava) “Ah, vou assistir porque é com ele, não sei o que”. Aí no final eu assistia mais por conta das coisas que estavam acontecendo do que pelo fato que é apresentado pelo cara.

**Você comprava coisas só do seu grupo favorito ou de mais grupos?**

Comprava de mais grupos também, só que não sempre. Por exemplo, do grupo que eu gostava – NEWS no caso – eu comprava quase tudo que saía, senão tudo. Teve uma época que eu comprava tudo quanto era *single* – não que eles lançassem muita coisa né (risos) – comprava tudo o que era lançado assim, eu dava um jeito de comprar. Mas nos outros só se fosse uma coisa que me chamasse muita atenção. Se era algo que as pessoas falavam “nossa, você tem que ter isso aqui”. Aí eu ia lá e comprava.

**E por que você acha que tinha vontade de comprar?**

Não sei. Até hoje eu fico olhando praqueles CDs e pensando “Nossa, o que me deu na cabeça que

eu comprei esses negócios que agora não vou nem conseguir me livrar” (risos). Mas eu não sei assim, sabe, saía e eu pensava “ah, eu preciso ter”, sei lá, eu achava legal e de alguma forma... Eu não sei. Eu ia falar “ah, porque eu estava apoiando o artista”, mas eu nunca pensei nisso, em apoiar o artista, independente do artista que fosse, não só *Johnny’s*. Era mais porque eu queria ter aquilo, sabe?

**Você sente que comprava por impulso? Não impulso sem pensar, mas talvez uma coisa mais emocional?**

Sim.

**Você se sentia mais fã se você tivesse as coisas?**

Sim. Realmente, eu me sentia mais “nossa, eu realmente sou fã dos caras porque eu comprei o CD, comprei o DVD, comprei as duas, três, sei lá, noventa edições”.

**Então além de ser uma coisa emocional, era uma coisa que te ajudava a construir sua identidade como fã?**

Sim.

**E você achava que, se um dia você os conhecesse, o fato de você ter toda a discografia seria um motivo pra eles se orgulharem de você?**

Não.

**Você não tinha um sentimento de, por exemplo, um dia um deles conhecer você e pensar “poxa, ela é super fã minha, ela tem tudo”?**

Não, até porque eu nunca consegui fazer toda a coleção dos CDs deles, então isso nunca me passou pela cabeça por conta disso, talvez. Mas, quem sabe, se eu tivesse tudo eu pensasse dessa forma, mas não.

**Já gastou mais do que devia para comprar algum produto de *Johnny’s*?**

Acho que já.

**O que foi, você se lembra?**

Deve ter sido um DVD do KAT-TUN que eu paguei uns 200 reais naquele DVD. Não sei. Deve ser tudo isso, que pra mim na época era um absurdo de caro. Hoje em dia ainda é.

**Hoje em dia, você consideraria alguma das suas aquisições na época como supérfluas?**

Com honestidade? Nossa, os CDs assim. É que hoje em dia eu não compro. Hoje eu não compro mais CDs assim, só se for algo que eu realmente precise. Então os CDs que eu tenho... Acho aquilo tudo muito supérfluo. Calendário também é uma coisa que eu acho completamente inútil. Os calendários estão lá parados, eu não uso pra nada. Nem vejo aquelas coisas, só estão lá. Então, de um modo geral, tudo. Se for pra ser mais específico, calendários. Aqueles calendários oficiais que eles lançavam.

**Como era a sensação de comprar coisas? Você ficava super feliz de comprar? Você se sentia extasiada, alguma coisa assim?**

Eu ficava feliz. Porque na época era uma coisa que esgotava super rápido, então quando eu comprava, não era só o negócio de comprar, era eu ter conseguido comprar e, enfim, uma coisa que ia se esgotar rápido e tal. Eu ficava muito feliz (pensando) “Nossa, não acredito que eu comprei!” e tal, ficava super ansiosa até chegar, CD, DVD, o que quer que fosse.

**E isso era diferente com *Johnny's* do que se você fosse comprar um CD em uma loja qualquer?**

Com certeza. Até porque esses CDs... Tem diferença quando você compra uma coisa que é online e principalmente como vem de fora do país, é mais interessante do que tu ir na loja comprar.

**Essa excitação de conseguir comprar era só com *Johnny's* ou com outras bandas também era o mesmo?**

Era mais com *Johnny's*.

**Qual era a sensação de acompanhar os vídeos? Vc se sentia comovida de alguma forma?**

Depende do que eu assistia. Tinham coisas que eram mais passatempo, tinham coisas que eu ficava realmente comovida, tinham coisas que eu só achava legal e tinham coisas que, por exemplo, quando eu tava meio pra baixo, eu assistia aquela coisa e aquilo me deixava feliz. Alterava sim meu humor, não era uma coisa só para passar o tempo.

**Quando você via um show, por exemplo, você tinha a sensação de estar lá?**

Ah, sim, às vezes. Eu gostava bastante assim. Principalmente quando era a primeira vez que eu estava assistindo um show, eu ficava muito feliz. Muito, muito, muito feliz. Porque eu ficava tão ansiosa pra eu finalmente assistir aquilo, e era toda uma coisa em volta do lançamento desses DVDs que eu ficava, na hora eu ficava, era... Sei lá... Não sei como explicar. Enfim, eu gostava muito, me entretia bastante com aquilo.

**Isso era só da primeira vez ou de todas as vezes que você via?**

Ah, da segunda vez como eu já sabia o que ia acontecer e tal, acabava que eu já estava mais tranquila (risos).

**Me fale uma experiência específica que você se lembre disso de estar assistindo alguma coisa e ficar muito empolgada.**

Não vou lembrar agora qual era o DVD, mas era um DVD do NEWS que eu tinha comprado. Foi o último que eu comprei, mas não vou lembrar qual é. Mas eu esperei muito, muito ele. E eu acompanhei a tour inteira pelo *livejournal*. As pessoas ficavam fazendo *reports* e eu ficava lendo e ficava (pensando) "Ai meu Deus, eu preciso ver isso, eu preciso". E aí quando chegou o DVD, nossa, eu quase morri. Eu fui assistir e aí eu cantava, eu gritava, e minha mãe- Eu lembro assim, que minha mãe passava pela sala e ficava meio impressionada. Aí eu ficava tipo, muito... Enfim, eu fiquei muito feliz quando recebi aquele DVD. Talvez fosse por isso, porque eu acompanhei tudo assim, sabe? E aí as pessoas falavam de uma maneira que aquilo parecia ser tão legal e eu fiquei pensando "Nossa, tô louca pra ver esse DVD", já que eu não ia poder ir pra tour (risos), eu pelo menos gostaria de assistir.

**Você acha que ver o DVD era a sua maneira de estar participando daquilo, já que você não podia ir.**

Sim. É.

**Você não sentia que quanto mais você sabia sobre eles, mais próxima você se sentia deles não, né?**

Não.

**De 1 a 10, pela sua vivência como fã, o quanto você diria que conhecia o Tegoshi?**

De um a dez? (pausa) Seis? Porque sempre tinha, né, aquelas... Ah, eu acompanhava tudo, né. Tudo quanto era revista que saía, sabe aquelas coisas? O que fulano gosta de fazer, o que isso, o que aquilo, bla bla bla. Isso tudo eu acompanhava e tal, mas convenhamos. Ao mesmo tempo (em)

que eu ficava “ai meu Deus, que legal, ele está falando as coisas que ele gosta de fazer, as coisas que ele gosta de comer, as coisas que ele gosta de... sei lá, assistir”, ao mesmo tempo eu pensava “não, ele não deve estar falando a verdade nessas coisas aqui” (risos). Eu não falaria. Eu pensava assim, né, eu não falaria. Se as pessoas me perguntassem eu ia ou mentir, ou falar “me recuso” (risos). Mas isso vai de cada um né, tem gente que é mais expansiva né, que fala “minha vida é um livro aberto”. Eu mesma nunca fui assim e aí na época eu pensava assim “sei lá, eu nunca falaria, será que o que esse cara tá falando é mentira? Mas tudo bem né.”

**Querida que você me falasse de algum episódio, alguma coisa que você sabia sobre eles, que você leu em algum lugar, que você viu em uma entrevista, que era o tipo de coisa que fazia com que você gostasse dele.**

Nossa... (pausa). Não sei, não consigo me lembrar de nada. Nada. Sabe, eu gostava do Tegoshi por quê? Primeiro, eu achava ele muito bonito. Segundo, eu achava que ele cantava bem. Mas as coisas da personalidade dele, tinha uma coisa ou outra... Eu não consigo lembrar.

**Então era uma coisa mais motivada pelo talento e pela aparência dele do que pela personalidade dele?**

É, talvez. É porque eu não consigo lembrar de nada agora. Sério mesmo, estou tentando puxar pela memória mas não estou conseguindo lembrar de nada. Eu gostava que ele participava daquele programa que eu já te falei, e eu achava aquele programa muito legal.

**Você tinha empatia por ele? Uma coisa mais pessoa, não necessariamente... Por exemplo, se ele fizesse uma turnê você ficaria feliz pelo fato de ter um show solo dele ou pelo fato de ele ter conquistado isso de alguma forma – por ele como pessoa?**

Os dois. Ia achar legal tipo “Po, uma turnê solo dele!”. Mas ele era meu favorito, então também tinha aquela coisa de eu ficar feliz por isso assim “Nossa, ele deve ter trabalhado bastante pra ter conseguido esse tipo de coisa” e eu acharia isso legal também.

**Em outro aspecto... Se um dia você assistisse um programa com ele e ele estivesse super abatido, parecendo que aconteceu alguma coisa ruim com ele. Você acha que você se sentiria emocionalmente afetada por isso?**

Talvez, acho que sim. Eu ia pensar “Nossa, por que ele está assim?” Ia rolar alguma dúvida desse tipo.

**Mas seria mais uma curiosidade ou você se sentiria mal por ele?**

Talvez me sentiria mal por ele.

**Na época você gostaria de conhecer ele?**

Sim.

**Você queria conhecer só como fã ou você gostaria de ser amiga dele, por exemplo?**

Ai, como fã. Queria falar “Ah, adoro o seu trabalho” e tal, “tira uma foto comigo?”, “Me dá um autógrafa”, essas coisas. Eu nunca consegui assim, sabe? Me ver com qualquer artista, “Ah, eu seria amiga do Fulano”.

**Então você nunca pensou assim, “Ah, gostaria de encontrar com ele e virar amiga dele”?**

Não.

**Você já se imaginou em uma situação romântica com um Johnny?**

Não. Eu na verdade quando rolava esse tipo de conversa, eu ficava muito constrangida. Eu ficava “Ai, que vergonha! Não, pára!”. Eu nunca conseguia.

**Gostava da ideia de “dividir” o seu *ichiban* com outra pessoa?**

No sentido de ter mais de uma fã dele? Sim, eu não me incomodava. Normal. Eu inclusive gostava (e pensava) “Olha, uma pessoa com o mesmo gosto que eu! Vamos conversar”.

**Quanto tempo você dedicava do seu dia pra fazer coisas de *Johnny's*?**

Boa parte.

**Era todo dia?**

É que tipo... Na época que eu comecei, eu tava estudando, eu tava na escola... Depois, eu entrei na faculdade, então eu usava o computador pra estudar. O tempo que eu não estava estudando, eu tava na internet.

**Então era um hábito, já?**

É.

**Se você saísse desse hábito por um dia... Por exemplo, não deu pra você ver nada de *Johnny's* nesse dia, não deu pra mexer na internet. Você sentia que faltava alguma coisa e ficava triste?**

Não triste, mas eu pensava “Nossa, será que aconteceu alguma coisa? Será que eu tô perdendo alguma notícia”? (risos)

**Você já fez amizade por causa da JE?**

Já.

**Eram amizades mais por causa de *Johnny's* assim, ou eram amizades duradouras, que começaram por isso e continuam até hoje?**

Eu conheci gente que, sei lá, eu conhecia e tal, mas era um pessoal que eu conversava mais por causa disso e converso até hoje. Só que um pouco menos. A gente se conhece e tal, mas não é mais aquela coisa da época.

**Estar em um grupo de amigos que gostavam da mesma coisa que você era um incentivo você se prendesse mais ao *fandom*?**

Sim. Seus amigos estando lá é mais alguém com quem conversar sobre aquele assunto.

**Você sente que o fato de estar em um grupo de pessoas que te entendia, que gostava das mesmas coisas... Quando você estava com essas pessoas você podia se expressar de maneira melhor? Você faria coisas que você não faria se estivesse sozinha?**

Sim. Não sei...

**Por exemplo, quando você assistia um show com um grupo de amigos e quando você assistia sozinha... Você se comportava de maneira diferente? Você se sentia mais à vontade para se soltar, “surtar”, fazer alguma coisa que você não faria sozinha?**

Ah, com certeza. Não que eu surtasse, porque eu não me lembro de ficar surtando muito na época, mas é muito diferente, sabe? Assistir essas coisas com um amigo assim ou tu estar(sic) sozinho. O comportamento é diferente.

**E como era esse comportamento sozinha e em grupo?**

Não mudava muito, eu só manifestava um pouco... Mas tipo, por exemplo, quando você tá assistindo sozinha... Não é que não possa, né? Mas fica esquisito tu pegar(sic) e ficar(sic) lá fazendo comentários tipo “Ai meu Deus, olha como ele é lindo!”. Tipo assim, você tá falando com quem? (risos) Se você tá sozinha, sentada no sofá, parece uma louca falando sozinha com a TV. E

aí quando você está com um grupo de amigos tu pode fazer comentários assim. Você se sente mais à vontade para interagir.

**Se naquela época tivesse um evento de aperto de mãos, tirar foto... Você iria? O que você falaria pra eles?**

Sim. Provavelmente seria só “Oi”, porque eu sou uma pessoa muito tímida, né. Então eu não falaria com eles “Meu deus, vocês mudaram minha vida!”. Não ia falar esse tipo de coisa. Ia ser só um “Oi”, um abraço – se rolasse abraço – e ia embora.

**Então você iria mais para vê-los pessoalmente do que para interagir com eles?**

Sim, sim.

**Se essa cerimônia acontecesse nos dias de hoje, você iria? Por quê?**

Hoje, não. Não sei... Não é que eu desgoste, não é que eu odeie. Mas é porque, sei lá, sabe, eu não curto mais tanto assim a ponto de “ah, eles vem pro Brasil, então eu vou em (sic) um show deles”. Só se tipo... Se fosse uma coisa assim muito... Hoje eu estou em Porto Alegre, mas agora eu estou morando em São Paulo. Se fosse... Eles vão fazer um show em São Paulo e o ingresso tá muito barato e eu tô sem nada pra fazer, talvez eu fosse lá. Mas se é um caso assim, de eles anunciarem seis meses antes “Olha, os caras estão vindo aí”, eu não vou comprar ingresso, não vou ficar esperando, não vou chegar lá sete dias antes... Não.

**Estas seriam coisas que você faria na época?**

Talvez eu fizesse na época. Mas hoje não.

**Essa resposta foi mais de maneira geral, né? Tanto se fosse um show, quanto se fosse para conhecer eles né?**

É.

**E se você chegasse a ir a um show nos dias de hoje, qual seria a sua motivação para ir?**

Hoje, pra ir? Eu não sei... Se eu fosse, seria algo tipo “Ah, é um grupo que eu gostava muito e tal, e eles estão aqui.” Eu ia assistir né. Talvez fosse essa a motivação pra ir. Ainda que eu ficasse meio constrangida de estar lá por algum motivo.

**Você ficaria constrangida? Por quê?**

Não sei. Porque tem coisas que hoje em dia eu fico meio constrangida de fazer, coisas que eu fazia na minha adolescência e hoje em dia me constrangem. Tipo, eventos de anime. Eu fui em (sic) um no ano passado e fiquei (pensando) “Meu Deus, o que eu estou fazendo aqui?”.

**Mas por que você se sente constrangida com as coisas que você gostava antes?**

Não sei, porque às vezes eu penso... Eu não faço mais parte de determinados ambientes. Uma coisa era eu com 16 anos, outra coisa sou eu hoje. Quando eu tinha 16, eu via um pessoal mais velho de vinte e poucos anos em certos ambientes e pensava “Nossa, que ridículo. Essa gente velha”. Eu fico pensando que devem estar olhando pra mim e pensando “Nossa, o que essa tia tá fazendo aqui?”, sabe? Aí eu me sinto deslocada. Acho que não é pra mim mais, deixa isso pras crianças de hoje.

**Então é uma questão mais de maturidade, assim?**

É.

**Você sente que era meio bobo o seu envolvimento?**

Sim. Não que não fosse (saudável)... É algo saudável, normal, todo mundo faz. Mas, convenhamos,

era algo bobo assim.

**Por que você não acompanha as coisas de *Johnny's* com mesmo afinco hoje em dia? Por que deixou de ser fã?**

Eu não sei. Quando eu parei de acompanhar, eu acho que... Não sei, foi um período em que o NEWS estava meio que... Com umas atividades mais espaçadas, assim, sabe. Não sei, acho que eu estou falando bobagem (risos). Era um período assim... Não sei, eu estava passando por algumas coisas, sabe? As coisas que eu gostava, eu já não estava gostando mais. E, sei lá, estava bem... Já quase chegando na época que eu estava acabando a faculdade e eu acabei largando, assim.

**Tava acabando a faculdade?**

Tava. Aí... Era o período que eu estava me mudando aí de Brasília pra Porto Alegre. E aí eu estava cheia de coisa na cabeça... E aí, não sei, foi acabando assim... Mudando os gostos, em vez de ficar só em NEWS, só em música japonesa. Teve uma época que eu só ouvia música japonesa. Eu comecei a ouvir outras coisas e, sei lá, acabei largando de vez.

**Então você diria que talvez por conta dessa dinâmica da sua vida, das mudanças que estavam acontecendo na sua vida... *Johnny's* foi uma coisa que não vingou muito nessa nova fase.**

É! Não foi. Ficou pra trás.

**E o que foram as coisas que aconteceram? Foi só a mudança? Foi a mudança, você se formou... Teve mais alguma coisa?**

Era tipo, tudo junto. Sabe, aconteceu muita coisa tudo junto. Eram coisas que eu nem lembro assim, sei lá. Aí acabou que foi um choque. Acho que foi isso. Foi uma época assim que eu também estava meio que numa *bad*... Não tava no melhor momento da minha vida. E aí acabou que... Sei lá.

**E aconteceu alguma coisa específica para você não estar bem?**

Não que eu lembre. Na verdade eu estava triste por estar me mudando de Brasília para Porto Alegre, acho que isso foi o que me deixou muito mal. E acabei que fiquei meio chateada com o mundo. (risos)

**Após deixar de ser fã, você enxerga seu comportamento em relação a JE de outra maneira? Se sim, poderia escrever um pouco a respeito?**

Sim. Ah, não sei. Não digo... É que eu acho normal. Sabe, fases da vida? Pra um adolescente é normal você gostar de uma banda, se dedicar assim... Hoje em dia os adolescentes também fazem isso. Mas sei lá, às vezes eu fico pensando principalmente em termos de ficar gastando dinheiro assim... Na época eu só fazia estágio e gastava todo o dinheiro que eu ganhava com coisas desses caras. E aí eu ficava tipo... Podia ter investido meu dinheiro em alguma coisa melhor. Mas no mais, acho que era normal. Fases da vida.

**Você acha que se fosse *Johnny's* ou fosse qualquer outra banda que você resolvesse se dedicar, seria a mesma coisa?**

Sim.

**Você ainda, esporadicamente, tem vontade de acompanhar alguma atividade de seu grupo favorito?**

Nossa, acho que ficou totalmente pra trás. A última vez que eu vi alguma coisa acho que foi no ano passado, que eu dei uma pesquisada assim muito por cima. Não só NEWS, que era o grupo que eu acompanhava mais, mas tipo de tudo. Hoje em dia eu não sei, não sei, não sei. Não sei quais são os grupos mais populares agora. Se tivessem me falado assim "Olha, acabou tudo. Fecharam a

empresa e cada um foi pra um canto”, eu só ficaria surpresa de descobrir isso hoje.

**Por que você escolheu NEWS?**

Não. Na época eu gostava assim... Não sei, eu gostava do grupo todo.

**Você gostava da formação do grupo ou do estilo?**

É, eu falo da formação do grupo, das músicas, do estilo... Hoje em dia eu penso “Poxa podia acompanhar um grupo melhor, tipo Kanjani8 assim.”. Não, eu acompanhava NEWS, cara. Que m\*\*\*. (risos). Não, eu achava eles (sic) até um grupo assim... Eles eram bons. Eles tinham umas músicas boas, tinham, enfim, os integrantes eram queridinhos assim, só que se você fosse comparar eles com outros grupos (da *Johnny’s*), por exemplo, com KAT-TUN que também eram seis. Se você for parar pra comparar, na época mesmo eu gostava muito deles e não admitia, mas era uma coisa assim que eu sabia... O KAT-TUN mesmo, eles eram muito melhor administrados, eles tinham uma imagem muito melhor trabalhada, então a base deles era muito melhor. Se tu for parar pra analisar friamente essa questão do trabalho, não só *idol*, os integrantes ali. Porque a estrutura era quase a mesma. Mas enfim, eles eram melhores.

**Você gostava do NEWS só por que... Você gostou?**

Pois é, gostei. Alguma coisa ali me chamou a atenção e até hoje eu não sei o que, mas eu gostava.

**Hoje em dia, você ainda acha que eles são talentosos, agora que você deixou de ser fã?**

Ah, tem lá o seu valor. Mas não é mais aquela coisa assim “Ai meu Deus, nossa... que voz linda, ai como atua bem”. Não, sabe? Eles fazem as coisas direitinho, mas não são tudo isso.

**Como você enxerga esse universo dos ídols japoneses, essa indústria?**

É interessante, sabe? A maneira como eles produzem todo um universo em volta desses caras para... Enfim, estão vendendo um produto ali. E acho que é muito bem construído, assim. Apesar de que eu acho que as vezes seja muito... Talvez seja uma questão de cultura também, mas eu não curto porque eu não acompanho faz muitos anos. Mas hoje em dia eu entendo quando as pessoas vêem algumas coisas e ficam “Ah, que horror”, porque tem coisas que são meio exageradas. Não sei se hoje em dia eu gostaria de ver esse tipo de coisa. Mas de uma forma geral, é bem construído assim tudo.

**Você acha que é realmente uma grande indústria que eles constroem para atrair os fãs?**

Sim, sim, com certeza. É tudo muito bem trabalhado. Isso não dá pra negar.

**E hoje em dia, como você enxerga que você estava inserida nessa indústria? Qual era a sua participação?**

Ah... Consumindo esses produtos e gastando o pouco dinheiro que eu tinha na época (risos). Acho que é isso.

**Gostaria de acrescentar alguma coisa sobre a visão do seu “eu” como fã, visto pelos olhos do seu “eu” atual? Por exemplo, se você se arrepende, se foi uma boa fase da sua vida, como você se sentia antes e agora...**

Ah, não me arrependo porque como eu te falei é normal da idade. Achava bem normal, bem apropriado pra época que eu tava vivendo ser fã de alguma coisa, que no caso eu escolhi esses grupos aí. Não sei se eu falaria alguma coisa para mim mesma na época... Mentira, falaria sim. Pra não ficar ouvindo só música japonesa, eu diria que era pra ouvir outras coisas, porque depois que eu comecei a ouvir outras coisas eu ficava pensando “Nossa, que legal essa música nova” e me falavam “Essa música foi lançada em 2008”. Eu vivia em uma bolha, sabe? Talvez eu fosse meio alienada. Queria ser menos alienada, talvez. Acho que é isso.

**Então é isso. Acho que acabou (risos). Obrigada pela participação.**  
Peço desculpas por enrolar tanto nas respostas, espero ter ajudado.

**Não, era isso que eu precisava mesmo, de uma pessoa que falasse bastante porque é justamente o que você está falando que é o meu objeto de pesquisa. Então muito obrigada pela contribuição, pelo seu tempo, me ajudou muito.**  
Que bom, então! De nada.